

BLAKE PIERCE

RAZÃO
PARA SE
ESCONDER

UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 3



RAZÃO PARA SE ESCONDER

(UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 3)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright © 2017 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright Dimedrol68, usada sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro nº1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro nº2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro nº4)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro nº1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro nº2)

ÍNDICE

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE

PRÓLOGO

Quando saiu pelo terreno vazio, o amanhecer estava levando embora o último suspiro da noite. Uma chuva fina caíra na noite anterior, criando uma névoa que tomava conta do lugar. Ele caminhou vagarosa e metodicamente, como se fizesse aquilo todas as manhãs.

Por todos os lados havia fundações de casas—casas que nunca seriam finalizadas. Ele supôs que as estruturas haviam sido feitas cinco ou seis anos atrás, e abandonadas quando a crise imobiliária chegou. Por alguma razão aquilo o irritava. Foram muitas promessas para uma família e um construtor, que acabaram falhando miseravelmente no fim.

Contra a névoa, ele parecia magro—magro e alto, como um espantalho vivo. Seu casaco preto misturava-se perfeitamente com o cinza claro do local. Era uma cena etérea, que o fez sentir-se como um fantasma. Aquilo o fez sentir-se uma lenda, quase invencível. Sentia-se como se fosse uma parte do mundo, e o mundo uma parte de si.

Mas não havia nada natural em sua presença ali. Na verdade, ele havia planejando aquilo por semanas. Meses, na verdade. Os anos anteriores haviam apenas passado, levando-o em direção àquele momento.

Caminhou pela névoa e escutou a cidade. A confusão e agitação estavam, talvez, a um quilômetro de distância. Ele estava em uma parte esquecida da cidade, pobre, um lugar que sofrera um colapso econômico. Muitos sonhos e esperanças espalhavam-se por aquele chão coberto pelo nevoeiro.

Aquilo tudo o fez querer queimar.

Pacientemente, ele esperou. Andou de um lado para o outro sem nenhuma razão aparente. Caminhou pela calçada da rua vazia e depois pela área de construção entre as casas que nunca foram terminadas. Olhou em volta, esperando que outro vulto aparecesse na névoa. Sabendo que o universo o enviaria.

Finalmente, apareceu.

Mesmo antes do vulto tornar-se totalmente visível, ele podia senti-lo através da luz fraca do amanhecer e da névoa escorregadia. O vulto era feminino.

Era o que ele estava esperando. O destino estava o ajudando.

Com seu coração batendo forte no peito, caminhou para frente, fazendo seu melhor para parecer calmo e natural. Abriu a boca para começar a

chamar por um cachorro que não estava ali. Na névoa, sua voz não parecia ser sua; estava escassa e oscilante, como um fantasma.

Colocou a mão no bolso de seu casaco longo e puxou uma guia retrátil para cães que havia comprado no dia anterior.

- Pea, querida! – Chamou.

Era o tipo de nome que confundiria quem estivesse passando antes que a pessoa tivesse tempo para realmente olhar pela segunda vez.

- Pea, querida!

A figura da mulher chegou mais perto, caminhando pela névoa. Ele viu que ela tinha seu próprio cachorro e estava levando-o para uma caminhada matinal. O animal era de uma das menores raças, do tipo que mais parecia um rato. Claro, ele tinha essa informação sobre ela. Ele sabia praticamente tudo sobre sua programação pela manhã.

- Está tudo bem? – A mulher perguntou.

Ele conseguia ver o rosto dela agora. Ela era muito mais jovem que ele. Vinte anos, pelo menos.

Segurou a guia vazia e deu um sorriso triste para a mulher.

- Minha cachorra se perdeu. Tenho certeza que ela veio nessa direção, mas não consigo escuta-la.

- Ah, que pena – disse a mulher.

- Pea, querida! – Ele gritou novamente.

Aos pés da mulher, seu pequeno cachorro levantou uma perna e urinou. A mulher pareceu quase nem perceber. Ela estava olhando para ele agora. Seus olhos pareciam estar lhe reconhecendo. Ela inclinou a cabeça. Um sorriso incerto apareceu em sua boca. Ela deu um pequeno passo atrás.

Ele colocou a mão no outro bolso do casaco e segurou o martelo que estava escondido ali. Tirou o objeto do bolso com uma velocidade que surpreendeu até a si mesmo.

Usou o martelo para golpeá-la com força na cabeça. O som do golpe no terreno quieto, em meio a névoa, foi quase imperceptível. *Pou!*

Os olhos dela pararam. Quando ela caiu no chão, traços do sorriso tímido ainda estavam em sua boca.

Seu pequeno cachorro chorou sobre ela e olhou para ele, latindo pateticamente. Ele caminhou na direção do cachorro e rosnou de leve. O cão urinou um pouco mais, recuou e depois correu pelo terreno, com a coleira balançando atrás dele.

Ele colocou no bolso o martelo e a guia inútil. Depois, por um momento, olhou para baixo, para o corpo dela, e vagarosamente a alcançou. O único som que se escutava era o latido do cachorro, ecoando sem fim em meio à névoa da manhã.

CAPÍTULO UM

Avery colocou a última das caixas no chão do novo apartamento de sua filha e sentiu vontade de chorar. O caminhão de mudanças tinha deixado a rua cinco minutos atrás e já não havia mais volta: Rose tinha um apartamento próprio. Avery sentiu um buraco crescendo em seu estômago: aquilo era totalmente diferente de tê-la morando em um dormitório universitário, onde havia amigos em todas as esquinas, além da segurança da polícia do campus.

Rose moraria sozinha agora. E Avery ainda não aceitara isso. Muito pouco tempos atrás, Rose estivera em perigo por conta do último caso de Avery—e aquilo era algo pelo qual ela ainda se culpava muito. Algo que a fizera sentir-se uma decepção como mãe e a deixara muito assustada por sua filha. E não era qualquer coisa que assustava uma detetive de homicídios como ela.

Ela tem dezoito anos, Avery pensou. Você não pode segura-la para sempre, especialmente porque você não a segurou por perto quase nunca, para não dizer nunca, enquanto ela estava crescendo.

Como Rose crescera tão rápido? Como ela se tornara uma mulher tão linda, independente e focada? Avery certamente não tinha méritos nisso, já que estivera ausente da maior parte da vida de sua filha.

Apesar de tudo, sentiu-se orgulhosa ao ver sua filha tirar as próprias louças das caixas e coloca-las em seu próprio armário. Apesar da infância e da adolescência tumultuadas pelas quais passara, Rose havia conseguido. O futuro havia chegado, e começado com ela colocando suas louças de lojas de 1,99 nos armários de seu primeiro apartamento.

- Estou orgulhosa de você, amor – Avery disse. Ela caminhou entre as muitas caixas que ocupavam o piso da sala.

- Pelo que? – Rose disse.

- Por sobreviver – Avery respondeu, rindo. – Eu sei que eu não tornei as coisas fáceis para você.

- Você não. Mas o pai tornou. E isso não é uma indireta para você.

Avery sentiu uma pontada de tristeza.

- Eu sei.

Avery sabia que admitir tal coisa era difícil para Rose. Ela sabia que sua filha ainda estava tentando encontrar uma base sólida para a relação delas. Para uma mãe e filha tipicamente distantes, a reconciliação já seria difícil.

Mas ambas haviam passado por tempos horríveis ultimamente. Rose fora perseguida por um assassino em série e obrigada a mudar-se para um abrigo secreto, enquanto Avery estava lutando contra um estresse pós-trauma depois de correr pelo resgate da filha. Havia obstáculos enormes para ultrapassar. E até algo simples como levar caixas para o novo apartamento da filha era um passo enorme no caminho da reconciliação. E Avery queria se reconciliar mais do que tudo.

Dar aquele passo requeria algum tipo de normalidade—uma normalidade que não estava sempre disponível no mundo de uma detetive obcecada pelo trabalho.

Ela juntou-se a Rose na cozinha e a ajudou a abrir as caixas com a etiqueta “cozinha”. Enquanto elas trabalhavam juntas para esvaziar as caixas, Avery sentiu-se quase chorando novamente.

Que porra é essa? Desde quando eu sou tão emotiva?

- Você acha que vai ficar bem? – Avery perguntou, fazendo o possível para continuar a conversa. – Aqui não é como um dormitório da faculdade. Você está definitivamente por conta própria. Você está pronta depois... bem, depois de tudo que passou?

- Sim, mãe. Eu não sou mais uma garotinha.

- Bem, isso está bem claro.

- Além disso - Rose disse, colocando a última louça de lado e empurrando a última caixa, - eu não estou mais totalmente sozinha.

Ali estava. Rose estivera um pouco distraída ultimamente, mas também bem humorada, e um bom humor notável era algo raro para Rose Black. Avery havia pensado que poderia haver um garoto envolvido que abrisse uma caixa completamente diferente com a qual ela não estava preparada para lidar. Ela havia perdido o período de conversas com Rose, os detalhes de seu primeiro namoradinho, a primeira dança e primeira beijo. Agora que estava sabendo de um possível amor da vida de sua filha de dezoito anos, ela entendeu quanta coisa tinha perdido.

- Como assim? – Avery perguntou.

Rose mordeu os lábios, como se tivesse se arrependido de dizer aquilo.

- Eu... bem, acho que eu conheci alguém.

Ela disse aquilo casualmente e sem muita atenção, mostrando claramente que não tinha interesse em falar sobre o assunto.

- Ah, sério? – Avery perguntou. – Quando foi isso?

- Quase um mês atrás – Rose respondeu.

Exatamente o mesmo tempo que tenho notado ela com um humor melhor, Avery pensou. Às vezes era difícil entender como suas habilidades de detetive invadiam sua vida pessoal.

- Mas... Ele não vai morar aqui, vai? – Avery perguntou.

- Não, mãe. Mas pode ser que ele venha bastante aqui.

- Isso não é o tipo de coisa que a mãe de uma garota de dezoito anos quer ouvir – Avery disse.

- Meu Deus, mãe. Está tudo bem.

Avery sabia que deveria parar por ali. Se Rose quisesse conversar com ela sobre esse cara, faria quando achasse melhor. Pressiona-la tornaria tudo pior.

Mas, novamente, seu instinto profissional se sobrepôs e ela não pode deixar de fazer mais perguntas.

- Posso conhece-lo?

- Uou, claro que não. Pelo menos por enquanto.

Avery percebeu a oportunidade de ir mais a fundo na conversa—a estranha conversa sobre sexo seguro e o risco de doenças e gravidez na adolescência. Mas ela sentiu quase como se não tivesse o direito, dada a relação tensa entre as duas.

Sendo uma detetive de homicídios, no entanto, era impossível *não* se preocupar. Ela conhecia os homens lá fora. Havia visto não apenas assassinos, mas muitos casos de abuso doméstico. E mesmo que aquele cara na vida de Rose pudesse ser um perfeito cavalheiro, era muito mais fácil para Avery pensar que ele era uma ameaça.

De alguma forma, no entanto, ela não deveria confiar nos instintos da filha? Não tinha acabado de elogiar a filha por quem ela havia se tornado apesar de tudo?

- Tome cuidado – Avery disse.

Rose estava claramente envergonhada. Ela virou os olhos e começou a mexer nos DVDs na pequena sala que ficava junto à cozinha.

- E você? – Rose perguntou. – Você não cansa de ficar sozinha? Sabe... Papai ainda está solteiro, também.

- Eu sei disso – Avery disse. – Mas não é da minha conta.

- Ele é seu ex-marido – Rose enfatizou. - E é meu pai. Então, sim, ele é da sua conta. Pode te fazer bem vê-lo.

- Não seria bom para nenhum de nós – Avery respondeu. – Se você perguntar para ele, tenho certeza que ele vai responder a mesma coisa.

Avery sabia que aquilo era verdade. Mesmo que eles nunca tivessem conversado sobre retomar a relação, havia um acordo velado entre os dois— algo que eles sentiam no ar desde que ela perdera seu trabalho como advogada e basicamente arruinara sua vida nas semanas seguintes. Eles tolerariam um ao outro por Rose. Ainda que houvesse sentimentos mútuos de amor e respeito, os dois sabiam que não havia volta. Jack só estava preocupado com a mesma coisa que Avery. Ele queria que ela passasse mais tempo com Rose. E cabia a ela descobrir uma maneira de fazer isso. Ela passara algum tempo pensando em um plano pelas últimas semanas e, mesmo que aquilo fosse requerer sacrifícios de sua parte, ela estava pronta para tentar.

Percebendo que o assunto delicado sobre Jack já estava passando, como uma nuvem de tempestade, Avery tentou tocar no assunto do sacrifício. Não havia como falar daquilo indiretamente, então ela simplesmente iniciou a conversa.

- Estava pensando em pedir uma carga de trabalho mais leve para os próximos meses. Eu acho que deveria mesmo dar uma chance de verdade para as outras coisas.

Rose parou por um minuto. Ela parecia realmente surpresa. Assentiu sutilmente e voltou a mexer nas caixas. O único som que fez foi um pequeno “hum”.

- O que foi? – Avery perguntou.

- Mas você ama seu trabalho.

- Amo – Avery concordou, - mas estive pensando em sair do departamento de homicídios. Se eu fizer isso, vou ter que trabalhar um pouco menos.

Rose parou completamente de mexer nas caixas. Ela fez diferentes expressões em poucos segundos. Avery ficou feliz em ver que uma delas parecia ser uma expressão de esperança.

- Mãe, você não tem que fazer isso. – A voz dela era leve e indefesa, quase como a da garotinha que Avery se lembrava facilmente. – Isso é quase como arrancar sua vida pela raiz.

- Não, não é. Estou ficando mais velha e percebendo que eu perdi um monte de coisas familiares. É isso o que eu preciso para seguir em frente, para ser melhor.

Rose sentou-se no sofá, cheio de caixas e roupas jogadas. Ela olhou para Avery, com a expressão de esperança ainda no rosto.

- Você tem certeza de que é isso o que você quer? – Ela perguntou.
- Não sei. Talvez.
- Além disso - Rose disse, - eu sei de onde vem minha habilidade incrível de trocar de assunto. Você saiu rapidamente do tema de estar sozinha sempre.

- Você percebeu, né?
- Sim. E para ser sincera, acho que meu pai também.
- Rose—

Rose virou-se para ela.

- Ele sente sua falta, mãe.

Avery congelou. Ficou parada, quieta por um momento, sem poder responder.

- Eu sinto falta dele às vezes também – admitiu. – Mas não o suficiente para ligar para ele e escavar o passado.

Ele sente sua falta, mãe.

Avery deixou aquelas palavras a invadirem. Ela dificilmente pensava em Jack em qualquer sentido romântico. No entanto, havia dito a verdade: Ela *sentia* a falta dele. Falta do estranho senso de humor de Jack, da maneira como o corpo dele parecia sempre um pouco gelado demais pela manhã, como a necessidade dele de sexo era quase engraçada de tão previsível. Mais do que tudo, no entanto, ela sentia falta de ver como ele era um excelente pai. Mas tudo aquilo havia passado e era parte de uma vida que Avery estava tentando fortemente deixar para trás.

Ainda assim, ela não pode deixar de imaginar como tudo poderia ter sido, percebendo que tivera a chance de uma vida excelente. Uma vida com cercas de piquete, arrecadação de fundos para a escola e tardes preguiçosas de domingo no quintal.

Mas a chance para aquilo tudo já era. Rose havia perdido aquele cenário dos sonhos e Avery ainda se culpava.

- Mãe?

- Desculpe, Rose. Só não vejo eu e seu pai consertando as coisas, sabe? Além disso – ela continuou, respirando fundo e preparando-se para a reação de Rose, - talvez você não seja a única que conheceu alguém.

Rose virou-se para ela, e Avery ficou aliviada ao ver seu sorriso. Ela olhou para sua mãe com o sorriso maroto que amigas trocavam em coquetéis enquanto falavam sobre homens. Aquilo esquentou o coração de Avery de uma maneira que ela não estava preparada, nem conseguiria explicar.

- Que? – Rose perguntou, fingindo surpresa. – Você? Detalhes, por favor.
- Não tem detalhes ainda.
- Hum... Quem é ele?

Avery riu, percebendo quão bobo seria aquilo. Ela quase não disse nada. Afinal, ela mal havia dito para o homem o que sentia. Contar algo para sua filha era um pouco surreal.

Ainda assim, ela e Rose estavam progredindo. Não fazia sentido esconder as informações apenas por sua vergonha de sentir algo por um homem que não fosse o pai de Rose.

- É um homem que trabalha comigo. Ramirez.
- Vocês já se pegaram?
- Rose!

Rose deu de ombros.

- Ei... Você queria uma relação aberta e honesta com sua filha, certo?
- Sim, acho que sim – ela disse, sorrindo. – E não... nós não *nos* pegamos. Mas eu estou afim dele. Ele é bacana. Engraçado, sexy, e tem um tipo de charme nele que antes me irritava, mas agora... é atraente.

- Ele sente o mesmo por você? – Rose perguntou.

- Sente. Ou... sentia. Acho que estraguei tudo. Ele foi paciente, mas acho que a paciência dele acabou. – O que ela guardou para si mesma foi o fato de que havia decidido falar a Ramirez o que sentia, mas ainda não havia colocado os nervos no lugar para isso.

- Você fez ele se afastar? – Rose perguntou.

Avery sorriu.

- Caramba, você percebe as coisas.
- Estou te dizendo. Isso é genético.

Rose voltou a sorrir, parecendo ter esquecido das caixas por um instante.

- Vá em frente, mãe!
- Ah, meu Deus.

Rose riu e Avery a acompanhou. Aquele era facilmente o momento mais próximo das duas desde que elas haviam começado a tentar reparar seu relacionamento. De repente, a ideia de dar um passo atrás no esquadrão de homicídios e tirar algum tempo de folga do trabalho parecia uma necessidade ao invés de apenas uma ideia bacana.

- Você tem algo para fazer no final de semana? – Avery perguntou.
- Arrumar a casa. Talvez um encontro com o Ma—o cara que é melhor continuar sem nome por enquanto.

- Que tal um dia de garotas com sua mãe amanhã? Almoço, cinema, salão.

Rose torceu o nariz com a ideia, mas depois levou a ideia a sério.

- Posso escolher o filme?

- Você deve.

- Parece divertido. – Rose disse com uma ponta de excitação. – Pode contar comigo.

- Excelente – Avery disse. Depois, sentiu um instinto—uma necessidade de perguntar algo que pareceria estranho, mas seria fundamental para que a relação delas seguisse adiante. Ela sabia que o que estava prestes a perguntar para sua filha seria embaraçoso, mas, ao mesmo tempo, libertador.

- Então está tudo bem por você se eu seguir minha vida? – Avery perguntou.

- Como assim? – Rose perguntou. – Esquecer meu pai de vez?

- Sim. Seu pai e toda aquela parte da minha vida—uma parte da minha vida que deixou as coisas difíceis para todos nós. Uma grande parte de mim seguindo em frente, sem estar acorrentada pela culpa. E eu tenho que esquecer seu pai para isso. Eu sempre vou ama-lo e respeitá-lo por ter te educado enquanto eu não estava presente, mas tem uma grande parte da minha vida da qual eu preciso me libertar. Você me entende?

- Sim – Rose disse. Sua voz estava suave e indefesa novamente. Escutar aquilo fez com que Avery quisesse ir até o sofá para abraçá-la. – E você não precisa da minha permissão, mãe. – Rose continuou. – Eu sei que você está tentando. Eu estou vendo. Mesmo.

Pela terceira vez em quinze minutos, Avery sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. Ela suspirou e mandou embora a vontade de chorar.

- Como você se tornou uma pessoa tão boa? – Avery perguntou.

- Genética – Rose disse. – Você pode ter cometido alguns erros, mãe, mas você sempre foi foda.

Antes de que Avery tivesse tempo para formular uma resposta, Rose deu um passo a frente e a abraçou. Um abraço genuíno—algo que ela não recebia de sua filha há tempos.

Naquele momento, Avery deixou as lágrimas caírem.

Ela não conseguia lembrar da última vez em que havia se sentido tão feliz. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu como se estivesse realmente progredindo para escapar dos erros do passado.

Mais um grande passo seria dado falando com Ramirez e deixando-o saber que ela havia se cansado de esconder o que estava crescendo entre eles. Ela queria estar com ele—seja lá como fosse. De repente, com os braços de sua filha em sua volta, Avery mal podia esperar para conversar com ele.

Na verdade, ela esperava que fosse muito mais do que uma conversa. Esperava que eles acabassem fazendo muito mais do que apenas falar, deixando finalmente de lado a tensão construída entre os dois.

CAPÍTULO DOIS

Ela encontrou Ramirez três horas depois, logo depois do fim do turno dele. Ele havia atendido a ligação ansioso, mas parecia cansado. Por isso eles escolheram encontrar-se à beira do Rio Charles, em um dos muitos bancos com vista para a água na trilha de caminhada em volta do lado leste do rio.

Quando caminhou até o banco em que eles haviam combinado de se encontrar, Avery viu que ele acabara de chegar. Estava sentado, olhando para o rio. O cansaço em sua voz também estava em seu rosto. No entanto, ele parecia tranquilo. Ela havia percebido aquilo nele em muitas ocasiões, como ele ficava quieto e introspectivo sempre que presenciava uma vista panorâmica da cidade.

Ela se aproximou e ele virou-se quando escutou os passos. Ele mostrou seu sorriso e, assim, já não parecia cansado. Uma das muitas coisas que Avery gostava em Ramirez era como ele fazia ela se sentir sempre que olhava para ela. Era óbvio que havia mais do que uma simples atração ali; ele olhava para ela com apreciação e respeito. Isso, somado ao fato de que ele dizia que ela era linda rotineiramente, fez com que ela se sentisse mais segura e desejada do que podia lembrar.

- Dia longo? – Avery perguntou quando sentou-se no banco.

- Não muito – Ramirez disse. – Cheio de trabalho normal. Queixas de barulho. Uma briga em um bar com um pouco de sangue. E olha que merda, recebi até uma chamada sobre um cachorro que tinha perseguido uma criança árvore acima.

- Uma criança?

- Uma criança – Ramirez disse. – A glamurosa vida de um detetive quando a cidade está quieta e chata.

Os dois olharam para o rio em um silêncio que, durante as últimas semanas, começara a se tornar confortável. Mesmo que não tivessem algo sério, eles haviam começado a apreciar o tempo juntos, que não se limitava apenas a conversar por conversar. Devagar e de propósito, Avery segurou a mão dele.

- Você quer caminhar comigo?

- Claro – ele disse, apertando a mão dela.

Até dar as mãos era algo enorme para Avery. Ela e Ramirez davam as mãos frequentemente e haviam se beijado rapidamente em algumas poucas ocasiões—mas segurar a mão dele intencionalmente era algo que a tirava da zona de conforto.

Mas está ficando confortável, ela pensou quando eles começaram a caminhar. *Uou, está confortável já faz um tempo.*

- Você está bem? – Ramirez perguntou.

- Sim – ela disse. – Tive um dia muito bom com a Rose.

- Está tudo voltando ao normal por lá? – Ele perguntou.

- Longe do normal – Avery disse. – Mas estamos chegando lá. E falando em chegar lá...

Ela parou, pensando porque era tão difícil para ela dizer o que queria. Por conta de seu passado, sabia que era alguém forte emocionalmente. Então por que era tão difícil expressar seus sentimentos em momentos importantes?

- Vai parecer brega – Avery disse. – Então por favor tenha paciência comigo e lembre-se da minha vulnerabilidade.

- Tudo bem... – Ramirez disse, claramente confuso.

- Eu sei, já faz um bom tempo, que eu preciso mudar algumas coisas. Uma grande parte disso está em consertar as coisas com a Rose. Mas há outras coisas também. Coisas que eu fico amedrontada em admitir para mim mesma.

- Tipo o que? – Ramirez disse.

Ela podia ver que ele estava ficando um pouco desconfortável. Eles haviam sido sinceros um com o outro antes, mas nunca a esse ponto. Estava sendo mais difícil do que ela esperava.

- Olhe... Eu sei que eu praticamente estraguei tudo entre a gente – Avery disse. – Você mostrou muita paciência e entendimento enquanto eu fiz tudo errado. E eu sei que eu continuei te atraindo por um tempo para depois te afastar.

- Se você quer que eu confirme, sim – Ramirez disse com um pouco de ironia.

- Eu não posso me desculpar o suficiente por isso – Avery disse. – E se você puder encontrar no seu coração um espaço para perdoar minha hesitação e meus medos... Eu realmente gostaria de ter uma nova chance.

- Uma chance para o que? – Ramirez disse.

Ele vai me fazer dizer, ela pensou. *E eu acho que mereço esse tratamento.*

A tarde estava virando noite e havia apenas poucas pessoas nas trilhas ao redor do rio. A cena era pitoresca, como naqueles filmes que ela geralmente odiava assistir.

- Uma chance para *nós* – Avery disse.

Ramirez parou de caminhar, mas continuou segurando a mão dela. Ele olhou para ela com seus olhos castanho escuro e seguiu fitando-a.

- Não pode ser uma chance – ele disse. – Tem que ser algo real. Algo seguro. Não posso continuar deixando você ir e voltar, fazendo com que eu sempre tenha que adivinhar.

- Eu sei.

- Então, se você puder me explicar o que você quer com *nós*, eu vou pensar sobre isso.

Ela não conseguia perceber se ele estava falando sério ou somente dificultando as coisas. Desviou o olhar e apertou as mãos dele.

- Droga – ela disse. – Você vai tornar isso ainda mais difícil para mim, não vai?

- Bem, eu acho que—

Ela o interrompeu com um beijo. No passado, os beijos entre eles haviam sido rápidos, estranhos, cheios de sua hesitação habitual. Agora, porém, ela se perdera no beijo. Juntou os corpos o mais perto possível e o beijou com a maior paixão que ela havia posto em um contato físico desde seu último ano feliz de casamento com Jack.

Ramirez não tentou evitar nada. Ela sabia que ele queria aquilo também e podia sentir sua ansiedade.

Eles se beijaram como adolescentes apaixonados ao lado do Rio Charles. Um beijo macio, quente, que acabava com a frustração sexual que houvera entre eles por muitos meses.

Com as línguas juntas, Avery sentiu uma onda de energia passando por ela—uma energia que ela queria usar de uma maneira muito específica.

Ela interrompeu o beijo e colocou sua testa em frente a dele. Eles se olharam por muitos segundos na mesma posição, aproveitando o silêncio e o peso do que haviam acabado de fazer. Uma linha fora ultrapassada. E no silêncio tenso, ambos sentiram que ainda havia muitas linhas para cruzar.

- Você tem certeza disso? – Ramirez perguntou.

- Sim. E eu sinto por ter levado tanto tempo para perceber.

Ele puxou ela para perto e a abraçou. Ela sentiu um alívio no corpo, como se um grande peso tivesse ido embora.

- Eu quero tentar – Ramirez disse.

Ele interrompeu o abraço e a beijou novamente, de leve, no canto da boca.

- Acho que precisamos celebrar essa ocasião. Você quer jantar?

Ela suspirou e sorriu. Já havia quebrado uma barreira emocional ao confessar seus sentimentos para ele. Que mal faria continuar sendo completamente honesta com ele agora?

- Eu acho mesmo que nós temos que celebrar – ela disse. – Mas agora, nesse momento, não estou tão interessada em jantar.

- Então o que você quer fazer? – Ele perguntou.

A pergunta foi mais do que charmosa. Ela inclinou-se e sussurrou na orelha dele, aproveitando a sensação de seu toque e o cheiro de sua pele.

- Vamos para a sua casa.

Ele se afastou e olhou para ela com o mesmo ar sério de antes, mas agora havia algo a mais. Era algo que ela havia visto nos olhos dele algumas vezes —algo que parecia muito com excitação e vinha de uma necessidade física.

- Sim? – Ele disse, sem certeza.

- Sim – ela respondeu.

Enquanto caminhavam pela grama em direção ao estacionamento onde ambos haviam deixado seus carros, riram como crianças. Avery não conseguia lembrar da última vez em que se sentira tão animada e livre.

A paixão que haviam sentido enquanto caminhavam à beira do rio ainda estava presente quando Ramirez abriu a porta de seu apartamento. Havia uma parte de Avery que queria pular em cima dele naquele momento, antes mesmo que ele tivesse tempo para fechar a porta. Eles haviam se acariciado durante todo o caminho até o apartamento e agora que estavam ali, Avery sentia que estava à beira de algo incrível.

Quando Ramirez fechou e trancou a porta, Avery surpreendeu-se com o fato de que ele não foi diretamente na direção dela. Ao invés disso, ele passou pela sala e foi até a cozinha, onde serviu a si mesmo um copo d'água.

- Quer água? – Ele perguntou.

- Não, obrigada. – Ela respondeu.

Ele bebeu de seu copo e olhou pela janela da cozinha. A noite havia chegado e as luzes da cidade refletiam no vidro.

Avery juntou-se a ele na cozinha e, brincando, tirou o copo d'água da mão dele.

- O que foi? – Ele perguntou.

- Você... Bem, você mudou de ideia sobre mim? – Ela perguntou. – Toda a espera te fez parar de me desejar?

- Claro que não – ele disse, e colocou seus braços em volta da cintura dela, enquanto Avery viu que ele estava buscando as palavras certas.

- Podemos esperar – ela disse, torcendo para que ele não concordasse.

- Não – ele disse, rapidamente. – É que... Merda, não sei.

Aquilo fora uma surpresa para Avery. Com todo o flerte e as conversas sedutoras nos últimos meses, ela estava certa de que ele seria até um pouco agressivo quando e se aquela hora chegasse. Mas agora, ele parecia inseguro sobre si mesmo—quase nervoso.

Ela inclinou-se e o beijou no canto do rosto. Ele suspirou e se inclinou na direção dela.

- O que foi? – Ela perguntou, com os lábios encostando na pele dele enquanto falava.

- É que isso tudo é de verdade agora, sabe? Não é algo de uma noite só. É de verdade. Eu me preocupo muito com você, Avery. Mesmo. E eu não quero apressar as coisas.

- Nós estivemos ensaiando esse momento pelos últimos quatro meses – ela disse. – Não acho que isso seja se apressar.

- Bem pensado – ele disse, e a beijou na bochecha, depois no pedacinho do ombro que a camiseta dela mostrava. Seus lábios depois encontraram o pescoço dela e quando ele a beijou ali, ela pensou que fosse cair no chão no mesmo momento, trazendo ele consigo.

- Ramirez? – Ela disse, ainda evitando, de brincadeira, o primeiro nome dele.

- Sim? – Ele perguntou, com seu rosto no pescoço dela, dando beijos.

- Me leve para a cama.

Ele a puxou para perto, levantou-a, e a deixou colocar suas pernas em volta da cintura dele. Eles começaram a se beijar e depois ele a obedeceu. Devagar, a carregou para o quarto e, quando fechou a porta, Avery nem chegou a ouvir, de tão perdida que estava no momento.

Tudo o que ela conseguia sentir eram as mãos, boca e corpo em forma dele junto ao dela quando ele a colocou na cama.

Ele interrompeu um longo beijo para perguntar:

- Você tem certeza disso?

E se ela precisava de mais uma razão para quere-lo, ali estava. Ele realmente se preocupava com ela e não queria estragar o que eles sentiam um pelo outro.

Ela assentiu e o empurrou para debaixo dela.

Depois, por um tempo, ela não era uma detetive de homicídios frustrada, nem uma mãe atrapalhada ou uma filha que assistira sua mãe morrer nas mãos de seu pai. Ela era apenas Avery Black... uma mulher como qualquer outra, aproveitando os prazeres que a vida podia oferecer.

Ela quase havia quase se esquecido de como era aquilo.

Assim que começou a se acostumar novamente com aqueles prazeres, prometeu a si mesma que nunca mais se permitiria esquece-los novamente.

CAPÍTULO TRÊS

Avery abriu os olhos e viu o teto desconhecido sobre sua cabeça. A luz fraca do amanhecer entrou pela janela do quarto, alcançando seu corpo quase nu. A luz também mostrou o corpo nu de Ramirez ao lado dela. Ela virou-se e sorriu, com sono. Ele ainda estava dormindo, com o rosto virado para o lado contrário dela.

Eles haviam feito amor duas vezes na noite anterior, com um intervalo de duas horas entre cada uma para um rápido jantar, e para discutir como aquilo poderia complicar sua relação profissional se eles não tomassem cuidado. Era quase meia noite quando eles haviam finalmente deitado lado a lado. Avery estivera sonolenta e não conseguia lembrar quando pegara no sono, mas lembrava-se do braço dele em sua cintura.

Ela queria aquilo novamente... Aquele sentimento de ser desejada e estar segura. Pensou em passar seus dedos pela coluna dele (e talvez outros lugares também) apenas para acordá-lo para que ele pudesse abraçá-la.

Mas ela não teve essa chance. O sinal de mensagem de seu telefone tocou. O de Ramirez também. No mesmo momento, em uma ocasião que só poderia ter um significado: era algo relacionado ao trabalho.

Ramirez sentou-se rapidamente. Naquele momento, o lençol caiu e revelou tudo. Avery olhou, sem conseguir segurar a si mesma. Ele pegou seu telefone do criado mudo e olhou-o com seus olhos claros. Enquanto fez isso, Avery procurou seu próprio telefone na pilha de roupas no chão.

A mensagem era de Dylan Connelly, o supervisor do departamento de homicídios do A1. Do jeito típico de Connelly, o texto ia direto ao ponto.

*Corpo encontrado. Muito queimado. Pode ter trauma na cabeça.
Vá para o terreno de construções abandonadas na Kirkley St. AGORA.*

- Bem, essa é uma boa maneira de acordar pela manhã – ela resmungou.
Ramirez saiu da cama, ainda completamente nu, e a puxou para o chão junto com ele. Puxou-a para perto e disse:

- Sim, esse é um bom jeito de acordar.

Ela inclinou-se na direção dele, um pouco assustada pela sensação de realização que tomava conta dela naquele momento. Resmungou novamente e levantou-se.

- Merda – ela disse. – Vamos chegar atrasados na cena do crime. Preciso pegar meu carro e ir até em casa para trocar de roupa.

- Vai dar tudo certo – Ramirez disse enquanto se vestia. – Vou responder a mensagem daqui a pouco, quando estivermos indo até o seu carro. Você ignora a sua. Talvez o som da mensagem não te acordou. Talvez eu te liguei para te acordar.

- Parece ilusório – ela disse, colocando sua camiseta.

- É *inteligente*, isso sim.

Eles sorriram um para o outro e terminaram de se vestir. Depois, foram ao banheiro, onde Avery fez seu melhor para arrumar seu cabelo enquanto Ramirez escovava os dentes. Eles correram para a cozinha e Avery puxou dois potes de cereal.

- Como você pode ver – ela disse, - eu sou uma cozinheira e tanto.

Ele a abraçou por trás e respirou em seu pescoço.

- Vai ficar tudo bem com a gente? – Ele perguntou. – Nós vamos fazer dar certo, né?

- Acho que sim – ela disse. – Vamos sair lá fora e tentar.

Eles comeram o cereal rapidamente, levando mais tempo olhando um para o outro, tentando descobrir a reação do outro sobre o que havia acontecido na noite anterior. Pelo que Avery podia ver, ele estava tão feliz quanto ela.

Eles saíram em direção à porta da frente, mas antes de fecha-la, Ramirez parou.

- Espere aqui dentro um pouco.

Confusa, ela voltou para dentro.

- Dentro – ele disse, - não estamos trabalhando. Não somos oficialmente parceiros, certo?

- Certo – Avery disse.

- Então posso fazer isso mais uma vez – ele disse.

Ele inclinou-se e a beijou. Um beijo estonteante, com força suficiente para fazer os joelhos dela tremerem um pouco. Ela, brincando, o empurrou.

- Como eu já disse antes – ela falou, - não comece se você não tem a intenção de terminar.

- Está certo – ele disse, e depois a levou para fora e fechou a porta atrás deles. – Ok, estamos trabalhando agora. Tome as rédeas, Detetive Black.

Eles seguiram o plano de Ramirez. Avery não respondeu a mensagem de Connelly pelos dezesseis minutos seguintes. Neste tempo, ela já estava quase em seu apartamento e ainda bastante atordoada pela maneira como tudo acontecera na noite anterior. Vestiu-se, pegou um café e saiu novamente em menos de dez minutos. O resultado do plano, claro, era chegar na Kirkley Street cerca de meia hora depois do que Connelly queria e imaginava.

Já havia muitos agentes no local. Todos rostos familiares, que ela conhecera e começara a respeitar desde que se tornara uma detetive de homicídios. As expressões em seus rostos naquela manhã a deram pistas de que aquele seria um longo dia.

Uma das pessoas que ela viu trabalhando foi Mike O'Malley. Ela achou alarmante o fato de o capitão estar por lá tão cedo. Como comandante da maior parte da polícia de Boston, ele raramente era visto na agitação de crimes rotineiros, não importando quão vis fossem. O'Malley estava conversando com dois agentes, sendo um deles Finley. Avery havia começado a respeitar Finley como agente, mesmo que ele fosse um tanto desinteressado para seu gosto.

Ela viu Ramirez ao longe. Ele estava conversando com Connelly no lado mais distante do terreno abandonado.

Enquanto caminhava até Ramirez e Connelly, ela analisou a cena da melhor maneira possível. Já havia estado naquela parte da cidade muitas vezes, mas nunca tinha prestado atenção de verdade. Era uma das muitas partes pobres daquela parte da cidade, uma área onde investidores entusiasmados haviam investido muito dinheiro, e depois visto as propriedades perderem seu valor e seus potenciais compradores irem embora rapidamente. Quando os esforços imobiliários acabaram, a área voltara a ruir. E parecia se encaixar nas redondezas.

Duas chaminés idênticas podiam ser vistas ao longe, surgindo como gigantes danificados. As duas soltavam pedaços de fumaça no ar, dando à manhã uma sensação sombria—mas apenas naquela parte da cidade. No outro lado do terreno abandonado, Avery podia ver a beira do que deveria ter sido um pequeno riacho promissor, que devia passar por trás das casas de classe média alta. Agora, o riacho já havia sido tomado pelas ervas daninhas e amoreiras. Sacolas de plástico, embalagens de salgadinho e outros tipos de lixo estavam em meio às ervas daninhas. A pequena margem

estava cheia de lama e descuidada, fazendo com que o lodo tomasse conta de boa parte do local.

De maneira geral, aquela havia se tornado uma parte da cidade em que quase ninguém seria feliz. Avery conhecia aquele sentimento: quando chegou perto de Ramirez e Connelly, o local instantaneamente a fez sentir-se queimando por dentro.

Uma área assim não pode ser uma coincidência, pensou. Se alguém matou ou deixou um corpo aqui, tem que haver algum significado... ou para o crime em si ou para o assassino.

Logo ao lado de Finley e Ramirez, um agente havia terminado de colocar pequenas estacas vermelhas para delimitar uma parte retangular do terreno. Quando Avery olhou para ver o que havia dentro da área demarcada, a voz de Connelly surgiu a seu lado, a poucos centímetros de distância.

- Porra, Black... Por que você demorou tanto?

- Desculpe – ela disse. – Não escutei o som da mensagem. Ramirez me ligou e me acordou.

- Bem, você não está atrasada porque estava arrumando o cabelo ou se maquiando, disse eu tenho certeza – Connelly enfatizou.

- Ela não precisa de maquiagem – Ramirez disse. – Essa merda é para meninashas.

- Obrigada pessoal – Avery disse.

- Que seja – Connelly tomou a palavra. – Então, o que você acha *disso*?

– Ele perguntou, apontando para o retângulo desenhado pelas estacas.

Dentro da área demarcada, ela viu o que pareciam ser restos humanos. A maior parte do que viu era uma estrutura de esqueleto, mas que parecia brilhar. Não havia como identificar a idade. Era com certeza um esqueleto que fora recentemente retirado de seu corpo. Em volta dele, algo que parecia ser cinzas e pó de carvão. Em alguns lugares, ela viu o que deveriam ser músculos e tecidos daquele esqueleto, principalmente em volta das pernas e costelas.

- Que porra aconteceu aqui? – Ela perguntou.

- Ora, boa pergunta para nossa melhor detetive começar o trabalho – Connelly disse. – Mas o que nós sabemos até agora é o seguinte: cerca de uma hora e quinze atrás, uma mulher que estava em sua corrida matinal nos ligou descrevendo algo que, segundo ela, parecia um ritual satânico. A ligação nos trouxe a isso.

Avery passou pelas marcas vermelhas e entrou na área demarcada. Uma hora e quinze minutos atrás. Isso significava que se a sujeira preta em volta do esqueleto fossem mesmo cinzas, o esqueleto estivera coberto com pele pelo menos uma hora e meia antes. Mas aquilo não parecia certo. Seria preciso muita determinação e planejamento para matar alguém e depois, milagrosamente, queima-lo até não sobrar nada, apenas ossos, em tão pouco tempo. Na verdade, ela pensou que isso seria quase impossível.

- Alguém tem luvas? – Ela perguntou.

- Um segundo. – Ramirez disse.

Enquanto ele foi até Finley e os outros agentes que haviam abrido espaço para Avery, ela também sentiu um cheiro no local. Era fraco, mas perceptível —um cheiro químico que parecia água sanitária no nariz.

- Alguém mais está sentindo isso? – Ela perguntou.

- Algo químico, certo? – Connelly perguntou. – Nós achamos que um incêndio induzido por químicos é o único jeito de queimar um corpo assim tão rápido.

- Eu não acho que o corpo foi queimado aqui – ela disse.

- Como você tem certeza? – Connelly perguntou.

Não tenho certeza, ela pensou. Mas a única coisa que faz sentido para mim em um primeiro momento para mim parece muito absurda.

- Avery— - Connelly disse.

- Um segundo – ela respondeu. – Estou pensando.

- Meu Deus...

Ela o ignorou, olhando para as cinzas e para o esqueleto com olhos investigativos. *Não... o corpo não pode ter sido queimado aqui. Não há marcas de queimadura em volta do corpo. Uma pessoa queimada iria se mexer e correr loucamente. Não tem mais nada queimado aqui. O único sinal de fogo são essas cinzas. Então por que um assassino queimaria um corpo e depois o traria para cá? Talvez seja aqui que ele raptou a vítima...*

Havia incontáveis possibilidades. Uma delas, Avery pensou, era que talvez aquele esqueleto fosse propriedade de algum laboratório, em algum lugar, e aquilo era apenas uma brincadeira estúpida e idiota. Mas dada a localização e estado daquilo, ela duvidava dessa hipótese.

Ramirez retornou com um par de luvas de látex. Avery as vestiu e abaixou-se até as cinzas. Ela colocou um pouco do material entre seu dedo indicador e polegar. Esfregou os dedos e os trouxe para perto do rosto.

Cheirou e olhou de perto. Pareciam cinzas normais, mas com traços de um cheiro químico.

- Precisamos analisar essas cinzas – Avery disse. – Se há algo químico aqui, há uma boa chance de ainda encontrarmos isso nas cinzas.

- Tem uma equipe de peritos vindo, como conversamos – Connelly disse.

Devagar, Avery levantou-se e tirou as luvas. O'Malley e Finley chegaram perto e Avery não se surpreendeu ao ver Finley manter distância do esqueleto e das cinzas. Ele olhava como se o esqueleto pudesse pular em cima dele a qualquer momento.

- Estou trabalhando para conseguir imagens de todas as câmeras de segurança em um raio de seis blocos – O'Malley disse. – Já que não há muitas nessa parte da cidade, não deve demorar.

- Pode ser uma boa ideia também conseguir os números de todas as empresas que vendem produtos químicos altamente inflamáveis – Avery disse.

- Pode ser que existam milhões de lugares assim – Connelly disse.

- Não, ela está certa – O'Malley disse. – Isso aqui não foi feito só com um produto de limpeza de casa ou um spray. Foi um produto químico concentrado, eu diria. Finley, você pode começar a trabalhar nisso?

- Sim, senhor – Finley disse, claramente feliz por ter um motivo para sair dali.

- Black e Ramirez... Esse caso é de vocês agora – O'Malley disse. – Trabalhem com Connelly para formar uma equipe o mais rápido possível.

- Perfeito – Ramirez disse.

- E Black, nada de se atrasar daqui para frente. Seu atraso essa manhã nos fez perder quinze minutos.

Avery assentiu, sem permitir a si mesma entrar em uma discussão. Ela sabia que a maioria dos homens acima dela ainda estavam procurando qualquer pequeno motivo para eliminá-la. E lidava bem com isso. Dado seu histórico sórdido, ela na verdade esperava por isso.

Quando começou a se afastar das estacas vermelhas, ela percebeu algo muitos metros à direita. Havia visto aquilo na primeira vez em que se aproximou do esqueleto, mas pensara que era apenas lixo. Mas agora, caminhando até mais perto dos detritos, viu o que pareciam ser estilhaços de alguma coisa. Parecia-se quase com vidro, possivelmente algo que fora queimado em um forno em algum momento. Ela caminhou até os estilhaços, tendo uma visão melhor do riacho obscuro na parte de trás do terreno.

- Alguém mais viu isso? – Ela perguntou.

Connelly olhou, sem muito interesse.

- Apenas lixo – ele disse.

- Não acho – ela respondeu.

Ela colocou novamente as luvas de látex e juntou um pedaço dos estilhaços. Olhando de perto, viu que o que quer que fosse aquele objeto, era feito de vidro, e não material de cerâmica. Não parecia haver qualquer poeira ou desgaste nos fragmentos. Havia sete pedaços grandes, do tamanho de sua palma, e incontáveis pedaços menores por todo o chão. Mesmo tendo sido quebrado, o que quer que fosse aquele objeto, parecia ser bastante novo.

- Seja lá o que for isso, não está aqui por muito tempo – ela disse. – Os peritos têm que analisar isso aqui e procurar digitais.

- Vou mandar eles fazerem isso – Connelly disse em um tom que indicava que ele não gostava de receber ordens. – Agora, vocês dois... Cheguem no A1 em no máximo meia hora. Vou fazer algumas ligações e deixar uma equipe esperando por vocês na sala de reuniões. Essa cena está aqui a menos de duas horas. Quero pegar esse babaca antes que ele tenha tempo para escapar.

Avery olhou para o esqueleto pela última vez. Sem a carne por cima, ele parecia estar sorrindo. Para Avery, era quase como se o assassino estivesse sorrindo para ela, com um riso provocador. E não foi apenas a vista de um esqueleto recém despido que a fazia ter uma sensação de desgraça. Era também o local, os montes de cinzas colocados quase perfeitamente em volta dos ossos, os restos deixados à vista de propósito, e o cheiro de química.

Tudo parecia apontar para algo preciso. Para algo muito intencional e planejado. E até onde Avery sabia, aquilo só poderia significar uma coisa: quem fizera aquilo certamente faria novamente.

CAPÍTULO QUATRO

Quarenta minutos depois, Avery entrou na sala principal de reuniões da sede do A1. O lugar já estava lotado com um misto de agentes e especialistas, totalizando doze pessoas, das quais ela conhecia a maioria, apesar de não tão bem quanto Ramirez ou Finley. Supôs que a culpa por isso era dela mesma. Depois de Ramirez ter sido designado para ser seu parceiro, ela não havia mais feito amigos. Parecia algo bobo para se fazer enquanto detetive de homicídios.

Quando todos tomaram seus lugares ao redor da mesa—exceto por Avery, que sempre preferia ficar em pé—um dos agentes que ela não conhecia começou a passar cópias impressas do que eles sabiam até aquele momento—imagens da cena do crime e uma lista de tópicos do que eles havia descoberto sobre o caso. Avery viu uma das folhas e achou o material muito resumido.

Ela notou que quando todos se sentaram, Ramirez escolheu um lugar a sua frente. Ela olhou para ele e percebeu que tinha, instintivamente, dado um passo para mais perto dele. Também percebeu que queria colocar sua mão no ombro dele, apenas para toca-lo. Mas recuou, percebendo que Finley estava olhando para ela de um jeito estranho.

Merda, pensou. É tão óbvio assim?

Voltou a ocupar-se relendo as notas. Enquanto lia, O'Malley e Connelly entraram na sala. O'Malley fechou a porta e foi até a frente da sala. Antes que ele começasse a falar, os murmurinhos e conversas na sala terminaram. Avery o olhou com muito apreço e respeito. Ele era o tipo de homem que poderia tomar o comando de uma sala simplesmente limpando a garganta ou deixando as pessoas saberem que estava prestes a falar.

- Obrigado por virem todos tão rápido – O'Malley disse. – Vocês têm em suas mãos tudo o que nós sabemos sobre o caso até agora, com uma exceção. Eu pedi para funcionários da cidade juntarem tudo o que eles podiam das câmeras de trânsito da cidade naquela área. Duas das quatro câmeras mostram uma mulher caminhando com um cachorro. E isso é tudo o que nós temos.

- Tem outra coisa – um dos agentes na mesa disse. Avery sabia que o nome daquele homem era Mosely, mas isso era tudo o que ela sabia sobre ele. – Dois minutos antes de entrar nessa reunião eu fiquei sabendo de um

homem idoso que nos ligou essa manhã e diz ter visto o que ele descreveu como ‘um homem alto e assustador’ caminhando naquela área. Disse que ele estava enfiando uma espécie de saco dentro de um casaco. Nosso pessoal anotou isso, mas achou que fosse apenas um velho intrometido que não tinha nada melhor para fazer. Mas depois, quando esse caso de corpo queimado apareceu, eles me avisaram sobre isso.

- Temos o contato desse idoso? – Avery perguntou.

Connelly a fitou com um olhar irritado. Ela imaginou que ele achava que ela estava falando quando não era sua vez—mesmo que menos de quarenta e cinco minutos atrás ele havia dito que aquele caso era dela.

- Nós temos – Mosely respondeu.

- Quero que alguém ligue para ele assim que essa reunião acabar – O’Malley disse. – Finley, como está nossa lista de lugares que vendem químicos que podem queimar um corpo assim em tão pouco tempo?

- Encontrei três lugares num raio de vinte quilômetros. Dois deles estão me mandando uma lista de químicos que poderiam ser usados para isso e se eles têm ou não esses produtos em estoque.

Avery escutou tudo, tomando notas mentais e tentando organiza-las da melhor maneira possível. A cada informação nova, o estranho caso daquela manhã passava a fazer mais sentido. No entanto, na verdade, não havia como perceber muito sentido naquilo tudo.

Ainda não temos ideia de quem é a vítima – O’Malley disse. – Vamos ter que analisar registros da arcada dentária, a não ser que possamos fazer alguma conexão com as imagens das câmeras. – Depois, ele olhou para Avery e acenou para ela. – A Detetive Black é a líder desse caso, então tudo o que vocês encontrarem sobre isso deve ser diretamente encaminhado para ela.

Avery juntou-se a ele na parte da frente da mesa e olhou para todos. Seus olhos pararam em Jane Parks, uma das investigadoras líderes dos peritos.

- Temos algum resultado sobre os estilhaços de vidro? – Ela perguntou.

- Ainda não – Parks respondeu. – Mas temos certeza de que não há digitais. Ainda estamos trabalhando para descobrir o que era aquele objeto. Até agora, podemos supor que era algum tipo de besteira que não tem relação com o crime.

- E qual a opinião dos peritos a respeito do fogo? – Avery perguntou. – Você também concorda que não foi um jeito comum de queimar?

- Sim. As cinzas ainda estão sendo estudadas, mas é óbvio que nenhum fogo comum poderia queimar a carne humana tão rápido. Quase não há sequer restos carbonizados nos ossos e eles parecem quase intactos, sem sinais de chamas.

- Você consegue descrever para nós como seria o processo comum de um corpo queimando? – Avery perguntou.

- Bem, nunca é comum queimar um corpo a não ser que você esteja o cremando – Parks disse. – Mas vamos supor que um corpo está trancado em uma casa incendiada e o fogo vai alcançá-lo. A gordura do corpo vai agir como um tipo de combustível assim que a pele for queimada, o que mantém o fogo vivo. Quase como uma vela, sabe? Mas nesse caso, foi rápido e sucinto... provavelmente tão intenso que a queimadura vaporizou a gordura antes mesmo de que ela pudesse agir como combustível.

- Quanto tempo levaria para que um corpo fosse queimado até que sobrassem só os ossos? – Avery perguntou.

- Bem, há vários fatores determinantes – Parks disse. – Mas algo entre cinco e sete horas seria um bom número. Incêndios lentos e controlados, como os usados em crematórios, podem levar até oito horas.

- E esse foi queimado em menos de uma hora e meia? – Connelly perguntou.

- Sim, é o que supomos – Parks respondeu.

A sala de reuniões encheu-se de murmúrios de desgosto e temor. Avery entendia a situação. Estava difícil manter sua mente focada.

- Ou – Avery disse, - o corpo foi queimado em outro lugar e os restos foram colocados naquele terreno essa manhã.

- Mas aquele esqueleto... Era um esqueleto novo – Parks disse. – Não estava muito tempo sem pele, músculos e tecidos. Não mesmo.

- Você consegue imaginar há quanto tempo o corpo estava queimado? – Avery perguntou.

- Com certeza não mais do que um dia.

- Então isso tudo exigiu planejamento e conhecimento do assassino – Avery disse. – Ele teria que saber muito sobre corpos queimados. E o fato dele não ter tentando esconder os restos e ter matado a vítima de uma maneira tão assustadora... nos leva a algumas ideias. E eu temo a primeira delas.

- Como assim? – Connelly perguntou.

Avery sentiu que todos os olhos na sala se viraram para ela.

- Quero dizer que provavelmente isso é obra de um assassino em série. Um enorme silêncio tomou conta do local.

- Do que você está falando? – Connelly perguntou. – Não há evidência para comprovar isso.

- Não é óbvio – Avery admitiu. – Mas ele queria que os restos fossem encontrados. Ele não tentou esconde-los naquele terreno. Havia um riacho atrás da propriedade. Ele poderia ter jogado tudo lá. Mais do que isso, havia cinzas. Por que jogar as cinzas no local quando você poderia facilmente tê-las levado embora? O planejamento e método do assassinato... Ele se orgulhou e teve prazer em fazer isso. Ele queria que os restos fossem encontrados e analisados. E tudo isso são marcas de um assassino em série.

Avery sentiu todos na sala olhando para ela com um ar sério, e sabia que eles estavam pensando a mesma coisa que ela: aquilo estava evoluindo de um caso estranho envolvendo uma cremação imprópria para uma caça contra o tempo a um assassino em série.

CAPÍTULO CINCO

Depois da tensão da reunião, Avery ficou feliz em ver-se atrás do volante de seu carro com Ramirez no banco do passageiro. Havia um silêncio estranho entre eles que a fez sentir-se incomodada. Ela fora mesmo tão inocente a ponto de pensar que dormir com ele não mudaria em nada sua relação profissional?

Teria sido um erro?

Ela começava a sentir que sim. No entanto, era difícil aceitar, já que o sexo fora algo tão incrível.

- Agora que temos um minuto – Ramirez disse – vamos falar sobre ontem à noite?

- Podemos – Avery disse. – Sobre o que você quer falar?

- Bem, correndo o risco de soar como o estereótipo masculino, estava pensando se isso foi algo de uma noite ou se nós vamos repetir.

- Não sei – Avery disse.

- Já está arrependida? – Ele perguntou.

- Não – ela disse. – Não me arrependo. Só que naquele momento, eu não estava pensando em como isso afetaria nossa relação profissional.

- Eu sei que isso pode atrapalhar – Ramirez disse. – Brincadeiras à parte, nós dois estivemos bailando por essa química física durante meses. Nós finalmente tomamos uma atitude, então a tensão deveria acabar agora, certo?

- Se você diz – Avery disse com um sorriso manhoso.

- Você acha que isso não é para você?

Ela pensou por um tempo e depois encolheu os ombros.

- Não sei. E para falar a verdade, não sei se estou pronta para falar sobre isso.

- Tudo bem. Nós estamos no meio de algo que parece ser um caso fodido, dos grandes.

- Sim, estamos – ela disse. – Você recebeu o e-mail? O que mais nós sabemos sobre nossa testemunha além do endereço dele?

Ramirez olhou seu celular e abriu seu e-mail.

- Recebi – ele disse. – Nossa testemunha é Donald Greer, oitenta anos. Aposentado. Mora em uma apartamento a meio quilômetro da cena do crime.

É um viúvo que trabalhou cinquenta anos como supervisor de estaleiro depois de perder dois dedos na guerra do Vietnã.

- E como ele viu o assassino? – Avery perguntou.

- Ainda não sei. Mas acho que é nosso trabalho descobrir, certo?

- Certo – ela respondeu.

O silêncio tomou conta do carro novamente. Ela sentiu uma vontade de segurar na mão dele, mas pensou melhor. Seria melhor manter as coisas estritamente profissionais. Talvez eles *iriam* terminar indo para a cama de novo e talvez as coisas progredissem ainda mais—para algo mais emocional e concreto.

Mas nada disso importava agora. Naquele momento, eles tinham trabalho a fazer e nada que envolvesse suas vidas pessoais deveria ser trazido à tona.

Donald Greer demonstrava ter cada um de seus oitenta anos de sua vida. Seu cabelo era um desgastado emaranhado branco acima da cabeça e seus dentes eram um pouco descoloridos pela idade e pouco cuidado. Ainda assim, ele parecia claramente feliz por ter companhia quando convidou Avery e Ramirez para entrarem em sua casa. Quando sorriu para eles, o gesto foi tão genuíno que as condições desagradáveis de seus dentes pareceram desaparecer.

- Posso servi-los café ou chá? – Ele perguntou quando entraram na casa.

- Não, obrigado – Avery disse.

Em algum lugar da casa, um cachorro latia. Era um cão pequeno, e seu latido mostrava que ele deveria ser tão velho quanto Donald.

- Então, é sobre o homem que eu vi hoje de manhã? – Donald perguntou. Ele sentou-se em uma poltrona na sala.

- Sim, senhor. É isso – Avery respondeu. – Fomos avisados de que você viu um homem alto que parecia estar escondendo algo em seu—

O cachorro em algum lugar dos fundos do apartamento começou a latir ainda mais. Seus latidos eram altos e roucos.

- *Chega, Daisy!* – Donald disse. O cachorro silenciou-se, dando um pequeno soluço. Donald balançou a cabeça e riu. – Daisy ama companhia – disse. – Mas ela está ficando velha e costuma urinar nas pessoas quando fica muito animada, então eu tive que tranca-la para sua visita. Eu estava caminhando com ela hoje de manhã quando vi aquele homem.

- Até onde você caminha com ela? – Avery perguntou.

- Ah, eu e Daisy caminhamos pelo menos um quilômetro e meio toda manhã. Meu coração já não é tão forte como costumava ser. O médico diz que eu preciso caminhar o máximo possível. Teoricamente isso faz bem para minhas articulações também.

- Entendi – Avery disse. – Você faz o mesmo caminho todas as manhãs?

- Não. Nós mudamos de vez em quando. Temos mais ou menos cinco caminhos diferentes.

- E onde você estava quando viu aquele homem pela manhã?

- Na Kirkley. Eu e Daisy tínhamos acabado de passar pela esquina da Spring Street. Aquela parte da cidade *sempre* está vazia de manhã. Alguns caminhões aqui e ali, mas é só. Eu acho que passei por duas ou três pessoas na Kirkley no último mês... e todos estavam caminhando com seus cachorros. Você não vê nem aqueles masoquistas que gostam de correr naquela área.

Era óbvio, pela maneira que falava, que Donald Greer não recebia muitas visitas. Ele falava demais e muito alto. Avery imaginou se isso acontecia porque ele já não ouvia bem por conta da idade ou porque suas orelhas sofriam com os latidos de Daisy o dia inteiro.

- Esse homem estava indo ou vindo? – Avery perguntou.

- Vindo, eu acho. Não tenho certeza. Ele estava muito na minha frente e parecia ter parado por um segundo quando eu cheguei na Kirkley. Acho que ele sabia que eu estava lá, atrás dele. Ele começou a caminhar de novo, um pouco rápido, e depois meio que desapareceu na névoa. Talvez ele tenha virado em uma das ruas que fazem esquina com a Kirkley.

- Ele estava caminhando com um cachorro? – Ramirez perguntou.

- Não. Eu teria visto. Daisy fica louca quando vê outro cachorro ou sente o cheiro de algum ao redor. Mas ela ficou quieta como sempre.

- Você tem alguma ideia do que ele poderia estar escondendo debaixo do casaco que você disse que ele estava vestindo?

- Não consegui ver – Donald disse. – Apenas o vi colocando algo dentro do casaco. Mas a névoa hoje de manhã estava muito forte.

- E esse casaco que ele estava vestindo? – Avery perguntou. – Como era?

Antes que ele pudessem responder, eles foram interrompidos pelo celular de Ramirez. Ele atendeu e se afastou, falando baixo.

- O casaco – Donald disse, - era um daquele longos, chiques, desses pretos que homens de negócio usam às vezes. Aqueles que vão até os

joelhos.

- Como um sobretudo.

- Sim – Donald disse. – Isso mesmo.

Avery estava ficando sem perguntas, tendo quase certeza de que aquele interrogatório com sua única testemunha fora um fracasso. Ela tentava pensar em alguma outra pergunta quando Ramirez voltou à sala.

- Preciso ir – Ramirez disse. – Connelly precisa de mim como reforço em alguma coisa perto do Boston College.

- Tudo bem – Avery disse. – Acho que terminamos por aqui. – Ela virou-se para Donald e disse. – Senhor Greer, muito obrigado pelo seu tempo.

Donald caminhou com eles até o lado de fora do prédio e acenou quando eles entraram no carro.

- Você vai comigo? – Ramirez perguntou quando eles saíram da rua.

- Não – ela disse. – Acho que vou voltar na cena do crime.

- Kirkley Street? – Ele disse.

- Sim. Você pode ficar com o carro para fazer o que for que Connelly pedir. Vou pegar um táxi de volta para o departamento.

- Tem certeza?

- Sim. Não tenho mais nada para—

- Para o que?

- *Merda!*

- O que foi? – Ramirez perguntou, preocupado.

- Rose. Eu combinei de sair com a Rose essa tarde. Combinei com ela um dia de garotas. E agora parece que não vai acontecer. Vou decepcionar minha filha *de novo*.

- Ela vai entender – Ramirez disse.

- Não. Não vai. Eu sempre faço isso com ela.

Ramirez não teve resposta. O carro permaneceu em silêncio até eles chegarem na Kirkley Street. Ramirez estacionou o veículo no lado da rua diretamente ao lado da cena do crime.

- Tome cuidado – ele disse.

- Pode deixar – ela respondeu, e surpreendeu a si mesma quando inclinou-se e o beijou rapidamente na boca.

Depois, saiu do carro e começou imediatamente a estudar o local. Estava tão focada na área que quase não percebeu quando Ramirez foi embora atrás dela.

CAPÍTULO SEIS

Depois de olhar para o local por um tempo, Avery virou-se para olhar a rua. Seus olhos seguiram o caminho que Donald Greer possivelmente fizera, à sua direita, onde a Kirkley encontrava a Spring Street. Ela caminhou pela rua, chegou à esquina, e dobrou.

Muitos pensamentos invadiram sua mente quando ela começou a caminhar. O assassino estivera a pé todo o tempo? Se sim, por que ele viera da Spring Street—uma rua tão feia e acabada quanto a Kirkley? Ou, talvez, ele havia vindo de carro. Se fosse o caso, onde ele teria estacionado? Se a névoa estivera forte o suficiente, ele poderia ter estacionado em qualquer lugar da Kirkley e seu carro não teria sido visto.

Se o homem com o longo casaco preto fosse mesmo o assassino, ele teria caminhado pelo mesmo caminho menos de oito horas atrás. Avery tentou imaginar o local a sua volta com uma névoa forte pela manhã. Não era uma tarefa difícil já que a área era tão desolada. Enquanto caminhou devagar pelo terreno onde os ossos e estilhaços foram encontrados, manteve os olhos atentos a possíveis lugares onde o homem poderia ter sumido de vista.

Na verdade, havia muitos lugares assim. Havia seis terrenos vazios e duas ruas laterais onde o homem poderia ter se escondido. Se a névoa fora forte o suficiente, qualquer um daqueles locais teria sido um esconderijo e tanto.

Aquilo despertou uma ideia interessante. Se o homem tivesse se escondido em uma daquelas áreas, ele teria deixado Donald Greer passar sem incomoda-lo. Aquilo eliminava a possibilidade de o assassinato ter sido um ato de pura violência. A maioria das pessoas capazes desse tipo de violência não teriam deixado Donald passar tão facilmente. Na verdade, Donald teria se tornado uma vítima na maioria dos casos.

Se precisava de mais provas de que o corpo fora queimado em outro lugar, aquela ideia lhe comprovou essa hipótese. Talvez, então, o objeto que o homem estava escondendo debaixo do casaco fosse um recipiente contendo os restos que ele despejara no terreno.

Aquilo fazia sentido e, aos poucos, ela começou a sentir um sentimento crescente de que estava chegando em algum lugar.

Caminhou pelo terreno onde os restos haviam sido encontrados. Sempre rápido e eficiente, O'Malley já havia retirado a polícia do local. Ela

imaginou que ele fizera isso logo que os peritos vieram para coletar os restos.

Avery caminhou até onde os ossos e as cinzas foram derrubados e simplesmente parou ali, olhando em volta. A área pantanosa atrás do terreno era mais visível do que nunca agora. Ficava perto e era muito menos aberta do que o terreno. Então por que alguém jogaria os ossos no meio do terreno ao invés de fazer isso em um riacho infestado de ervas daninhas? Por que alguém colocaria os restos a céu aberto ao invés de esconde-los na lama e na água parada?

Eram perguntas que os policiais já tinham feito. E em sua mente, a resposta era a prova de que eles estavam lidando com um assassino em série.

Ele quer que as pessoas vejam o que ele fez. Ele é orgulhoso e talvez um pouco arrogante.

Ela pensou que ele poderia ser inteligente, também. O uso da névoa para esconder-se mostrava que ele havia planejado tudo muito bem. Ele fora persistente, monitorando o tempo para ter certeza de que encontraria uma névoa forte. Ele também teria que conhecer a área relativamente bem. Aquilo tudo teria que ter sido muito bem planejado.

E fogo... ele precisava entender muito bem de fogo. Queimar um corpo de forma tão limpa, sem carboniza-lo e sem danificar os ossos, custava muita dedicação e paciência. O assassino teria que saber muito sobre fogo e processos de queima.

Queima, ela pensou. Fogo.

Enquanto estudava o local e imaginava o assassino ali, Avery sentiu que estava deixando algo passar—alguma pista crucial estava bem a sua frente. Mas tudo o que podia ver era a área pantanosa e lameada nos fundos do terreno, bem como o pequeno espaço quadrado onde alguma pobre vítima havia sido deixada como se não fosse nada mais do que uma simples pilha de lixo.

Ela olhou em volta do terreno vazio novamente, imaginando que talvez a localização dos restos não fosse importante quanto ela pensara. Se o assassino estava usando fogo para enviar uma mensagem para alguém (a vítima ou a polícia), talvez isso era o que precisava ser focado.

Com uma ideia vindo à mente, Avery pegou seu telefone e ligou para o táxi mais próximo. Depois da chamada, olhou seus contatos e parou no nome de sua filha por cinco segundos.

Desculpe, Rose, pensou.

Apertou em “Chamar” e colocou o telefone no ouvido, com o coração partido.

Rose atendeu ao terceiro toque. Ela parecia feliz. Avery pode ouvir a música que tocava baixinho ao fundo. Ela pode imaginar Rose se arrumando para a tarde especial e odiou a si mesma por um momento.

- Oi, mãe – Rose disse.

- Oi, Rose.

- Diga.

- Rose... – ela disse. Sentiu as lágrimas vindo. Olhou para o vazio em volta, tentando se convencer de que *tinha* que fazer isso e de que, um dia, Rose a entenderia.

Antes que Avery falasse mais uma palavra, Rose pareceu entender a situação. Ela soltou uma pequena risada de raiva.

- Perfeito – Rose disse, agora sem alegria na voz. – Mãe, você está falando sério mesmo?

Avery escutara aquele tom de Rose antes, mas dessa vez aquilo o atingiu como um punhal no coração, pois ela sabia que merecia aquela reação.

- Rose, apareceu um caso. Um desses complicados e eu tenho que—

- Eu sei o que você tem que fazer – Rose disse. Ela não gritou. Ela quase nem levantou a voz. E de alguma maneira, isso piorou ainda mais a situação.

- Rose, eu não pude fazer nada. Eu com certeza não esperava por isso.

Quando fiz aqueles planos com você, eu tinha uma programação de folga por alguns dias. Mas agora esse caso apareceu e... bem, as coisas mudaram.

- Acho que as coisas mudam às vezes – Rose disse. – Mas não com você. Com você, as coisas são sempre iguais... Quando se trata de mim, no caso.

- Rose, não é justo.

- Nem *tente* me dizer que não é justo agora! E quer saber, mãe? Esqueça. Essa e qualquer outra vez em que você queira tentar ser a ‘mamãe boazinha’ no futuro. Não é mais uma opção para nós.

- Rose—

- Eu entendi, mãe. Mesmo. Mas você sabe o quanto é ruim ter essa mulher como sua mãe... uma mulher foda com um trabalho tão exigente? Uma mulher que eu respeito muito... mas que está sempre me decepcionando?

Avery não tinha ideia do que dizer. E não havia mesmo o que falar, já que Rose tinha terminado.

- Tchau, mãe. Obrigado por me avisar com antecedência. Seria melhor do que não falar nada, eu acho.

- Rose, eu—

A ligação foi encerrada.

Avery colocou o telefone no bolso e respirou fundo. Uma única lágrima caiu em seu rosto, do olho direito, e ela a secou o mais rápido que pode. Depois, caminhou de propósito pela área que havia sido demarcada mais cedo e a analisou por um bom tempo.

Fogo, pensou. Talvez seja mais do que algo que o assassino está usando em seus atos. Talvez seja simbólico. Talvez esse fogo seja uma pista melhor do que qualquer outra.

Então, enquanto esperava pelo táxi, pensou sobre fogo e que tipo de pessoa o usaria para enviar algum tipo de mensagem. No entanto, era difícil pensar, porque ela sabia muito pouco sobre incêndios.

Vou precisar de mais alguém pensando nisso, pensou.

E com aquele pensamento, pegou seu telefone e ligou para o A1. Pediu para falar com Sloane Miller, a psicologista do departamento e psiquiatra dos agentes e detetives. Se alguém poderia entrar na mente de um assassino com fogo na mente, essa pessoa seria Sloane.

CAPÍTULO SETE

Avery estava de volta à sede do A1 meia hora depois. Ao entrar, ela não pegou o elevador para ir até seu escritório. Ao invés disso, permaneceu no primeiro andar e caminhou até os fundos do prédio. Ela estivera ali antes quando fora obrigada a conversar com Sloane Miller, a psicologista, durante seu último grande e assustador caso, que a havia afetado de uma maneira que ela ainda não tinha conseguido entender. Mas agora a visita tinha outro motivo... entrar na mente de um assassino. E, daquela maneira, o encontro parecia mais natural.

Ela chegou ao escritório de Sloane e ficou aliviada ao ver a porta escancarada. Sloane não tinha uma agenda definida e trabalhava mais ao estilo “por chegada” conforme a demanda da polícia. Quando Avery bateu na porta, ela pode ouvir Sloane digitando algo no notebook.

- Entre – Sloane disse.

Avery entrou, sentindo-se muito mais à vontade do que da última vez em que havia encontrado a psiquiatra. Ali em sua função, e não como paciente, as coisas eram um pouco mais formais.

- Ah, Detetive Black – Sloane disse com um cumprimento genuíno. – Que bom te ver! Fiquei muito feliz em ter notícias suas quando você ligou. Como você tem passado?

- Tudo bem – Avery disse. Mas, em sua mente, ela sabia que Sloane aproveitaria a oportunidade para analisar seus problemas com Rose e sua relação complicada com Ramirez.

- Como posso te ajudar hoje? – Sloane perguntou.

- Bem, eu queria que você me ajudasse com um tipo particular de personalidade. Estou lidando com um caso que envolve um homem que nós temos certeza que está queimando suas vítimas. Ele deixou apenas ossos e cinzas na cena do crime—ossos limpos, sem torrões ou danos. Também há uma pilha de cinzas e um leve cheiro de químicos no ar... vindos das cinzas, eu acho. Está muito claro que ele sabe o que está fazendo. Ele sabe como queimar um corpo, o que parece um conhecimento muito particular. Mas eu não acho que ele esteja usando o fogo simplesmente como uma ferramenta para seus atos. Preciso saber que tipo de pessoa usaria o fogo não apenas para queimar, mas também como algum tipo de simbolismo.

- A ideia de que ele esteja usando o fogo para simbolizar algo é uma excelente dedução – Sloane disse. – Em um caso assim, eu posso praticamente te garantir que é isso o que está acontecendo. No fundo, acho que você está lidando com alguém que tem interesse ou um passado relacionado a incêndios. Talvez ele já teve um trabalho ou um hobby que lidasse com fogo. Estudos mostram muito claramente que até crianças que são fascinadas por fogueiras ou fósforos mostram sinais de interesse em atos relacionados a incêndios.

- Você pode me dizer algo sobre esse tipo de personalidade que poderia nos ajudar a chegar até esse cara mais cedo ou mais tarde?

- Eu com certeza posso tentar – Sloane disse. – Primeiro de tudo, deve haver algum tipo de problema mental, mas nada profundo. Pode ser algo tão simples como uma tendência à raiva até nas situações mais inocentes. Ele provavelmente também não teve muita educação. A maioria das pessoas que cometem incêndios não se formaram no ensino médio. Alguns veem isso como uma maneira de se rebelarem contra um sistema que eles nunca conseguiram entender—aquela besteira toda de *alguns homens apenas querem ver o mundo queimar*. Alguns vão dizer que colocam fogo como um ato de revanche, mas nunca definem do que eles estão se vingando. Eles geralmente se sentem isolados ou deixados de lado pelo mundo. Então existe uma boa chance de você estar procurando um homem solteiro ou um homem que está em um casamento sem amor. Eu imaginaria que ele vive sozinho em uma pequena casa—provavelmente passa muito tempo em um escritório em casa, no porão ou na garagem, por exemplo.

- E o que acontece quando você junta toda essa descrição com alguém que claramente não vê problemas em matar pessoas?

- Acaba sendo uma pegadinha – Sloane admitiu. – Mas acho que podemos aplicar as mesmas regras. Pessoas que causam incêndios geralmente têm muito interesse em que as pessoas vejam o que eles fizeram. Colocar fogo é uma maneira de atrair atenção. Eles quase se orgulham disso, é algo que eles criaram. Seu suspeito, por exemplo, deixou restos... é um tipo estranho. Acho que podemos relacionar isso com registros de pessoas que causaram incêndios e visitaram a cena do crime para ver os bombeiros apagarem o fogo. Eles veem os bombeiros lutando contra o fogo e sentem que fizeram aquilo acontecer—a pessoa que causa um incêndio está, de alguma maneira, controlando os bombeiros.

- Então você acha que nosso suspeito pode estar por perto, assistindo tudo?

Sloane pensou por um momento, depois encolheu os ombros.

- Certamente é uma possibilidade. Mas a precisão com que ele está queimando os corpos, como você disse, deixando os ossos limpos, me faz pensar que esse cara também é paciente e organizado. Não acho que ele faria algo tão idiota como revisitar a cena do crime.

Paciente e organizado, Avery pensou. Isso se encaixa perfeitamente com o plano esquisito dele, usando névoa como cobertura para pegar as vítimas e despejar os restos.

Ela pensou na maneira em que os ossos haviam sido colocados, quase à vista, praticamente tão óbvio e chocante quanto um incêndio.

- Você já tem alguma opinião sobre o caso? – Sloane perguntou.

- Acho que ele é um assassino em série. Até onde sabemos, essa é a primeira vítima, mas a maneira flagrante em que ele deixou os restos está me irritando. Mais do que isso, tem algo de muito organizado em pegar a vítima, queima-la desse jeito e depois jogar os restos de uma maneira específica. Para mim, isso mostra tendências de um assassino em série.

- Eu concordo com você – Sloane disse.

- Queria que um dos homens que trabalham comigo fossem brilhantes assim – Avery disse, sorrindo.

- E como vai você ultimamente, Avery? Sem fugir do assunto, por favor.

- Eu estou realmente bem, considerando tudo. Pela primeira vez na vida, meus problemas parecem até normais, comparados a meu passado.

- Que tipo de problemas? – Sloane perguntou.

- Problemas com minha filha. Uma relação confusa com um cara.

- Ah, os riscos de ser uma mulher que trabalha muito.

Avery sorriu, ainda que sentisse que uma conversa mais profunda estivesse a caminho. Por isso ela suspirou internamente quando seu telefone tocou naquele exato momento. Ela puxou-o de seu bolso e viu o nome de Connelly.

- Tenho que atender.

Sloane assentiu.

Avery saiu do escritório e atendeu a ligação no corredor.

- Black, não deixe que isso suba para sua cabeça, mas você estava certa. Os registros dentários dos restos chegaram. Você mandou bem. A vítima é Keisha Lawrence. Trinta e nove anos e vivia a um quilômetro do lugar.

- O que mais nós sabemos? – Avery disse, ignorando os elogios.

- O suficiente para acelerar esse caso um pouco – ele respondeu. – Tenho alguns caras trabalhando nisso, mas até agora nós sabemos com certeza que ela não tinha família por perto. A única pessoa que pode interessar é um namorado e a mãe que morreu recentemente.

- Alguém já falou com o namorado?

- Mandei alguém lá agora. Enquanto isso, busquei a ficha dele. O babaca tem uma lista de abusos domésticos e brigas em bar. Um verdadeiro campeão.

- Quer que eu vá encontra-lo depois do cara que você já mandou?

- Sim, vá falar com esse babaca depois. Vou ligar para Ramirez para tira-lo do incidente no Boston College. Ele vai ser todo seu pelo resto do dia.

Ela tinha percebido uma voz sarcástica? Tinha certeza que sim. Ou era isso, ou estava ficando paranoica.

Sua vida sexual não é tão importante assim, pensou. Ignore isso.

- Se mexa, Black – Connelly disse. – Vamos pegar esse cara antes que apareça uma nova pilha de ossos.

Avery desligou e correu para a garagem para pegar um carro. Ela pensou no que Sloane havia dito sobre incendiários geralmente assistirem os bombeiros trabalhando, sentindo que estavam controlando os bombeiros de certa maneira.

Talvez nós temos que colocar um possível voyeur na lista de características do suspeito, pensou.

Incendiários queriam sentir que estavam controlando as pessoas que trabalhavam para entender seus crimes... Avery Black não era bombeiro e com certeza não gostava de sentir que alguém estava a controlando.

Ela saiu rapidamente da garagem, cantando pneus. O namorado de Keisha Lawrence era a primeira pista real nesse caso e Avery queria visitá-lo antes de qualquer pessoa.

CAPÍTULO OITO

Avery estacionou em frente ao apartamento do namorado da vítima justo quando Ramirez estava saindo de seu próprio carro em frente a ela. Ele sorriu de uma maneira que pareceu diferente da usual. Ela querendo admitir ou não, eles estavam conectados de uma forma muito mais profunda do que uma simples parceria profissional.

- Como foram as coisas na faculdade? – Avery perguntou quando eles se encontraram nas escadas da casa.

- Chatas. Algum protesto estúpido. E o que temos aqui?

- Um namorado com passado agressivo. Ficha com vários casos de abuso. Me ligaram no caminho para cá dizendo que ele quase entrou em conflito com o primeiro agente que esteve aqui.

- Diversão à vista então, ein? – Ramirez perguntou.

Avery assentiu e eles começaram a subir as escadas. Ela tocou a campainha e ouviu passos pesados se aproximarem da porta. Em segundos, um homem levemente pesado atendeu. Ele era magro na cintura, mas seus ombros e braços tinham passado claramente um bom tempo na academia e saltavam da regata que ele usava. Os dois braços eram cheios de tatuagens, sendo que uma delas era de uma mulher nua sentada em um crânio.

- Sim? – Ele disse, parecendo mais irritado do que triste.

- Você é Adam Wentz? – Avery perguntou.

- Quem é você?

Avery mostrou seu distintivo e disse:

- Sou Detetive Black e esse é Detetive Ramirez. Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre Keisha.

- Já falei sobre ela o suficiente hoje – Adam Wentz disse. – Ter dois policiais vindo a sua casa de manhã cedo para te contar que a mulher com quem você está saindo está morta é um jeito e tanto de começar o dia. Então eu estou farto de falar disso.

- Perdoe-me por dizer isso – Avery disse, - mas eu esperaria que um homem que acabou de perder sua namorada de uma maneira tão trágica gostaria de ajudar da maneira que fosse possível enquanto a polícia tenta descobrir a história toda.

- Não importa o que você encontre, isso não vai trazê-la de volta, vai? – Adam disse.

- Não, não vai – Avery disse. – Mas qualquer informação que você puder nos dar vai nos ajudar a encontrar o homem que fez isso.

Adam virou os olhos.

- Então eu tenho que te convidar para entrar, sentar no sofá e falar sobre o quanto eu sinto a falta dela e quanto eu anseio por fazer esse assassino pagar pelo que fez? Alguma merda assim?

- Por que isso seria tão ruim? – Ramirez perguntou.

Nesse momento, Adam deu um passo para fora de casa, fechou a porta atrás de si e manteve-se parado. Estava claro que Avery e Ramirez não seriam convidados para entrar.

- Não estou afim disso, mesmo – Adam disse. – Então vamos rápido. O que vocês querem?

Avery levou um momento tentando entender aquela atitude hostil. Seria aquela alguma maneira estranha de expressar seu luto? Estaria ele escondendo algo? Era muito cedo para ter certeza.

Ou ele sabe de algo ou foi mais atingido pela notícia do que esperava, ela pensou. Temos que tomar cuidado com nossas perguntas aqui.

- Por ora – Avery disse, - nós estamos apenas tentando restringir nossa busca e desenhar uma linha do tempo.

Adam cruzou os braços.

- Tudo bem – disse rápida e grosseiramente.

- Você pode nos dizer, em forma de linha do tempo, onde você esteve nos últimos dois dias? – Avery perguntou.

- Fui trabalhar ontem e anteontem. Entrei às oito e saí às cinco e meia nos dois dias. Vim para casa, comi um sanduíche e tomei cerveja no jantar. Uma vida muito animada, como você pode ver.

- Você viu Keisha durante esse tempo?

- Sim. Ela veio por volta das sete da noite anteontem. Assistimos TV e fizemos sexo no sofá.

Avery sentiu uma raiva dentro de si—ver como um homem como Adam Wentz conseguia falar sobre sua recém assassinada namorada de uma maneira tão sem cerimônia era como jogar ácido em seu estômago. Por trás dela, sentiu Ramirez se aproximar. Ela sabia, por já terem trabalhado juntos, que ele também não estava gostando do comportamento de Wentz.

- Ela dormiu aqui? – Avery perguntou.

- Não. Fazia tempo que ela não dormia aqui. Ela dizia que se atrasava para o trabalho.

- Isso não tem nada a ver com seu histórico de abuso de mulheres? – Ramirez perguntou.

Avery encolheu-se, sem gostar da direção para qual Ramirez estava levando a conversa. Adam olhou diretamente para ele, sem sentir-se nem um pouco ameaçado, e franziu as sobrancelhas.

- Na verdade não – disse. – É porque o apartamento dela fica cerca de vinte minutos mais perto do trabalho dela, seu babaca.

Ramirez chegou mais perto, agora ao lado de Avery e a cerca de um metro de Adam.

- O que você fez depois de que ela foi embora anteontem? – Avery perguntou.

- Fui dormir, assim como ontem – Adam disse. – Acordei hoje de manhã e comecei a me preparar para o trabalho. Foi quando me ligaram dizendo que Keisha tinha morrido. Seus dois amigos policiais chegaram aqui meia hora depois.

- Como você se sentiu quando soube? – Avery perguntou.

- Que tipo de pergunta estúpida é essa?

Ramirez aproximou-se ainda mais. Ele olhava para Adam com muito mais desprezo do que Avery consideraria normal.

- Você pode simplesmente responder a pergunta? – Ramirez perguntou.

- Fiquei surpreso – Adam disse. – Um pouco triste, acho. Sim, ela era *tipo* minha namorada, mas não era nada tão sério.

- Quanto tempo vocês ficaram? – Avery perguntou.

- Cerca de sete meses. Não estávamos comprometidos nem nada do tipo.

- Você tem como provar que estava em casa ontem à noite? Talvez você viu algo na internet em algum momento e pode checar seu histórico. Algo assim?

- Não, eu não... espere... você realmente acha que eu fiz isso? Você acha que eu a matei?

- Não, eu não disse isso – Avery respondeu. – Só estou tentando definir onde você estava no momento em que nós acreditamos que ela foi morta. Acredite em mim, eu ficaria mais do que feliz se você nos desse uma razão para te eliminar dessa equação.

- Bom, eu não posso provar que estava dormindo, posso? E eu não sei porque diabos você acha que eu fiz isso.

- Senhor – Ramirez disse, fazendo seu melhor para permanecer calmo. – Nós apenas temos que fazer o que devemos. E sua história não nos dá outra

chance *que não seja* questiona-lo.

- Olhe, eu só bati na Keisha uma vez. *Só uma*. Não sou um desses caras que sai por aí batendo em mulher.

- Sua ficha mostra o contrário – Ramirez disse.

- Calma, Ramirez – Avery disse.

Não sei se ele está querendo me proteger ou só querendo aparecer, mas isso pode ficar muito mal se ele não parar.

- Isso, escute a linda senhora – Adam disse.

- Você não sabe quando calar a boca, certo? – Ramirez perguntou. Ele avançou, colocando as mãos nas algemas. – Se você ficasse quieto, eu não teria que te prender.

- Me prender? – Adam disse. – Pelo que?

Ramirez não se preocupou em responder. Ele segurou Adam pelo ombro e tentou vira-lo, puxando seu braço para trás para algema-lo. Adam, no entanto, não se virou. Ele escapou e livrou sua mão—sem empurrar Ramirez, mas mantendo-lhe à distância.

- Tire sua mão de mim – Ramirez disse, o mais calmo possível.

- Você não vai me prender – Adam disse. – Eu não fiz nada.

- Você está sendo hostil e rude desde quando abriu a porta.

- Minha namorada acabou de morrer... queimada! Óbvio que eu estou sendo rude!

- Ah, agora você se importa com a morte dela?

Adam então deu um leve empurrão, quase fazendo com que Ramirez caísse pelas escadas. Avery viu o olhar no rosto de Wentz: ele sabia que tinha estragado tudo com aquele ato. Ramirez respondeu rapidamente agachando-se e lançando-se na direção de Adam. Os dois homem caíram para trás e bateram na porta fechada.

Avery teria cuidado de tudo de uma forma totalmente diferente, mas entendeu o lado de Ramirez. O rapaz parecia *mesmo* ser desonesto. Ela não acreditava que ele fosse o assassino, mas com certeza valia a pena investigá-lo... não daquela maneira.

No momento em que ela apressou seus passos para um pequeno espaço na sacada, Ramirez havia colocado o rosto de Adam Wentz contra a porta e estava colocando as algemas nele.

- Você está preso – Ramirez disse.

- Pelo que? – Adam perguntou, com o rosto pressionado contra a porta.

- Vou ter que procurar nos livros a palavra certa para *ser um babaca*. – Ramirez disse. – Insultar um policial também não deve ser nada bom.

Avery recuou por um momento enquanto Ramirez levava Adam Wentz escada a baixo, para o carro. Adam não tentou nada. Avery imaginou se ele havia aceitado a derrota ou se aquilo era parte de um plano onde ele estava sendo esperto e certificando-se de que não se envolveria em mais problemas. Ela viu Ramirez fechar a porta de Wentz e depois abrir a sua para entrar no carro.

Avery foi até o capô do carro e chamou Ramirez.

- Venha aqui – ela disse.

- Sim? – Ele perguntou, fechando a porta e a encontrando em frente ao carro.

- Você poderia ter lidado melhor com isso – ela disse. – Foi uma prisão desnecessária.

- Você não acha que ele é culpado?

- Não. Com certeza vale a pena fazer mais perguntas, mas o que acabou de acontecer certamente não valeu a pena. Se ele for esperto—e vamos ser sinceros, ele provavelmente é—ele vai poder ir atrás de você com um advogado.

- Você está... que? Você está triste com isso?

- Um pouco.

- Ele estava sendo rude e hostil com você.

- Já tive muita gente sendo rude e hostil comigo no trabalho – Avery respondeu. – Nada diferente disso. Isso me faz pensar se você não teria se preocupado tanto se nós não tivéssemos dormido juntos.

Ele pareceu ofendido primeiro, mas depois sorriu para ela. Avery sentiu-se um pouco desarmada com o sorriso porque, mesmo no meio de uma frustração com ele, o gesto pareceu muito sexy.

- Talvez eu não deveria – ele disse. – Mas está feito agora. Vamos levá-lo ao A1 e ver o que conseguimos tirar dele.

Sem dar tempo para uma resposta, ele entrou no carro no lado do passageiro. Avery olhou para dentro do carro e viu o rosto de Wentz como uma rocha—totalmente frio e calmo.

Com um sentimento estranho no estômago, Avery sentou atrás do volante e levou Adam Wentz até a sede do A1.

CAPÍTULO NOVE

Meia hora depois, Avery estava olhando para Adam Wentz através de um vidro espelhado. Ramirez, Connelly e O'Malley a acompanhavam. O'Malley lia a ficha de Wentz, resmungando algumas palavras de vez em quando.

- Se esse cretino for esperto o suficiente para sequestrar e depois queimar o corpo de alguém, eu vou dançar em cima da mesa de uma bar agora mesmo – ele disse. – Esse cara é perda de tempo. Sim, ele certamente merece estar na cadeia por *alguma* razão, mas com certeza não por matar Keisha Lawrence.

- Não podemos ter certeza – Connelly disse. – Não interrogarmos ele propriamente.

- Sim, boa sorte nisso – Ramirez entrou na conversa. – É a mesma coisa do que falar com uma parede de tijolos... uma parede de tijolos cheia de tatuagens horríveis.

Connelly e O'Malley olharam para Avery. Ela encolheu os ombros e olhou para Wentz.

- Posso tentar, eu acho.

- Faça isso sem Ramirez dessa vez – O'Malley disse. – A única coisa que Wentz disse desde que sentou ali é que Ramirez foi muito duro com ele e o prendeu sem motivo. O que é *tecnicamente* verdade. Mas eu posso dar um jeito nisso. Podemos mantê-lo aqui por enquanto.

- Não acho que precisamos – Avery disse. – Ele não é nosso assassino.

- Que tal você fazer algumas perguntas para ele antes de tirar essa conclusão? – O'Malley perguntou.

Avery suspirou e saiu da sala. Antes de entrar na sala de interrogatórios, tirou um momento para se recompor. Ela odiava ter que pensar em sexismo, mas tinha certeza de que os homens na sala da qual ela acabara de sair concordariam mais facilmente com ela se ela tivesse um pênis. Era bonito pensar que seu local de trabalho estava evoluindo e deixando aquele preconceito para trás, mas no fim das contas, Avery sabia que isso não era verdade.

Wentz vai pensar a mesma coisa de mim, ela pensou. Não posso dar razões para ele pensar assim.

Ela entrou na sala de interrogatórios e fechou a porta. Não tentaria ser boazinha, nem dura demais. Pensava em interroga-lo como uma boa detetive

e em conseguir provas suficientes para os homens atrás daquela porta de que eles podiam liberar Wentz—para que então ela pudesse voltar a correr atrás do verdadeiro assassino. Se precisasse, seria um pouco enérgica, mas não achava que as coisas chegariam a esse ponto se usasse as cartas certas.

Avery sentou-se do outro lado da pequena mesa em que ele estava sentado, ignorando a expressão de ódio no rosto de Adam.

- Que tipo de relacionamento você tinha com Keisha? – Ela perguntou. – Você disse que não era uma relação de total comprometimento e você também insinuou que havia sexo envolvido. Você diria que era emocionalmente ligado a ela?

Adam pensou por um momento com um sorriso torto no rosto.

- Sendo sincero... não – ele finalmente respondeu. – Eu gostava de sair com ela e o sexo era muito bom. Mas nós nunca mentimos um para o outro sobre o que nós tínhamos, sabe? Eu saía com outras pessoas e ela também.

- Existe um registro na sua ficha de cerca de quatro meses atrás onde ela diz que você bateu nela – Avery disse. – Depois ela retirou a queixa. Por que? Você a ameaçou?

- Não. Nós estávamos discutindo e eu dei um tapa nela. Bem forte.

- Você lembra sobre o que era a discussão?

- Sobre aquele cachorro idiota – ele disse. – Eu odeio aquele cachorro. Ela trazia ele para a minha casa e ele sempre pulava no sofá, me implorando para mima-lo. Ela trouxe ele uma vez quando não estava se sentindo muito bem e me pediu para caminhar com ele. Eu disse que não iria e aquela coisa acabou mijando no meu carpete. Então eu chutei o cachorro. Ela ficou com raiva. Nós discutimos, falamos algumas coisas, e eu acabei dando um tapa nela.

- E os outros registros de abuso na sua ficha? Tem mais dois e os dois são da mesma mulher.

- Minha ex-mulher. É...

- Senhor Wentz, eu quero que você entenda que eu não estou tentando revirar o seu passado. Só estou fazendo tudo o que eu posso para ajudar a provar que você não fez isso. E você precisa entender que a maneira como você respondeu eu e meu parceiro tornam as coisas um pouco suspeitas.

Adam olhou para baixo. Avery viu que os olhos dele mexiam-se para a esquerda e direita. Também parecia haver uma postura relaxada em seus ombros, que estavam rígidos e eretos quando ela entrara na sala. Também

havia sinais de resignação—de que ele estava aos poucos deixando seu comportamento durão de lado.

- Eu tive que ir ao tribunal por um desses casos com minha mulher – ele disse. – Eu fiquei bêbado, ela reclamou, e eu a empurrei para o chão.

Quando ela tentou responder, eu a parei com meu punho.

- Foi por isso que ela te deixou?

Adam sorriu e balançou a cabeça.

- Não, eu a deixei. Ela queria filhos e eu não. Então tentou me fazer sentir culpado por isso, então eu a deixei. Mas o que isso tudo tem a ver com Keisha?

- Nada – Avery disse. – Então vamos falar de Keisha. Você a conhecia bem o suficiente para saber qual era a rotina dela?

- Sim, acho que sim.

- Você poderia me dizer como era um dia comum dela? O melhor que você puder.

Ele balançou a cabeça, sem acreditar, claramente achando exagerada aquela linha de questionamento.

- Os dias dela começavam com aquele cachorro. Caminhava com ele toda manhã quando acordava, antes mesmo do café da manhã. Ela trabalha em casa como editora de algum tipo de centro de propostas, algo assim. Ela não saía muito de casa. Fora ir à minha casa ou talvez a um bar de vez em quando, ela era bem fechada, sabe?

- Quando ela caminhava com o cachorro, você sabe se havia algum caminho que ela sempre fazia?

- Não. Sempre que ela começava a falar sobre o cachorro, eu meio que desligava o ouvido.

- Quando você falou com ela naquela última noite antes dela sair do seu apartamento, as coisas estavam bem?

- Sim, as coisas andavam bem por um tempo. Tivemos um mês bem bom. Bem... *tivemos*, eu acho.

- Imagino que se ela não saía muito, ela não devia ter muito inimigos, certo?

- Nenhum, que eu saiba.

Avery assentiu e bateu os dedos na mesa.

- Posso te perguntar algo um pouco pessoal?

- Por que não? Você vai perguntar de qualquer jeito, não vai?

Ignorando a teimosia, Avery continuou.

- Por que você *não* parece tão triste? Você entende porque alguém pode achar que você é suspeito, certo?

- Sim, entendo. E sabe do que mais, talvez eu tenha chorado um pouco quando recebi aquela ligação. Mas tem algo sobre a maneira como ela foi morta... Não sei. Torna tudo quase surreal. É muito obscuro, sabe?

Quando disse isso, ele olhou para a mesa novamente. Avery estava segura de que ele tinha trabalhado sua personalidade dura durante anos e de que aquilo estava finalmente se quebrando em um momento de vulnerabilidade.

Talvez seja por isso que ele está se mostrando tão sem emoções durante esse tempo todo.

- Sim, acho que eu entendo – Avery disse. – Agora, acho que vamos ter que falar com seu patrão para perguntar algumas coisas para ele. Coisas básicas, apenas para ajudar na investigação.

- Sem problemas – ele disse, ainda olhando para a mesa.

Ela queria pedir desculpas pela maneira como ele havia sido trazido até ali, mas também sabia que se ela tivesse *mesmo* feito com que ele saísse de sua persona e descoberto sua dor, ele precisava ser deixado sozinho.

Avery saiu da sala e entrou na sala de observação. O'Malley e Connelly estavam olhando para ela com expressões confusas. Ramirez sorriu, mas não parecia saber o que estava sentindo.

- É isso? – O'Malley perguntou.

- É. Ele não é nosso assassino.

- Como você pode ter tanta certeza? – Connelly perguntou.

- Muitos motivos. Se ele fosse o assassino, ele já teria admitido—ou, pelo menos, teria deixado escapar alguma pista. Alguém que mata pessoas do jeito que nosso procurado está fazendo quer atenção. Mais do que isso, Adam Wentz não bate com o perfil. Ele não é motivado o suficiente. A queixa por abuso doméstico na ficha dele não é o mesmo que assassino-que-queima-suas-vítimas.

Ela podia ver que suas explicações estavam fazendo sentido para eles. Mas conhecia Connelly bem o suficiente. Ele tentaria segurar Wentz o máximo que pudesse... apenas para ter alguém sentado no A1 como suspeito enquanto a caça pelo verdadeiro assassino continuava. Era o jeito dele de se sentir produtivo.

- Você tem certeza? – O'Malley perguntou.

- Quase. Eu estava certa sobre a identificação dos restos que nós achamos, certo? Por que é tão difícil acreditar que eu estou certa aqui? E não só isso, mas também que nós certamente temos um assassino em série em nossas mãos?

Os dois superiores trocaram olhares confusos, que terminaram com um sorriso frustrado no rosto de O'Malley.

- Tudo bem, Black – Connelly disse. – Vou manter Wentz aqui mais um pouco para ver se ele nos traz algo novo.

- Ele não vai trazer – ela disse.

Ignorando-a, Connelly acrescentou:

- Enquanto isso, por que você e Ramirez não tentam provar que estão certos. De novo.

- Com todo gosto – ela respondeu.

Avery olhou pela janela novamente e não se surpreendeu ao ver Adam Wentz com as mãos na cabeça, tentando ao máximo esconder o fato de que estava finalmente chorando.

CAPÍTULO DEZ

O dia seguiu sem pistas e, por isso, mais tarde, Avery estava no bar que era a escolha comum dos oficiais do A1, o Joe's Pub. Ela sentou em seu lugar de sempre no bar, com Ramirez ao lado. Outros poucos agentes estavam com eles, tomando cerveja e assistindo à derrota dos Red Sox em uma TV atrás do balcão. Como era normal, o pequeno grupo de policiais tinha seu próprio espaço no bar, nos fundos do local. Era lá que eles se juntavam para falar sobre os casos ou sobre suas frustrações enquanto tomavam cerveja, jogavam dardos ou assistiam aos Red Sox ou Patriots na TV.

Sentada ali, Avery analisou seu dia, tentando descobrir se havia deixado passar algo importante em tudo o que havia acontecido. Ela e Ramirez haviam trabalhado com os peritos para encontrar algo nas cinzas e nos restos, mas mesmo buscando de várias maneiras, não encontraram nenhuma informação. Avery sabia que casos como aquele geralmente levavam algum tempo para serem desvendados, mas mesmo assim sentiu como se estivesse falhando. E fora justamente esse sentimento que a levava até o bar. Ela não bebia para afogar suas dores e fracassos, mas sim para coloca-los em ordem e encontrar uma maneira de muda-los.

Ela desejava poder apenas chegar ali e aproveitar a partida de beisebol na TV ou um jogo de dardos no fundo do bar, mas não funcionava desse jeito. Enquanto escutava a conversa de seus colegas ao redor, seguia pensando profundamente. Estava tentando descobrir que tipo de homem teria a paciência, a experiência e a mente perdida suficiente para sequestrar e queimar alguém e jogar os restos em uma área pública. Ela imaginou se a localização dos restos tinha algum significado. Pensou, embora rapidamente, se o terreno vazio fora onde o assassino raptara Keisha Lawrence. O terreno em si não era tão longe do apartamento dela. E se ela estivesse caminhando por lá com seu cachorro quando desapareceu?

Aqueles novos pensamentos desapareceram quando ela ouviu um dos agentes mencionar um nome que atraiu seu interesse.

- Vocês souberam que Desoto vai ser libertado em breve? – Um dos policiais disse.

- Impossível – respondeu outro. – Como?

- Bom comportamento. Se é que você acredita.

- Não é possível. Nós estamos falando de, o que... quase um ano?
- Por aí.
- Alguém está mexendo os pauzinhos em algum lugar.

Avery conhecia muito bem o nome de Desoto. Ela o derrubara, junto com quatro de seus melhores homens. Aquele fora um dos casos que tornaram Avery algo como a representante do A1. Desoto era o líder de pelo menos duas gangues—talvez mais—e havia ganhado um status de monstro a ponto de muitas pessoas sequer acreditarem que ele existia—isso até Avery prende-lo. E agora havia uma chance de ele ser solto em breve...

Outra ameaça para se preocupar, ela pensou. Ele vai buscar vingança no momento em que pisar fora da prisão.

- Você está bem? – Ramirez perguntou, gentilmente tocando seu braço. Ela espantou seus pensamentos e assentiu.
 - Sim, estou bem – disse, tomando um gole de sua cerveja.
 - Você não está confortável sobre Adam Wentz, está? Você não acha mesmo que ele é nosso assassino?
 - Não, não acho. E eu acho que é quase um crime mantê-lo preso.
 - Sim, mas mesmo que ele não for nosso assassino, ele pode saber alguma coisa, certo?
 - Duvido. Ele teria me dito quando começou a desabar. Ele estava chorando como um bebê quando eu saí da sala.
 - Então me diga: se nós descobríssemos que foi ele e esse caso fosse encerrado amanhã, você estaria bem mesmo estando errada?
- Ela pensou sobre aquilo por um momento e depois balançou a cabeça.
- Não. Nunca é bom estar errado. Mas nesse caso, não há o que temer. Eu não estou errada.

Ramirez suspirou e riu. Ele pediu outra cerveja assim que um outro colega apareceu. Seu nome era Eldridge, e ainda que fosse um tira e tanto, ele também era um pouco bobo. Finley, que havia se tornado um bom amigo de Avery nos últimos meses, o acompanhava.

- Vocês estão em um momento amoroso ou algo do tipo? – Eldridge perguntou.
- Acho que não – Avery disse.
- Eu reconheço tensão sexual quando eu vejo – Eldridge disse. – Posso dizer isso com total confiança porque o estágio da tensão é o máximo que eu já cheguei.

- Uma amostra especial como você? – Avery perguntou, ironicamente. – Não acredito.

- O que vocês estão fazendo aqui, então? – Finley perguntou. – Foi um dia longo. Acho que uma recompensa melhor do que uma cerveja seria um sexo relaxante.

Avery decidiu não dizer mais nada. Ela não sabia se eles estavam insinuando algo ou se de alguma maneira sabiam de algo. Ela e Ramirez já tinham escutado piadas sobre sexo antes, mas nunca algo tão forte quanto naquele dia.

Aparentemente percebendo a mudança de humor de Avery, Ramirez respondeu aos dois.

- Se vocês acham que ela dormiria comigo, vocês são uns tiras de merda. Ela tem padrões, cara.

Eldridge e Finley riram e, depois de mais algumas piadas, pegaram seus copos e voltaram para o fundo do bar.

- Desculpe – Ramirez disse. – Escute... Eu não falei para ninguém.

- Eu não disse que você falou.

- Talvez seja só o nosso brilho – ele brincou. - Talvez o sexo tenha sido tão bom, que nós estamos com uma aura em volta de nós ou algo assim.

- Estamos nos achando, né? – Ela disse, com a voz baixa.

- Você está brincando? Eu dormi com você noite passada e acordei com você de manhã. Então, sim... Estou me sentindo um pouco arrogante.

Ela sorriu para ele e uma boa parte de si pensou que Eldridge poderia estar certo. Talvez ela *deveria mesmo* estar na cama com Ramirez ao invés de estar no bar. Por outro lado, se eles saíssem juntos do bar, estariam colocando mais gasolina no fogo. E ela odiava estar sob os olhares de todos... especialmente em se tratando de algo assim.

- Mas eles devem ter percebido algo – Ramirez disse. – Você quer sair daqui?

- Vou sair depois dessa cerveja – Avery disse. – Mas vou para casa sozinha.

- Tem certeza?

- Sim – ela respondeu. – E não é nada contra você... Só preciso tentar pensar em algo sobre esse caso.

Ele assentiu e sorriu.

- Esse é um dos motivos pelos quais eu gosto de você, Avery.

Ela terminou a cerveja e retribuiu o sorriso.

- Cuidado – disse. – Falando assim, as pessoas podem pensar que está acontecendo algo entre nós.

Quando estava em seu apartamento com os arquivos do caso espalhados em volta de si, Avery sabia que tinha tomado a decisão correta. E tinha certeza de que Ramirez a conhecia bem o suficiente para saber disso também. Ela olhou as anotações que os peritos tinham feito e, ainda que elas fizessem algum sentido, sabia que não havia respostas ali.

O único fato importante que os peritos anotaram era que *havia* algum químico presente nas cinzas, mas que estava tão desintegrado que era difícil dizer o que era. Poderia ser algo simples, como álcool, ou até agentes tóxicos.

Provavelmente algum catalisador de queima, ela pensou. *Pode ser algo simples como gás ou querosene.*

A meia noite chegou mais rápido do que ela esperava. Quando apagou as luzes e deitou na cama, pensou que seria bom ter Ramirez ali. Quase ligou para ele, mas não queria parecer carente. Na verdade, ela não era nem um pouco carente. O que acontecera na noite anterior fora bom, mas ela não queria que ele pensasse que ela *precisava* daquilo. Avery nunca precisara de um homem para sentir-se completa, e não começaria a precisar agora. Sim, ela se importava com Ramirez, mas estava pronta para sossegar e se comprometer em um relacionamento?

Era difícil saber.

Ela deitou na cama por quinze minutos até perceber que o sono não viria rápido como esperava. Havia muita coisa em sua mente. O caso, Ramirez e as complicações que vinham junto com ele e, talvez o pior de tudo, Rose.

Pensando em Rose, Avery sentou-se na cama e acendeu o abajur ao lado de cama. Era muito tarde para ligar para a filha, mas talvez uma mensagem, que ela veria pela manhã, seria algo bom.

Avery considerou a hipótese por um tempo, mas depois decidiu não escrever. Ao invés disso, abriu seu Facebook. Infelizmente, o Facebook fora sua única opção durante o último ano para saber como andava a vida de sua filha.

Ela entrou no perfil de Rose e descobriu que havia sido bloqueada.

Avery sabia que aquilo era no máximo uma ofensa boba, mas que na verdade a machucou. Ela tentou o Twitter e o Instagram, mas estava bloqueada por lá também. Aparentemente, o cancelamento do dia de garotas tinha sido a última gota para Rose.

O pior de tudo é que Avery não culpava a filha. Ela tinha apenas que encontrar uma maneira de consertar as coisas—se Rose estivesse disposta a deixá-la tentar, é claro. Naquela altura, não havia garantia de que ela deixaria.

Triste, ela deixou o telefone de lado e tentou dormir. Quando finalmente conseguiu, foi um sono irregular. Não houve de fato um descanso, apenas uma mente agitada tentando relaxar enquanto tentava organizar o caos em que a vida de sua dona se tornara.

Ela sabia que era um pesadelo desde o começo, mas isso não tornou aquilo nenhum pouco menos horripilante. Estava caminhando pelo terreno onde haviam descoberto os restos. Havia uma nova pilha de ossos lá, mas esses não estavam tão limpos e brancos quanto os da vida real. Ainda havia carne naqueles ossos. Insetos voavam e faziam barulhos em volta deles.

Do fundo da propriedade, onde começava o chão pantanoso, Rose apareceu e caminhou em sua direção.

- Que bagunça, não? – Rose disse.

- Você viu? – Avery perguntou. – Você viu o que aconteceu?

- Não vi muita coisa ultimamente – Rose disse. – Especialmente de você. Talvez isso vai ajudar.

Dizendo isso, Rose puxou um isqueiro de seu bolso, acendeu a chama e a jogou em Avery. Avery queimou-se de uma só vez, com suas calças em chamas. O fogo subiu rapidamente, queimando sua camisa e a parte de baixo de seu queixo.

Ela gritou. Atrás de si, escutou Ramirez chamando seu nome. Ela virou-se para ele e viu que ele estava lá com um braço estendido e um cobertor, como os bombeiros geralmente fazem com vítimas de queimaduras.

- Pegue minha mão – Ramirez disse. – Posso te salvar. Você só tem que confiar em mim.

E ainda que quisesse muito, ela não alcançou a mão dele. Em resposta, Ramirez gritava seu nome.

Avery caiu no chão, com o fogo agora alcançando seus braços e cabelo. Ela queimava rapidamente, sua pele se tornando cera enquanto ela caía. Ela não se contorceu, simplesmente ficou ali e virou-se para olhar para Rose.

Rose segurava um palito com um marshmallow. Ela se agachou e segurou o palito sobre sua mão em chamas.

- Vou levar o tempo que precisar – Rose disse, rindo.

Foi quando Avery finalmente gritou. Chamas saíram de sua boca e todo seu corpo virou cinzas, fumaça e uma intensa fumaça branca.

Avery acordou em sua cama, com o grito do pesadelo preso na garganta, perto de se tornar realidade.

Ela levou alguns momentos para perceber que estava acordada e que tinha sido despertada pelo toque de seu celular. Alcançou o aparelho com o coração batendo forte no peito e viu que eram cinco e quinze—trinta minutos antes da hora em que seu alarme geralmente a acordava. Na tela, viu o nome e o número de O'Malley.

- Alô? – Ela disse quando atendeu.

- Levante, Black – ele disse. – Temos outro corpo.

CAPÍTULO ONZE

Quando Avery colocou seu carro no terreno sujo e vazio que fora outrora um moinho de farinha, algo no local a abalou instantaneamente. Letras brancas desbotadas na fachada do prédio no passado diziam “Farinha Irmãos Statler”, mas eram quase invisíveis agora. Ela imaginou há quanto tempo aquele lugar não era utilizado para um dia de trabalho. Pelo menos cinquenta anos, chutou. O lugar não era nenhum pouco especial. Nada naquela parte da cidade recebera muita movimentação por muito tempo. Aquela área era menos do que apenas os arredores de Boston—era o limite da área de Mattapan, um lugar que parecia uma fronteira estranha que o tempo havia se encarregado de esquecer.

Quando pisou no terreno e caminhou para se juntar ao grupo de policiais nos fundos do lugar, ela podia sentir até o cheiro do abandono. Aquele era o tipo de lugar que era perfeito para casais jovens e aventureiros explorarem os bancos de trás de seus carros ou para traficantes venderem seus produtos. Mas Avery sentiu algo diferente por alguma razão... sentiu que não era certo dar fim à vida de alguém em um lugar tão esquecido.

Quando ela chegou ao grupo de policiais, um dos agentes estava terminando de colocar fitas em volta da cena do crime. Havia apenas outros três, sendo que um deles era Connelly. Finley também estava lá, parecendo animado e um pouco hesitante, como sempre. Ele estava pálido quando entrou na cena do crime, além das fitas demarcadoras.

Avery juntou-se a eles, passando por baixo das fitas e agachando-se a cerca de quinze centímetros do que a fita estava bloqueando.

Havia outra pilha de restos—mais ossos e cinzas. Dessa vez, no entanto, parecia haver muito mais cinzas e menos ossos do que antes. O crânio era o osso mais fácil de indicar. Avery também viu um fêmur, algumas costelas e o que parecia ser um pulso fraturado. Ela inclinou-se para perto dos restos, respirou fundo e sentiu traços do mesmo odor químico que havia sido encontrado na cena do crime anterior.

Que porra é essa? Com certeza não é algo básico. Talvez ele está tendo que pedir esse acelerador especial de algum lugar. Se for isso, pode ser mais fácil de encontrar.

- Como ficamos sabendo disso? – Ela perguntou.

- Um cara do departamento de rodovias passou por aqui cerca de duas horas atrás – Connelly disse. – Ele disse que só viu isso aqui porque saiu do caminhão para mijar.

- Então não temos ideia de quanto tempo esses restos estão aqui? – Avery perguntou.

- Não.

Avery olhou o restante da área. As cinzas e ossos estavam em uma pilha bem arrumada, como no crime anterior. Aquilo a fez acreditar que todo o restante naquele lugar também seria igual ao anterior. O primeiro indício disso foram os vários fragmentos do que parecia ser uma porcelana ou vidro colorido quebrado a cerca de um metro e meio das cinzas.

- Se parece muito com os estilhaços do outro lugar – Avery apontou.

- Percebi isso – Connelly respondeu.

Quando estava prestes a passar de volta pelas fitas e analisar a área ao redor, Avery viu dois carros de polícia entrando no terreno. Suas luzes estavam acesas, mas suas sirenes desligadas. O carro da frente parou bruscamente e o motorista não perdeu tempo para sair do veículo.

- Vocês são do A1? – O policial perguntou quando chegou perto do grupo.

- Sim – Connelly disse. – Por que?

- Bom, estamos um quilômetro e pouco fora da sua jurisdição – disse o policial. Era claro que ele estava irritado; havia uma ponta de aborrecimento em sua voz. – Aqui é área do B3. Nós agradecemos o interesse e ajuda, mas podemos cuidar disso daqui para frente.

- Tenho certeza que sim – Connelly disse. – Mas essa cena é uma réplica exata de outra que nós encontramos ontem. É muito relevante para o nosso caso.

- Mas esse território é nosso – o policial respondeu. – Isso é—

- Sério? – Avery perguntou. – Seu *território*? Isso aqui não é uma guerra de gangues. Temos dois corpos até agora... e nenhum ideia do motivo desses ataques. Se você quiser falar sobre pessoas entrando no seu *território*, vá falar com seu capitão. Nós estamos muito ocupados tentando pegar um assassino para nos preocuparmos com quem está entrando no território de quem.

- Você pode ter certeza de que eu vou levar isso para o meu capitão – o policial respondeu.

- Faça isso – Connelly disse. – E até você conseguir fazer todas as ligações e preencher todos os formulários, nós já teremos terminado aqui.
- Babaca – disse o policial.
- Já me chamaram de coisa muito pior – Connelly respondeu.
- Você não pode simplesmente tomar conta da cena de um crime fora da sua jurisdição!
- Podemos se o crime for diretamente ligado a um assassinato que aconteceu na nossa área, e você e seus homens deveriam estar auxiliando felizes.
- Aqui é nossa jurisdição. Vocês vão auxiliar.
- Ah, sim, isso não vai acontecer – Connelly disse.

Avery podia ver que ele estava começando a ficar perturbado. Se O'Malley também estivesse ali, tudo poderia ter sido um pouco mais agressivo. *E de novo*, Avery pensou, *se isso ficasse mais agressivo, a situação poderia piorar e muito.*

- Você realmente quer criar um problema aqui? – O policial do B3 perguntou.
- Nós chegamos primeiro – Connelly disse. – Me parece que você é quem está criando um problema.
- Porra! Meu capitão vai ficar sabendo disso!
- Você já disse isso. Agora pare de me ameaçar e nos deixe trabalhar aqui, pode ser?

O policial olhou para Connelly por um momento, como se estivesse pensando em uma resposta. Quando ficou claro que ele não tinha interesse em começar uma luta de distritos antes de tomar as providências cabíveis, ele voltou para o carro. Levantou poeira e cantou pneus quando pegou a estrada e saiu.

- Vai dar merda se ele reclamar mesmo disso – Connelly disse. – Ele na verdade está mais certo do que errado... então vamos fazer isso aqui rápido.

Avery não perdeu tempo. Ela começou a analisar a área e fazer anotações quando outros carros apareceram. Os peritos trabalharam com rapidez e eficiência assim que chegaram, coletando os restos e os fragmentos de porcelana, tirando medidas da área e afins. Avery caminhou ao lado deles, procurando outras pistas que o assassino poderia ter deixado por ali.

Se ele deixou pistas, não acho que seriam acidentais, ela pensou. *Pode ser outra maneira dele se mostrar. Mas se ele deixou algo como uma pegada, um pelo, um cabelo ou qualquer outra evidência e nós deixarmos*

isso passar porque estamos focados só na natureza do crime dele, vai ser pior ainda.

Ela olhou em volta da área cercada pela fita e não encontrou nada. Esse cara se move como um fantasma... o que significa que ele é cuidadoso e rápido. O tamanho do planejamento dele é obsessivo.

Quando terminou seu trabalho em volta da área demarcada, Avery seguiu para o limite mais longínquo do lote. Ele se separava da rua ao lado do prédio por um muro alto de tijolos. Ela caminhou ao lado do muro procurando qualquer evidência accidental, como fibras perdidas, mas não encontrou nada. Depois, checkou o outro lado do muro, mas não havia nada para ser encontrado além de lixo espalhado.

Depois, concentrou suas atenções no velho moinho de farinha. Quase todas as janelas estavam quebradas e o prédio estava coberto de grafite. Havia uma grande porta nos fundos, que estava entreaberta. Parecia ser uma porta velha de galpão, permanentemente estática e meio aberta. Avery caminhou por alguns degraus de concreto e abaixou-se para entrar no local.

A luz da manhã entrava pela janelas quebradas, dando ao local um brilho quase etéreo. Havia montes de poeiras em um lado ou outro, movendo-se em direção ao teto alto. O lugar não tinha nada mais do que pilares velhos e uma grande máquina nos fundos do prédio. Era apenas uma grande sala, cheia de equipamentos velhos e quebrados, placas de pallets podres, e sujeira.

Por isso, foi muito fácil para Avery ver um brinco no chão. O fato de que a luz do sol estava refletindo no objeto tornou a tarefa mais fácil ainda. Ela caminhou até o brinco e teve certeza no mesmo momento de que o objeto não estava lá por muito tempo. Ao contrário de todas as outras coisas ali, o brinco não estava cheio de pó. O pequeno diamante no acessório ainda estava lustrado e brilhante.

Ela escutou passos se aproximando, vindos dos degraus de concreto lá fora. Olhou para a porta e viu Ramirez entrar. Ele levou um momento para observar o interior do local e depois olhou para Avery.

- Bom dia, linda – ele disse.

- Bom dia – ela respondeu. – Ei, você pode ir ali e chamar algum dos peritos aqui? Tenho algo aqui que eles precisam coletar.

Ramirez pareceu um pouco desapontado pela rápida transição de Avery entre o flerte e o profissionalismo, mas assentiu mesmo assim. Ela não perdeu tempo pensando na reação dele. Olhou novamente para o chão, percebendo mais um sinal de atividades recentes.

Avery viu suas próprias pegadas, atravessando o chão empoeirado. Mas também viu outra série de pegadas... e mais uma. Não havia pegadas *claras*, mas sim muitas borradas, indicando que alguém havia se movido com urgência. Um dos pares de pegadas—o menor—parecia ser de alguém que estava sendo arrastado.

As pegadas maiores a mostraram pelo menos três marcas inteiras. Era como uma bota de trabalho. Tamanho entre quarenta e três e quarenta e quatro, se ela estivesse certa. O outro era um tênis de sola baixa. Avery pensou ter visto uma parte de uma estrela em uma marca no piso. Uma marca que a lembrou do símbolo de um All-Star.

Provavelmente uma pessoa jovem, então. Não mais do que vinte e poucos.

Tinha havido alguma movimentação ali. E mesmo as pegadas não sendo totalmente novas, elas certamente também não estavam ali por muito tempo. No máximo poucos dias.

Quando levantou-se e seguiu o curso das pegadas, Avery viu que o brinco estava diretamente no caminho delas. Uma mulher havia sido atacada. Ela estava calçando tênis, talvez All-Stars, e o homem a perseguindo deveria estar usando botas.

Ela recuou e seguiu o curso das pegadas com os olhos. Tentou imaginar a perseguição e a luta. O tipo das impressões a fizeram pensar que houvera, no ataque, algum elemento de surpresa.

Um deles já estava aqui quando o outro chegou. A fraqueza das pegadas do All-Star fazem parecer que essa pessoa estava com pressa, correndo. Então a jovem estava fugindo—provavelmente surpresa e assustada. Os restos lá fora provavelmente pertencem a essa pessoa.

Ramirez voltou com um membro dos peritos, interrompendo o pensamento.

- O que nós temos aqui? – O perito perguntou.
- Um brinco e algumas pegadas bem claras.
- Que mina de ouro! – Ramirez disse. – Bom trabalho.

Avery assentiu, agradecendo, mas estava muito preocupada com as pegadas para dar atenção a ele. Não havia sangue nem restos visíveis. Talvez eles pudessem conseguir resultados de DNA a partir do brinco, mas aquilo era só uma ideia.

Mas mesmo aquilo não incomodou Avery tanto quanto o caminho das pegadas na sujeira.

Mesmo que não houvesse sangue e sinais visíveis de violência, aquelas pegadas contavam uma história que ela não estava gostando nem um pouco de descobrir.

CAPÍTULO DOZE

O clima durante o dia seguiu pesado pela descoberta que eles haviam feito pela manhã. Quando o relógio chegou às quatro horas e os resultados começaram a aparecer, Avery sentiu como se tivesse com uma pilha de caminhos a seguir em seus ombros. Aquele era o peso que ela sentiu quando entrou na sala de conferências do A1, e que aumentava a cada olhar que a encontrava.

Quando sentou-se em frente a Ramirez, ela percebeu uma energia agitada no ar. Avery sabia que informações haviam chegado—a maioria dos peritos —e que o brinco fora confirmado como sendo mesmo um objeto muito caro. Porém, ela não sabia de nada concreto além disso. Os sussurros abafados em volta da mesa e o fato de que O'Malley estava um pouco atrasado a fizeram ter certeza de que haveria muito o que discutir nos próximos minutos.

Ela também sabia que havia algo desagradável por trás daqueles crimes. Os diretores do A1 estavam tendo conversas muito calorosas com o comando do B3. Mesmo que não estivesse nenhum pouco interessada em assuntos políticos, ela sabia que se as coisas não fossem resolvidas logo de uma maneira civil, eles teriam um pesadelo de logística para resolver que poderia atrapalhar o caso.

Exatamente às 4:07, a sala estava lotada com nove oficiais e um barulho alto de murmúrios. Alguém especulava que a mídia local havia descoberto a história e falaria sobre isso nos jornais da noite. Outra pessoa especulava que o valor do brinco sugeria que as mortes teriam motivações financeiras, já que o objeto fora avaliado em algo em torno de quinhentos dólares.

Quando O'Malley chegou e finalmente entrou na sala, todos os sussurros e murmúrios cessaram. O'Malley parecia ansioso e talvez até um pouco frustrado—duas palavras que Avery nunca havia utilizado para descreve-lo antes daquela tarde. Ele segurava um pequeno maço de papéis em sua mão direita e seu celular na esquerda. Quando entrou na sala, fechou a porta um pouco forte demais. O barulho fez com que alguns agentes pulassem na sala.

- Bem-vindos a esse inferno – ele disse e parou em frente à mesa de conferências. Instantaneamente, pegou dois papéis de sua pilha e os jogou pela mesa na direção de Avery.

Ela olhou para os papéis e ficou impressionada pela velocidade com que os peritos conseguiram resultados. A ficha identificava a vítima como sendo

Sarah Osborne, de vinte e dois anos.

- Esse nome te diz algo? – O'Malley perguntou, apontando para o papel.

- O sobrenome sim – Avery respondeu.

- Sarah Osborne – O'Malley disse. – Sobrinha do vereador Ron Osborne. O brinco foi confirmado como sendo dela dez minutos atrás. E ela também usava frequentemente All-Stars.

Um par de All-Stars e brincos de quinhentos dólares, Avery pensou. Essa jovem ainda estava lutando para descobrir sua identidade.

- Já temos a mídia atrás disso – O'Malley continuou. – Dada a natureza dos crimes e a alta patente da vítima, podemos esperar muita atenção da imprensa. E isso significa que eu gostaria de encerrar esse caso antes que ele chegue à mídia nacional, especialmente com o B3 incomodando. Então por favor... alguém me diga que estamos progredindo de alguma maneira.

- Não há conexões óbvias entre as vítimas – Avery disse, ainda segurando os arquivos sobre Sarah Osborne. – Elas moram em áreas diferentes da cidade e são de diferentes classes sociais. Estou olhando os registros de incêndios dos últimos dez anos. É algo que demora, mas ainda não tenho conexões.

- Vou designar mais três agentes para te ajudarem nisso – O'Malley disse. – Enquanto isso, deixe-me avisá-los que alguns caras do B3 vão trabalhar com a gente nesse caso. O último corpo estava na área deles e sabendo da notoriedade da vítima, eles estão insistindo em seguir envolvidos nisso. Não gosto nada dessa ideia, mas não vale a pena discutir ou atrair a atenção da mídia para isso.

- Outra coisa – Avery disse. – Acho que agora podemos dizer que esse cara *é mesmo* um assassino em série. Se você quer resolver isso logo, acho que precisamos pensar em trazer o FBI para o caso.

- E sobre o incêndio – Connelly disse de seu lugar na mesa, - acho que devemos cruzar as referências de qualquer documento legal antigo. Talvez até dos peritos, sendo mais específico. Esse cara deixa tudo muito limpo. É quase como se ele soubesse que tipo de coisas nós estamos procurando.

Avery segurou o comentário que veio em sua mente. Ela achou que aquele era um bom pensamento, mas tinha certeza de que a ideia de Connelly seria uma perda de tempo. O fogo era a chave. Ela tinha quase certeza disso agora... só não tinha como encontrar provas sólidas.

- Acho que isso é tudo o que temos até agora – O'Malley disse. – Se algum de vocês falar com a mídia, eu mato vocês. Acredito que em duas ou

três horas teremos vans e repórteres aí fora. Então mantenham a cabeça baixa, o nariz limpo e a boca fechada. Finley, Smith e Cho... Quero vocês três trabalhando nas referências discutidas pela Black e por Connelly. Black e Ramirez, preciso que vocês visitem a família da Osborne.

- Quando eles souberam da morte de Sarah? – Avery perguntou.

- Cerca de uma hora atrás. Se tiverem sorte, vocês vão conseguir falar com os pais antes que Ron Osborne coloque seu nariz político nisso. Vou mandar o endereço por e-mail para vocês daqui a pouco.

O'Malley não terminou a reunião com palavras, mas sua linguagem corporal disse tudo. Ele estava preocupado, irritado e não tinha nada para dizer. Avery juntou os papéis que ele tinha a entregado e acenou para Ramirez. Ele saíram juntos, com pressa. Se havia algum olhar especulativo para eles quando saíram, ela não notou. Estava muito focada em ter que falar com os pais da garota sobre a morte da filha deles.

Terry e Julia Osborne moravam em uma linda casa de dois andares em Back Bay. A área pela qual Avery e Ramirez passaram para chegar à casa era cheia de terrenos que valiam milhões de dólares. Ela sabia que Terry Osborne não tinha aspirações políticas como seu irmão, mas ele era um dos mais cobiçados corretores de imóveis de Boston. Ela tinha certeza de que ele havia conseguido o direito de negociar os melhores imóveis de Boston através de Ron Osborne, o vereador, mas essa não era sua preocupação—e ela pouco se importava com isso—quando chegou com Ramirez em frente à casa dos Osborne.

Avery podia ouvir uma mulher chorando dentro da casa, aparentemente Julia Osborne tentando aceitar a notícia da morte de sua filha. Ainda assim, alguém atendeu a porta em menos de vinte segundos. Terry Osborne estava claramente em estado de choque. Quando olhou para Avery e Ramirez, ele piscou os olhos rapidamente, como se estivesse tentando enxergar alguma parte do mundo que não fosse a miséria que pairava em sua casa.

- Senhor Osborne – Avery disse. – Sou a Detetive Black e esse é meu parceiro, Detetive Ramirez. Eu sei que é uma péssima hora para você, mas nós esperamos que você possa nos ajudar respondendo algumas perguntas. Nós obviamente queremos pegar o assassino o mais rápido possível.

- Claro, entrem – Osborne disse. Ele virou-se sem muitas expressões e caminhou para dentro de casa como se estivesse em estado de sonolência.

Eles o seguiram até a cozinha, onde ele foi até uma adega muito bonita e bem elaborada. Escolheu uma garrafa de vinho tinto e serviu a si mesmo uma taça grande. Avery percebeu que se tratava de uma garrafa de Houdini Napa Valley—uma garrafa que, ela sabia, custava pelo menos duzentos dólares. Ele deu um gole no vinho distraidamente, quase como se tivesse se esquecido da presença dos dois detetives.

- Vamos fazer isso o mais rápido possível – Avery disse, ainda escutando o choro que vinha de outro lugar da casa. – Primeiramente, você sabe por que Sarah estava naquela parte da cidade?

Terry balançou sua cabeça.

- Ela estava trabalhando em meio período com um grupo público de ensino... ajudando crianças a aprender a ler e tal. Me envergonho em dizer que não sei porque ela estava lá. Acho que é possível que ela estava lá a trabalho... Não sei.

- Você sabe o nome desse programa de ensino? – Avery perguntou.

- Ajudando Mãos – ele disse. – Tenho um cartão em algum lugar, eu acho...

Ele começou a caminhar em direção à porta da cozinha, mas Avery o parou.

- Tudo bem, senhor Osborne. Nós podemos entrar em contato com eles.

Ela podia ver que ele estava tentando manter-se ocupado. Ocupar a si mesmo, para ocupar sua mente com algo diferente. Mas ela também sabia que quando ficasse sem nada para fazer e perguntas para responder, ele desmoronaria.

- Você sabe se Sarah tinha algum amigo que possa ser suspeito? Alguém que você não gostava de ver saindo com ela?

- Não, acho que não. Eu nunca... bem, eu não sabia nada da vida dela, sabe? Eu estava sempre trabalhando e—

Ela sentiu que ele estava prestes a desmoronar e fez seu melhor para mantê-lo de pé um pouco mais, fazendo outras perguntas.

- Ela tinha namorado? – Avery perguntou.

O rosto de Terry ficou sem expressão, mas houve resposta de uma voz feminina atrás deles. Julia Osborne havia entrado na cozinha. Seu rosto estava sujo de maquiagem borrada e ela parecia um fantasma. Seu lábio inferior tremia e seu cabelo estava bagunçado.

- Ela não tinha namorado – ela disse. Sua voz estava rouca por ter chorado tanto pela última hora e meia. – Ela terminou um relacionamento sério ano passado e estava solteira desde então. E sobre amigos... ela não tinha muitos. Apenas as crianças que ela ajudava no Ajudando Mãos. Ela era uma garota doce mas... sempre ficava na dela.

- Você sabe o nome do ex? – Avery perguntou.

- Sim, Denny Cox. Mas ir atrás dele seria uma perda de tempo. Ele é um garoto muito bom. Era policial.

- Era?

- Sim. Foi demitido pouco tempo atrás. Depois de que ele e Sarah terminaram.

Avery e Ramirez trocaram um olhar que eles tinham passado a usar quase como um outro tipo de linguagem. Com um simples gesto com a cabeça, Ramirez saiu da cozinha e foi para a parte de fora da casa para ligar e pedir informações sobre Denny Cox.

- Existe algo a mais que vocês acham que eu poderia precisar saber? – Avery perguntou.

Julia olhou para o chão, como se estivesse envergonhada, depois assentiu.

- Eu estava no quarto dela agora... olhando as coisas dela... querendo segurar algo apenas para sentir como se eu estivesse com ela—

Nesse momento, ela começou a chorar, respirando através de profundos soluços. Ela estendeu a mão e ofereceu algo para Avery. Avery segurou e notou que era uma sacola de plástico. Havia seis pílulas dentro dela. Duas tinham símbolos de dólares e quatro tinham rostos sorrindo.

Ecstasy, ela pensou. *E a mãe só descobriu assim. Meu Deus...*

- Eu não quero saber o que é isso – Julia disse. – Eu quero que você leve se isso for te ajudar a encontrar o homem que fez isso.

Avery pegou as pílulas e não disse nada. Ela olhou para a cozinha, onde Terry estava terminando rapidamente com o vinho em sua taça.

- Obrigado pela cooperação – ela disse. – Por favor, não deixe de ligar para nós se você pensar em algo mais que possa nos ser útil. Até lá, por favor tomem cuidado. Vocês têm alguém para vir ficar com vocês?

- Meu cunhado está a caminho – Julia disse. – Ele vai garantir que nós vamos encontrar quem fez isso.

Avery assentiu e deu um tchau rápido para Terry e Julia. Ela não queria estar lá quando Ron Osborne chegasse com um milhão de perguntas e seu

ego inflado. Ela caminhou pela cozinha e o grande corredor em direção à porta da frente. Quando saiu, Ramirez tinha acabado de desligar o telefone.

- Alguma coisa? – Avery perguntou.

- Sim – ele disse. – Denny Cox, expulso da polícia dez meses atrás. E quando ouvi os detalhes, eu me lembrei dessa história. Ele foi pego com uma puta na viatura. E ele não estava prendendo ela, se é que você me entende.

- Bastante obsceno, mas nada que o torne suspeito de—

- Calma, fica melhor. – Ele disse. – Quando Denny tinha quinze anos, o barraco do pai dele pegou fogo nos fundos. Sem motivo... os bombeiros nunca descobriram de onde veio o fogo. Foi no mesmo ano que um pequeno incêndio começou atrás dos bancos de reserva da quadra de basquete do colégio Desmond. Quer tentar adivinhar quem foi visto fugindo da quadra quando os professores chegaram?

Avery não perdeu tempo em responder. Ela entrou no lado do motorista do carro e perguntou:

- Você tem o endereço?

CAPÍTULO TREZE

Quando o endereço os levou de volta para o território do B3—a cerca de seis quilômetros do local onde os restos de Sarah Osborne foram encontrados—parecia mesmo que Denny Cox era quem eles procuravam. Tudo parecia se encaixar muito bem e aquele parecia ser o caminho certo. No entanto, Avery sempre suspeitava quando algo vinha muito fácil. E todas as informações sobre Denny Cox tinham basicamente caído em seu colo.

Eram 6:37 quando ela estacionou em frente à casa de Denny. Era uma casa pequena, básica, de um andar, totalmente diferente da residência dos Osborne, da qual eles haviam acabado de sair. Quando caminharam até a casa, Avery viu uma planta morta ao lado da porta na varanda da frente. O revestimento de vinil estava começando a apodrecer e criar mofo.

Ela tocou a campainha duas vezes, tendo que apertar forte para que o botão funcionasse. Em segundos, um jovem de cerca de vinte e cinco anos atendeu a porta. Ele estava um pouco acima do peso e tinha a barba de alguns dias por fazer.

Ele também parecia estar bêbado. Era algo aparente na maneira em que ele cambaleava os pés, piscava os olhos e no olhar sem remorso com o qual olhou para Avery de cima a baixo como se ela fosse um pedaço de carne.

- Ei, agentes – ele disse. – Opa, não... Detetives, certo?

- Certo – Avery disse. – Detetives Black e Ramirez. E você é Denny Cox, sim?

- Eu mesmo – ele respondeu. – Estava imaginando quanto tempo ia levar até vocês começarem a me questionar. Pensei que tivesse pelo menos até amanhã. Se eu soubesse que vocês estavam vindo, teria parado na segunda cerveja, talvez.

- Como você sabia que nós viríamos? – Avery perguntou.

- Eu vi nas notícias sobre Sarah. Falaram no jornal local das cinco.

Merda, Avery pensou. Aquilo poderia sair do controle bem mais do que O'Malley pensava.

- Você namorou ela por um tempo, certo? – Ramirez perguntou.

- Sim, namorei – Cox disse. Sua fala era arrastada e ele parecia estar se divertindo com a situação.

- E por que vocês terminaram?

Cox fitou-os por um momento com seu olhar embriagado. Estava claro para Avery que ela e Ramirez não seriam convidados para entrar—e seria a segunda vez em dois dias. Quando pensou em como as coisas tinham se saído com Adam Wentz, ela ouviu um pequeno alarme em sua mente; teria que manter um olho em Ramirez se Cox não se comportasse.

Infelizmente, porém, também estava claro para ela que, em seu estado atual, Denny Cox não poderia ajudar muito.

- Ela era muito jovem – Denny respondeu. – Só quatro anos mais nova que eu, mas quando eu comecei a trabalhar na polícia ela se tornou muito possessiva. Sempre reclamava que eu não passava tempo o suficiente com ela. Além disso, um tira namorando uma menininha... era motivo de muita piada para os caras. Eu fiquei de saco cheio.

- E você a viu muitas vezes depois disso? – Avery perguntou.

- Uma vez. Ela ficou chapada pra cacete e me ligou. Eu a trouxe aqui e nós fizemos sexo.

- Você disse que ela estava chapada... você sabe o que ela usava?

- Cocaína, provavelmente. Ela escondia esse assunto, mas gostava da cocaína dela. – Ele fez um gesto como se estivesse se escondendo e continuou. – Mas mamãe, papai e o Tio Ron não tinham nem ideia disso.

- Você sabia com certeza que ela usava drogas? – Avery perguntou.

- Sim. E ela escondia isso muito bem. Ela bebia às vezes, também. Mas o vício dela era mesmo cocaína e ecstasy.

- E mesmo sendo da polícia, você achava isso normal?

- Não era da minha conta, sabe? Eu e ela nos divertíamos juntos... e no fim, eu acho que era mais por causa das drogas. Então eu deixei que ela se divertisse. Eu era o namorado dela, não o pai.

- Você sabe de quem ela comprava?

Cox riu e balançou a cabeça.

- Não. Ela mantinha isso em segredo—especialmente quando eu comecei a falar sobre entrar na polícia. Mas, na verdade, eu acho que ela estava mais preocupada que a família descobrisse—especialmente aquele político de merda do tio dela.

- Senhor Cox – Avery disse, rapidamente tentando desviar a atenção do claro desdém de Denny pela família Osborne, - o que você pode me dizer sobre os dois registros na sua ficha que envolvem fogo?

- Que registros? Você diz aquelas besteiras da escola sobre os bancos de reserva? Sim, aquilo foi idiota. Um erro que eu cometi para incomodar o

namorado de uma garota que eu gostava. Uma brincadeira estúpida. Eu tinha quinze anos. Você acha que aquilo me torna um candidato a assassino de alguém?

Avery se deu conta de que não havia visto as notícias na TV. Quanto a mídia sabia? Se eles não estivessem falando nada sobre a maneira com que as pessoas estavam sendo mortas, ela com certeza não queria dar informações demais para um homem como Denny Cox. Ela percebeu que se ele *tivesse* ficado sabendo da história toda, teria dito algo sobre isso agora.

- Não, não torna. – Avery disse. – Mas como um ex-policial, você sabe que nós temos que falar com todas as pessoas ligadas a Sarah. Você mesmo disse... você sabia que era só questão de tempo até que alguém viesse te fazer algumas perguntas.

- Também tem o fato do incêndio no barraco do seu pai – Ramirez disse. – E também o lance com a prostituta. Você não tem uma ficha muito limpa.

Cox encostou-se na borda da porta e olhou novamente para Avery de cima a baixo.

- Sabe... Eu sei quem é você, Detetive Black. *Avery*. A maioria dos caras ficaram putos quando você entrou na polícia em Boston. Mas eu não vejo tanto problema. Na verdade é bom olhar para a sua... ótima ficha.

Os olhos dele pararam por um tempo. Para chamar a atenção, Avery moveu sua mão até a cintura para mostrar o bastão e a arma guardados ali.

- Isso não vem ao caso, senhor Cox. Nós queríamos te perguntar sobre—

- Sarah, eu sei – ele interrompeu. – É, eu aposto que O'Malley e os caras dele estão putos com isso tudo. Sobrinha de um vereador. Eu também vi que tem alguns desentendimentos sobre qual distrito está comandando esse caso tão importante. Aposto que vocês dois estão trabalhando muito para conseguir resolver isso tudo, ein?

- Estamos – Ramirez disse, dando um passo à frente. – Então se você por favor puder parar de despir minha parceira com os olhos e responder a merda das nossas perguntas, você ajudaria muito.

- Calma aí – Cox disse. – Quem diabos é você? Um cavaleiro em uma armadura brilhante ou algo do tipo? – Ele então inclinou-se e, com um sussurro, acrescentou: - Você está pegando ela, cara?

Ramirez moveu-se muito rápido para que Avery pudesse para-lo. Ele deu um grande passo à frente e deu um soco em Cox com a mão direita.

Cox moveu-se também com uma velocidade surpreendente. Ele não só desviou do soco, mas também segurou o braço de Ramirez, entortando-o e o

empurrando com força contra a borda da porta. Ramirez instantaneamente tentou responder com seu outro braço, mas Avery interviu para impedir que aquela situação terrível piorasse ainda mais.

Ela empurrou Ramirez para trás com força, fazendo com que Cox soltasse o braço dele. Cox então veio em direção a Avery, novamente com sua mão direita levantada. Talvez por que estava bêbado, ou talvez porque não tinha assimilado bem a morte da ex-namorada, ele aparentemente não estava preocupado com a repercussão de seus atos.

No entanto, Avery foi mais rápida. Ela proferiu um soco com sua mão direita, com os dedos curvados. Golpeou-o duas vezes rapidamente nas costelas. Cox caiu de joelhos, tentando respirar. Ramirez avançou novamente, buscando suas algemas.

- Não – Avery disse, o impedindo. Ela o empurrou para trás e falou o mais baixo possível, sem querer que Cox escutasse e levasse a conversa até a polícia—onde ele com certeza estaria em menos de uma hora.

- Que porra é— - Ramirez tentou falar.

- Duas vezes em dois dias – ela disse. – Você não pode agredir alguém só porque eles falam comigo ou olham para mim desse jeito. Você é mais esperto que isso. E sendo sincera, isso está me irritando. Enquanto nós estamos trabalhando, eu sou sua parceira... não a porra da sua babá.

Ramirez franziu a testa, mas não disse nada. Na verdade, ele assentiu rapidamente e seguiu para o carro sem nenhuma palavra. Avery respirou fundo para se acalmar e depois virou-se novamente para Cox.

- Isso foi muito estúpido – ela disse.

- Sim – ele gemeu, agora agachado.

- Você sabe o que vai acontecer agora. Ou você levanta e vem calmamente comigo, ou eu vou ter que te algemar aqui. Eu posso estar com raiva o suficiente para puxar seu ombro para trás com força demais. Você conhece aquele barulho de “crack” que você escuta às vezes quando está puxando o braço de um criminoso para trás muito rápido?

Cox cuspiu nos pés dela enquanto levantava devagar.

- Eu queria ver você tentar, vadia.

Ela sorriu, apertou o punho, e o mostrou.

CAPÍTULO QUATORZE

Avery tinha visto a sede do A1 em desordem algumas vezes. Geralmente, isso acontecia quando algum novo grande caso aparecia ou uma pista promissora chegava e todos trabalhavam juntos fervorosos para resolver o assunto. Mas quando Avery e Ramirez voltaram à estação com Cox, o lugar parecia um circo.

Havia algumas novas vans no estacionamento quando ela parou o carro. Ela tomou a frente em direção ao terreno dos fundos enquanto Ramirez escoltava Denny Cox. Avery escutou um repórter dizer algo em voz alta. Em segundos, quatro pessoas estavam correndo pelo terreno, um deles com uma câmera na mão. Quando baixou a cabeça e continuou caminhando direção ao prédio, viu algumas viaturas que não eram familiares. Ela olhou as escritas e marcas e xingou internamente.

Tiras do B3, ela pensou. Ótimo, pelo jeito eles vão dar um jeito de arruinar tudo.

Quando um repórter e o câmera os alcançaram, Avery já estava na porta, empurrando Denny Cox para dentro.

- Com licença – o repórter disse, - esse homem está sendo preso pelos assassinatos e corpos queimados?

Ela não disse nada, mas Denny Cox tratou de responder.

- Eles foram até minha casa e enlouqueceram. – Disse com sua embriaguez atropelando cada palavra. – Acabaram comigo porque eles não têm nenhuma pista de verdade.

Ramirez o empurrou e eles conseguiram entrar e se afastar do repórteres.

- Que porra é essa? – Ramirez perguntou a Avery.

- Tinha carros do B3 lá fora – ela disse. – Aposto que eles foram na mídia, pedindo atenção para nos tirar dessa.

Quando seguiram caminhando pela estação, o circo continuou. Avery viu alguns homens com uniformes do B3, incluindo o que havia os confrontado mais cedo no local do segundo crime. Ele estava discutindo com Finley. Connelly estava na discussão, também, fazendo o possível para parecer calmo. Quando viu Avery, Connelly acenou para ela com urgência.

- Você cuida disso? – Avery perguntou a Ramirez, apontando para Cox.

- Sim. Veja se você consegue organizar isso aí.

Avery rapidamente foi até onde estava Connelly, que seguia em meio a uma calorosa discussão com Finley e um dos agentes do B3. O nome em seu uniforme dizia “Simmons”.

- Que merda está acontecendo aqui? – Avery perguntou.

- Muita coisa ao mesmo tempo – Connelly disse. – Alguém do B3 vazou a história para a imprensa. Faz uma hora que a mídia está dizendo que está havendo uma briga entre departamentos por aqui.

- Não é exatamente isso – Simmons disse. – No entanto, nós...

Simmons parou por ali, olhando por trás de Avery. Ela virou-se e seguiu o olhar dele. Ele estava olhando para Ramirez levando Cox para a sala de interrogatórios.

- Que porra é essa? – Simmons disse, sem gritar, mas falando alto. – Aquele é Denny Cox?

- Sim, é ele – Avery disse. – Você o conhece?

Ele olhou para ela com tanta raiva que ela pensou que ele poderia a atacar.

- Ele era tira do B3.

Connelly arregalou os olhos.

- Você está de sacanagem? Isso é inacreditável!

- Eu não quero saber de que departamento ele era – Avery disse. – Ele foi demitido por bons motivos e também tem um histórico com incêndios. Junte isso ao fato de que ele é ex-namorado de Sarah Osborne, a última vítima, e temos razões mais do que suficientes para trazê-lo aqui.

- Meu Deus – Simmons disse.

- Se quer saber, para mim isso é *karma* – Finley disse. – Você jogou a mídia em cima de nós e agora as câmeras estão por todos os lados enquanto um dos seus caras está sendo preso.

- Todo mundo calmo – Connelly disse. – Finley... Preciso que você vá lá e libere Adam Wentz. Depois disso, não quero saber o que você vai fazer, mas fique longe desses merdas do B3.

- Ei, olhe como você fala – Simmons disse.

- Você está na minha estação, babaca. Não tenho que cuidar com o que falo. – Ignorando-o, Connelly virou-se para Avery. – Preciso falar com você a sós. Venha.

Ele a levou pela estação até seu escritório. Fechou a porta e franziu a testa.

- Isso virou uma bagunça. Uma merda gigante, Avery. Por favor... me diga que existe uma razão muito boa para trazer aquele ex-tira do B3 para cá algemado.

- Além da ficha dele, ele também deu sinais de violência quando foi questionado.

- Na sua opinião, ele é quem nós estamos procurando?

- É muito cedo para dizer, senhor.

- Sem rodeios. O que sua intuição está te dizendo?

Ela pensou sobre aquilo por um momento e depois balançou a cabeça.

- Provavelmente não. Se ele fosse o assassino e estivesse deixando corpos queimados por aí como nós estamos encontrando, eu duvido que ele estaria bebendo tanto—e Denny Cox está completamente bêbado agora. Se ele fosse o assassino, iria querer ficar alerta e pronto para caso nós o encontrássemos.

- Mas existe uma chance de ele ser nosso procurado? – Connelly perguntou.

- Chance sempre existe, senhor.

- Bem, se nós não pudermos comprovar isso em uma hora, eu vou liberá-lo. Isso piora ainda mais a situação que já está uma merda.

- Entendido.

- Agora – ele disse, - como se as coisas já não estivessem ruins o suficiente, preciso que você vá até a sala do O'Malley. A porra do FBI apareceu aqui duas horas atrás e está nos pressionando. Preciso que você fale com ele e veja se você pode ajudar com sua mágica. E preciso que você faça isso *agora*.

Ela deixou a sala de Connelly e franziu a testa, novamente frustrada. Apressou-se pelo corredor para chegar à sala de O'Malley. Bateu na porta, que já estava aberta, e entrou ao escutar a voz de O'Malley.

- Entre.

Avery entrou no escritório e viu O'Malley tão perturbado quanto Connelly. O agente do FBI estava ao lado da mesa dele, mexendo em documentos, mas parecendo inexplicavelmente calmo.

- Agente Especial Duggan, essa é a detetive Avery Black – O'Malley disse. – Ela é nossa melhor. E também está à frente desse caso.

Duggan estendeu a mão e a cumprimentou. Ele parecia ter quase cinquenta anos. Tinha a barba bem feita.

- Prazer em conhece-la – Duggan disse. – Ouvi dizer que você é a melhor detetive do A1.

- Espero que sim – ela disse. – Como posso lhe ajudar?

- Bem, não estou aqui para comandar o show. Só quero ajudar da melhor maneira possível. Esse cara que você trouxe agora... você acha que ele é o culpado?

- Honestamente, não.

Duggan sorriu e depois olhou para O'Malley.

- Eu também não – ele disse. – Eu e seu chefe fizemos uma aposta.

Parece que ele ganhou... ele tinha certeza que você também não achava que esse cara é o assassino. Agora, o que te faz pensar que ele não é quem nós procuramos?

- Ele já teria admitido – Avery disse. – Iria querer reivindicar a autoria dos crimes. Também não estaria a uma cerveja de ficar completamente acabado se estivesse no meio de uma loucura de assassinatos e queimas. Ele está muito bêbado... e alguém nessa situação iria querer estar sóbrio o tempo todo.

- Você tem uma garota esperta aqui – Duggan disse.

O'Malley assentiu, mas parecia doer nele ter que admitir aquilo.

- Sim, eu sei. Mas eu não posso simplesmente liberar esse cara. Todas as peças são muito coincidentes. Mesmo que nós saibamos disso, a mídia não sabe. E há muita pressão.

- Então você vai mantê-lo aqui? – Avery perguntou. – Você tem que falar com Connelly. Ele quer o cara fora daqui em uma hora se não houver nada sólido contra ele.

- Black, eu não tenho escolha por enquanto. Olhe... ajude o Agente Duggan como você puder. Mas, por agora, eu estou trabalhando sob a premissa de que nós pegamos nosso procurado. Então você pode descansar um pouco por enquanto.

- Comandante O'Malley – Duggan disse, - você tem duas pessoas extremamente qualificadas lhe dizendo que esse homem não é o assassino e

- Com todo respeito, fale comigo quando você tiver uma mídia sanguinária e um público paranoico para se preocupar. Até lá... obrigado pela ajuda, Agente Duggan, mas você pode ir agora. Você também, Black.

Avery balançou a cabeça e riu.

- Sem problemas – ela disse quando Duggan saiu. – Você está errado. E isso significa que eu vou te ver daqui a um dia ou menos, pensando se você vai admitir que estava errado.

- Saia daqui, Black – O’Malley respondeu.

Avery saiu, sem saber que o Agente Duggan estava a seguindo. Era como ser seguida por um fantasma ou algum tipo de demônio. Claro, ela sabia que ele só queria ajudar, mas ele era como mais um peso sobre ela enquanto ela já tinha a pressão de seus superiores e da mídia a cercando.

Com Duggan a acompanhando, ela sabia que precisaria de um tempo fora da loucura do A1. Um pequeno intervalo, onde poderia deixar de lado a frustração. Com Duggan ainda a seguindo enquanto ia em direção a seu escritório, ela virou-se para o agente e tentou ser o mais amigável possível.

- Vou sair por uma hora mais ou menos – ela disse. – O’Malley lhe passou meu contato?

- Sim.

- Então me ligue se você precisar.

- Se eu puder perguntar... onde você vai que pode ser mais importante do que está acontecendo aqui agora?

Com uma voz fria e quase calculista, Avery respondeu.

- Vou voltar logo. Mas, nesse momento, eu preciso fazer algo.

CAPÍTULO QUINZE

Ele não sabia direito porque ver as cinzas era algo que o fazia sentir tão em paz. Era algo paradoxal ao que ele tinha lidado desde sua infância. Olhando uma pilha de cinzas, sentia-se não só poderoso, mas também simples e em paz. O mesmo acontecia com poeira. Da mesma forma que um pedaço de madeira podia ser queimado até virar nada mais do que uma leve pilha de cinzas, tijolos e concreto também poderiam ser queimados até se tornarem nada mais do que poeira inútil.

Aquilo fazia ainda mais sentido para corpos humanos. O corpo humano era algo admirável, da pele macia às células impossíveis de ser ver a olho nu. Mas quando um corpo encontrava o fogo intenso, ele não era mais especial do que um pedaço de madeira. Reduzia-se a simples cinzas, uma pilha minúscula que poderia ser colocada em uma sacola e jogada fora sem que fosse preciso pensar duas vezes.

Uma sacola... ou uma urna.

Ele sentou em sua cadeira com rodas e virou seu rosto para a estante no outro lado da sala. A estante, assim como a sala, estava impecavelmente limpa. O quarto estava vazio, exceto por uma pequena mesa, sua cadeira, a estante com as cinzas e três baldes de uma mistura química feita em casa que estavam posicionadas no canto. O piso era de cimento e as paredes feitas de blocos de concreto. Havia um grupo de urnas de vidro na estante. Eram oito no total—mas havia dez no passado. Ele havia levado as outras duas consigo na última vez em que havia carregado corpos para jogá-los. Ele quase decidira mantê-las, mas chegara a conclusão de que as urnas deveriam ficar com os restos. Assim, tudo parecia mais puro.

Devagar, levantou-se e caminhou até os fundos da sala. O lugar era iluminado apenas por uma pequena lâmpada. Não havia janelas e, se houvesse, a luz não entraria. Ele estava a cerca de quatro metros e meio debaixo da terra, exatamente abaixo da casa onde havia sido criado. Deveria ser relativamente frio no local, mas nos últimos dias, o quarto havia ficado aquecido.

E havia um mau cheiro, também.

O odor vinha dos fundos do quarto, exatamente do lugar para onde ele estava indo. Na parede dos fundos havia uma grande porta de metal. Parecia-se muito com a porta de um armário de carnes, mas era reforçada com uma

tábua grossa e um fecho de metal, por cima do já seguro mecanismo de fechadura.

Ele puxou a tábua e a colocou contra a parede. Depois, abriu a porta com a maçaneta em forma de U e olhou dentro. Quando fez isso, o mau cheiro aumentou muito.

Mas ele estava acostumado. O cheiro não o incomodava nada enquanto ele olhava para dentro.

O local tinha um metro de altura e um e meio de largura. Era um bloco de concreto que formava uma câmara, cuja qual ele havia passado parte do ano isolando. As paredes eram feitas de camadas de aço e pedras, com trinta centímetros de grossura e uma camada de aço em cada lado.

Havia marcas de carvão por todos os lados nas paredes, mas ele se orgulhava de como sua obra havia terminado. O teto havia cedido um pouco, mas serviria por pelo menos mais três ou quatro queimas.

Até agora, ele havia queimado dois corpos ali dentro. Fizera seu melhor para limpar o local depois de cada um, mas ainda havia poeira e cinzas no chão. Não havia qualquer tipo de ventilação na sala, então o local ainda preservava muito calor das duas queimas e dos testes que haviam sido feitos anteriormente.

E em breve—talvez no dia seguinte—haveria mais calor lá dentro. O lugar continha o fogo muito melhor do que ele poderia esperar. Durante anos, ele aprendera não só como incendiar da maneira correta, mas também como tornar o fogo mais forte e como controlá-lo. Era algo quase como uma arte, uma arte na qual ele ainda estava se aperfeiçoando.

Sorriu na sala e, devagar, voltou a fechar a porta. Após colocar a tábua de volta na fechadura de metal, caminhou até a estante. Pegou uma das urnas e a destrancou levemente. O som produzido pela urna soou como música para seus ouvidos.

Abriu e olhou para o vazio ali dentro.

Sorriu novamente, sabendo que a urna não ficaria vazia por muito tempo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Avery nem chegou a pensar em voltar para casa. Se tivesse se retirado com o rabo entre as pernas para casa após ser dispensada por O'Malley—especialmente em frente a um agente do FBI—ela teria sentido como se não fosse ela mesma. Ao invés disso, fora direto para a academia. Ela fazia aulas de Krav Maga duas vezes por semana, e ainda que aquela noite não fosse nenhum de seus dois horários, Avery sabia que sempre havia pessoas em volta dos tatames, procurando alguém para praticar.

Sendo uma mulher atraente de trinta e poucos anos, encontrar um parceiro aleatório para sparring foi fácil.

Obviamente, o olhar arrogante no rosto do homem que havia aceitado praticar com ela se tornara confuso, depois envergonhado, e em seguida medroso. Ele havia passado por todas aquelas emoções em menos de um minuto.

Naquele momento, ela estava por trás dele, segurando seu braço. Quando encaixou o golpe, sentiu sua mente viajar, deixando seus músculos e articulações quase no piloto automático. Pensou no que estava acontecendo na sede do A1 e como a interferência do FBI—sem falar na atenção da mídia—poderiam tornar o caso mais difícil. Também pensou em quão irresponsável Ramirez havia sido em duas ocasiões, uma logo depois da outra. Ele não era assim. Mesmo que fosse esquentado às vezes, ela tinha quase certeza de que os dois episódios tinham acontecido por conta de um sentimento de proteção que ele nutria por ela, já que eles finalmente haviam ido para a cama.

Ela sentiu o homem tentando se mexer embaixo dela, tentando rola-la para a esquerda. Ele era forte, mas nem de perto rápido e intuitivo como Avery. Ela moveu sua perna direita, colocando-a em volta das costas dele, e depois rapidamente trouxe seus braços para cima do peito dele. Ela o segurou, impediu seu movimento e pode não só coloca-lo no tatame sufocando-o com um estrangulamento, mas também colocando a perna direita dele embaixo de seu próprio corpo. Fez isso gradualmente, sentindo o corpo do homem tenso embaixo dela, enquanto voltava a pensar no trabalho.

Pensou em seu encontro com Sloane e em como ela aprendera os princípios de como funciona a mente de um incendiário. Parecia algo misteriosamente simples, e ela não conseguia descobrir porque era tão

difícil entender. No fim das contas, parecia que ela estava tendo dificuldades para entender *todos*: o assassino, Ramirez e até sua própria filha.

Pensando em Rose, imaginou onde ela estaria naquele momento, e se ela tinha finalmente mandado a raiva embora e desbloqueado sua própria mãe do Facebook. Imaginou se—

Seus pensamentos foram interrompidos mais uma vez, dessa vez pelo som do homem embaixo dela batendo rapidamente no chão, reconhecendo a imobilização.

Ela o soltou e ele rolou, levantando vagarosamente. Ele olhou para ela com um sorriso envergonhado, enquanto Avery sentou calmamente no tatame, normalizando a respiração. Ela tinha transpirado muito e começava a se sentir em paz novamente.

- Eu poderia dizer que não dói ser vencido por uma mulher linda assim – seu sparring aleatório disse. – Mas seria mentira. Perder é ruim de qualquer jeito.

- Verdade. – Ela respondeu.

E antes de dar tempo para que a conversa ficasse estranha, Avery saiu do tatame e seguiu para a academia. Ficou algum tempo nos sacos de pancadas, aproveitando o som quase percussivo que eles faziam ao encontrar seus punhos quando ela os golpeava com ritmo e velocidade. Depois, treinou seu ataque baixo. Não parou até que seus músculos doessem e o suor fizesse seus olhos arderem.

Seguiu para o banho, sentindo que tinha mandado embora uma parte das frustrações do dia. Pensou em ligar para Ramirez, pensando em pelo menos mais uma atividade física que servia para mandar o estresse embora. Mas levando em conta o dia que tiveram, estaria apenas o usando, e ele não merecia isso.

Saiu da academia e foi para a rua. Eram sete horas passadas e o tráfego intenso de pessoas saindo do trabalho já havia diminuído. Tinha uma refrescante caminhada de dez quadras pela frente, algo que gostava de fazer às vezes. Era um exercício bastante bom para depois do treino na academia.

Mas em quatro minutos de caminhada, todos seus pensamentos sobre exercícios e liberação de estresse foram esquecidos.

A sua frente, no outro lado da rua, encontrou o olhar de Rose.

Ela estava caminhando em direção a um pequeno café pelo qual Avery já tinha passado em frente muitas vezes, mas nunca visitara. Havia um jovem com ela. Eles estavam de mãos dadas e Rose estava rindo de algo quando eles entraram. Avery parou por um momento, sentindo seu bom senso e seus instintos maternos entrarem em guerra. Enfim, decidiu por cruzar a rua e ir em direção ao café.

Olhou pelo vidro, mas não conseguiu vê-los. O lugar não parecia tão cheio, mas Avery não conseguia ver claramente da rua. Com um suspiro, empurrou a porta e entrou. O local cheirava a café e bolos recém assados. Pelo que ela via, era frequentado por jovens, o que fez com que Avery se sentisse um pouco deslocada—especialmente logo após ter saído da academia, vestindo um moletom velho e calças de trabalho.

Ela viu Rose e seu aparente namorado perto dos fundos do café. Uma garçonete estava falando com eles, anotando seus pedidos. Avery caminhou devagar naquela direção e foi até a mesa assim que a atendente saiu. Com sorte, havia uma terceira cadeira na mesa, posicionada sozinha no lado oposto ao casal. Avery caminhou até lá como se tivesse sido convidada, mas não foi tão audaciosa a ponto de sentar-se.

Rose a olhou, confusa em um primeiro momento, mas depois em estado de absoluto terror. O rapaz parecia igualmente confuso. Avery o olhou rapidamente e viu que ele era exatamente o tipo de rapaz que ela imaginava que Rose se interessaria: alto, cabelo preto, e um daqueles estúpidos alargadores em cada uma das orelhas.

- Oi, Rose – Avery disse.

- O que você está fazendo aqui? – Rose perguntou.

- Eu vi você entrando e pensei que pudesse vir dizer oi.

- Você me viu entrando? – Rose perguntou, claramente sem acreditar. – Desde quando você frequenta cafeterias?

- Eu não frequento – Avery respondeu. – Estava saindo da academia no outro lado da quadra e vi você entrando. – Ela então olhou para o rapaz e lhe dirigiu um cumprimento, rápido e falso. – Olá, sou Avery, a mãe da Rose.

- Ah, prazer em conhecer – ele disse, incerto.

- Mãe, você vai mesmo fazer isso aqui, agora? – Rose perguntou.

- Ei – o rapaz disse. – Está tudo bem, Rose. – Ele sorriu para Avery e passou em volta da mesa para apertar a mão dela. – Sou Marcus – disse.

Ela apertou a mão do rapaz, mas não se enganou com o gesto. A simples expressão dele demonstrava arrogância. Ele não achava que havia alguma

chance de que uma visita inesperada de uma mãe estranha seria capaz de tira-lo daquele jogo.

- Oi, Marcus – Avery disse. – Prazer em conhece-lo.

- Marcus é meu namorado – Rose disse.

- Eu imaginei – Avery respondeu, sorrindo.

- Agora que você já o conheceu, você pode sair? – Rose perguntou.

- Ainda não – Avery disse. – Como vai você, Rose?

- Estou bem, tirando o fato de que minha mãe está me envergonhando e tentando agir como se tudo estivesse bem depois de me desapontar pela centésima vez ontem.

- Rose, olhe... Desculpe. Você sabe que eu não posso simplesmente abandonar o trabalho quando algum caso importante aparece. É parte do meu trabalho.

- Bom, então volte para o seu trabalho e nos deixe sozinhos.

Avery sabia que merecia aquilo mas, ao mesmo tempo, achou que já era o suficiente.

- Marcus, há quanto tempo você e minha filha estão namorando? – Ela perguntou.

- Mãe! – Rose se intrometeu.

Marcus tentou parecer tranquilo. Ele encolheu os ombros e disse:

- Cerca de um mês, mais ou menos.

- Ah, você não achava que minha própria filha me diria algo assim, achava?

- Não sei – Marcus disse. – Ela me contou sobre vocês. Sobre seu trabalho. É complicado.

- Meu trabalho, você diz? – Ela perguntou.

- Não... Que você está sempre decepcionando ela.

- Marcus— - Rose disse.

Avery olhou para os dois. Por um lado, aquele garoto não tinha o direito de falar com ela daquele jeito, mas por outro, ela tinha entrado sem avisar e pegado os dois de surpresa.

- Você está tentando se tornar o herói compreensivo enquanto a mãe dela decepciona ela por aí? – Avery perguntou. – É isso?

- Não, não mesmo – Marcus disse. A arrogância estava de volta em seu rosto. Ele parecia achar que apenas porque a filha dela gostava dele, poderia se tornar intocável. – Mas deixe eu te dizer que se essa *fosse* minha intenção, você estaria tornando as coisas bem fáceis para mim.

Avery sorriu para ele. Ela começou a abrir e fechar o punho, tentando se controlar para não causar problemas. Olhou então para Rose e disse:

- Você tem um campeão e tanto a seu lado.
- Cale a boca, mãe. Deus... Não acredito que você está fazendo isso!
- Marcus, o que você faz da vida? – Avery perguntou.
- Mãe—

Marcus riu e se levantou da mesa.

- Não estou entendendo esse interrogatório – ele disse, olhando com raiva para Avery. Depois, virou-se para Rose e disse: - Me ligue quando a mamãe disser que você pode.

Ele inclinou-se para baixo e a beijou. Fez isso de um jeito provocador, apenas para irritar Avery. Suas bocas abertas deixaram pouco espaço para imaginação: havia muito mais do que línguas em jogo. Marcus interrompeu o beijo e nem se preocupou em olhar novamente para elas enquanto saiu pela porta.

- Está contente agora? – Rose perguntou.

- Rose... Eu só entrei porque você não estava retornando minhas ligações e você me bloqueou nas redes sociais.

- E? O que você esperava? Mãe... você arruinou tudo *de novo*. Estou cansada disso. E estragar meu encontro não ajuda nenhum pouco a consertar. Você tem ideia de quão vergonhoso foi isso?

- Bem, eu não vim aqui para incomodar seu namorado, acredite. Mas ele quis bancar o poderoso, então eu o retaliei.

- Mas Marcus não é de sua conta – Rose disse. Ela estava falando alto agora, atraindo a atenção de algum dos outros clientes. – E quer saber... para uma detetive, você parece bem estúpida, sabia? No que você acha que essa cena vai dar? O que você acha que vai acontecer depois disso? Eu vou ligar para ele e me lamentar sobre minha mãe louca pra cacete e ele vai vir me consolar. Quer adivinhar como isso vai terminar?

- Rose, não fale comigo desse jeito – Avery disse. Doía... não apenas imaginar aquela cena, mas o fato de que sua filha poderia falar com ela daquela maneira tão facilmente.

- Tudo bem, mãe – ela disse. – Nós já dormimos juntos.

- Rose—

- Estou tomando pílulas há três meses. É algo que você poderia saber se se importasse de verdade e quisesse mesmo sair e falar comigo.

- Rose, não podemos simplesmente—

- Não!

Dessa vez, Rose de fato gritara. O café ficou em silêncio e Avery sentiu-se queimando por dentro. Todos os olhos viraram-se para ela e, naquele momento, ela sentiu-se fraca como há muito tempo não sentia.

- Não me ligue mais – Rose disse, levantando-se da mesa, ainda em voz alta e ameaçadora. – Esqueça de mim. Você faz isso *muito* bem. Isso e estragar tudo!

Rose então saiu, como um raio, em direção à porta. Aos poucos, as conversas nas outras mesas foram retomadas. Avery ficou ali, olhando para a mesa, imaginando em qual momento as coisas tinham se tornando tão erradas entre ela e Rose. Por um momento, dias antes, parecia que tudo estava ficando melhor. Então o que havia acontecido?

Você escolheu o trabalho ao invés dela, estúpida, disse a si mesma.

Uma garçonete apareceu, aparentemente do nada. Ela parecia muito desconfortável, mas tinha que fazer seu trabalho de qualquer jeito.

- Posso te servir algo, senhora?

- Acho que você não serve tequila, né? – Avery perguntou.

A atendente franziu a testa e saiu sem dizer mais uma palavra.

Muito tempo depois, Avery fez o mesmo. Saiu pela noite fria e foi para casa, esperando encontrar respostas e consolo por lá. Ela silenciou seu telefone, certa de que Connelly ou o Agente Duggan ligariam, e caminhou até seu apartamento, tentando se lembrar de outro momento em que se sentira tão sozinha assim.

CAPÍTULO DEZESSETE

Era ridículo, Avery pensou, que uma garota de dezoito anos pudesse fazê-la sentir-se tão derrotada, sozinha e envergonhada. Aquela era uma das partes menos glamurosas de ser a mãe de uma garota prestes a entrar no mundo real. O pior, no entanto, era que ela sentia que estava falhando completamente na tarefa de ser mãe.

O que realmente incomodou Avery foi que quando ela chegou em casa do café, queria espantar aquele sentimento de falha com trabalho. Seu trabalho, ao final das contas, era o que fazia sua relação com Rose dar errado. Frustrada, ela pegou os arquivos do case de seu notebook e praticamente os jogou na mesa.

Ela suspirou quando foi até a geladeira. Levou um momento para decidir entre vinho e cerveja e acabou sentando-se na mesa com uma taça grande de moscatel. Teve tempo para ler apenas as primeiras linhas do registro do legista sobre o primeiro caso antes que seu celular vibrasse e a interrompesse.

Ela tinha o silenciado por um motivo, mas quando viu que era Ramirez ligando, o pegou. Antes de atender, no entanto, sentiu-se um pouco desconfortável. Não tinha ideia de que tipo de direção a conversa tomaria, mas também sabia que nunca estivera tão ciente do quão sozinha era depois de chegar em casa após a última conversa fracassada com Rose.

- Ei – ela disse.

- Ei, Avery.

Depois, houve uma longa pausa—uma pausa que a irritou porque a fez sentir como se qualquer química que houvera entre eles havia se tornado algo simples, como namoro de escola. O tipo de namoro onde tudo era sempre estranho e não havia nada concreto para conversar. Ramirez devia ter sentido aquilo, também. Do nada, ele decidiu ir direto ao ponto—o que não era geralmente seu estilo.

- Então, o que está acontecendo? – Ele perguntou. – Estamos bem?

- Estamos bem – ela disse.

- Aquela noite não mudou nada?

- Claro que mudou – ela respondeu. – Mas isso não tem nada a ver com os últimos dois dias. Esse caso está me consumindo e ainda tem toda essa

tensão e drama com a Rose para completar.

- Entendi – ele disse. – Tem algo que eu possa fazer? – Você quer que eu vá até aí?

Ela não entendeu porque aquele comentário a fizera sentir-se com um pouco de raiva, mas fizera. E antes que pudesse entender aquele sentimento, deixou a raiva tomar conta de suas palavras quando respondeu:

- Não, não quero. – Ela disse. – Você já deveria saber que eu não sou uma dessas mulheres que precisam de um homem para se sentir segura. Eu estou com você quase o dia todo no trabalho, o que significa que não há nada que você possa fazer sobre esse caso que está me perturbando. E sem querer ofender, eu não pretendo falar com você sobre minha situação com a Rose. Então, obrigada, mas não.

Ele ficou quieto por um instante no outro lado da linha. Quando falou, suas palavras foram calmas e ponderadas.

- Vou ser sincero – ele disse. - Avery, eu penso muito em você e se fosse por mim, eu estaria aí agora. E é por isso que para mim, por hoje chega. Eu sei que você está sobrecarregada, mas você não precisa ser grossa desse jeito comigo.

- Grossa? – Avery perguntou. – O que eu fiz para ser grossa? Não deixar você vir, me beijar, pegar no meu cabelo e me dizer que está tudo bem? Isso é ser grossa?

Ela quase não escutou o suspiro dele no outro lado da linha.

- Tchau, Avery. Te vejo amanhã no trabalho.

Antes que ela pudesse dizer algo, Ramirez desligou. Ela virou os olhos e jogou o telefone na mesa. Antes de deixar a raiva tomar ainda mais conta de si, concentrou-se na pasta de arquivos, focando novamente nos registros do legista. Olhou os detalhes sobre os restos de Keisha Lawrence, procurando por algo que poderia ter ficado para trás. Fez o mesmo com o arquivo ainda incompleto de Sarah Osborne e não conseguiu nada a mais do que trazer os dois casos novamente à memória.

Como esperava, no entanto, não encontrou nada. O legista e os peritos haviam analisado tudo de cada ângulo. Havia feito um trabalho exaustivo e Avery sabia que não encontraria nada novo.

De alguma maneira, quando terminou de olhar os arquivos, ela havia esvaziado a taça de vinho. Voltou a enche-la e toma-la no mesmo momento. Ela sabia que beber não era a terapia, mas naquele momento parecia fazê-la se preocupar um pouco menos com seus problemas com Rose e Ramirez.

Com o coração partido, continuou olhando os arquivos enquanto sua segunda taça de vinho se esvaziava. Quando terminou, voltou a enche-la, esvaziando a garrafa. Depois, foi até a cozinha, olhando para a geladeira por um momento. Devagar, tomou um gole da taça, sentindo-se um pouco tonta. Ela se orgulhava por saber quando parar e por só ter ficado bêbada em uma ocasião—e havia sido ainda na faculdade.

Mas talvez aquela noite fosse a segunda vez.

Olhou para a geladeira e seu coração começou a esfriar. Em sua mente, uma memória que ela havia deixado muito para trás começou a reaparecer.

Garrafas de cerveja quebradas em uma geladeira aberta, uma piscina de líquido alcoólico no chão, a mãe gritando, Beth chorando na sala.

A memória veio tão forte em sua mente que ela literalmente parou por um momento, imóvel e sem piscar. Ela conseguia lembrar até que a porta da geladeira estivera aberta por tanto tempo que a luz interior havia apagado sozinha. Ela tinha certeza de que havia a fechado e, depois disso, quando sua mãe parara de gritar e Beth fora para a cama, Avery limpou a cerveja derramada.

Avery estremeceu com aquela memória. Depois, impulsionada mais pela quantidade de vinho que bebera do que por necessidade ou coragem, pegou seu celular. Rolou até o nome “Beth” e apertou para ligar.

Colocou o telefone na orelha e escutou o toque do celular de sua irmã pela primeira vez em dezenove meses.

A chamada foi atendida ao terceiro toque.

- Alô?

A voz de Beth quase a fez chorar. *Deus, eu sinto falta dela*, Avery pensou.

- Ei – ela disse. – É a Avery.

- Oh! – A resposta fora um genuíno som de surpresa e o silêncio que veio a seguir foi completamente diferente do silêncio que ela havia experimentado com Ramirez quarenta minutos antes. Aquele silêncio carregava um peso doloroso entre os dois telefones.

- Estou incomodando? – Avery perguntou.

- Não, não mesmo. Só estou surpresa de ter notícias suas.

O sotaque do sul na voz de Beth fez Avery sorrir. Beth havia nascido e crescido em West Virginia, antes que seus pais a adotassem quando ela tinha sete anos. E ainda que eles tivessem se mudado para Maine e depois para

Massachusetts em sua infância, aquele sotaque do sul nunca havia ido embora.

- Bem, minha mente andou por alguns lugares bem estranhos hoje – Avery admitiu. – Tive essa memória... esse pensamento, acho. Me fez pensar em você. Eu meio que só queria saber de você. Eu sei que parece que eu te esqueci por muito tempo e...

Ela não terminou sua frase. Parou propositalmente, esperando que Beth falasse algo.

- Avery, está tudo bem – ela disse. – Eu também poderia ter ligado. Mas escolhi não ligar. Imaginei que você pensou o mesmo. Mamãe e papai morreram, você saiu da faculdade, eu fiz minhas coisas. Nós nos separamos. Continuamos. Essas coisas acontecem.

- Mas irmãs – Avery disse. – Irmãs deveriam ser diferentes.

- Você ainda se sente minha irmã? – Beth perguntou.

- Claro que sim. Se não, com certeza eu não teria te ligado. – Ela quase fez a mesma pergunta para Beth, mas achou melhor não. Na verdade, ela tinha medo da resposta. Beth havia dito algumas vezes que, como uma criança adotada, nunca se sentira conectada a Avery. Ela dissera aquilo durante toda a adolescência delas quando ficava brava ou triste. No entanto, Avery nunca pensara muito nisso.

- Então, o que você anda fazendo? – Beth perguntou. – Ainda na polícia de Boston?

- Sim – Avery disse, surpresa pela tentativa da irmã de começar uma conversa. – E você? Ainda está trabalhando naquela... o que era mesmo? Uma empresa de anúncios?

- Era, sim. Mas estou trabalhando como designer freelancer agora.

- E como está sendo? – Avery perguntou.

- Muito bom. – Ela parou, suspirou, e continuou. – Olhe, Avery, nós vamos mesmo tentar isso? Nós vamos mesmo tentar fingir que não faz um ano e meio desde a última vez em que nos falamos? Vamos mesmo fingir que não existe esse... esse *fantasma* entre nós sempre que nós nos falamos?

- Beth, isso não é um—

- Vamos ser sinceras – Beth interrompeu. – Quando nós nos dividimos, fomos para caminhos separados. E não estamos tão mal cada uma por si. Não podemos deixar tudo como está? Talvez nós sejamos melhores longe uma da outra—tendo apenas memórias uma da outra.

- É isso o que você prefere? – Avery perguntou.

- Sim, acho que é. Pensar em você, na mãe, no pai e em tudo o que aconteceu... tudo isso dói. E eu escolhi há um tempo atrás não fazer isso comigo mesma.

- Se você quer assim – Avery disse.

- Obrigado por ligar, mana. Mas tenho que desligar agora.

Avery não disse nada. Seu apartamento estava tão quieto que ela pode ouvir o *click* quando Beth encerrou a ligação.

Ela colocou o telefone com calma na mesa da cozinha e caminhou devagar até a sala. Sentou-se no sofá e olhou para os arquivos do caso. Olhou-os apenas superficialmente. Sua mente estava em outro lugar.

Vamos às contas, pensou. Uma filha, um suposto namorado e uma irmã distante, eu consegui me afastar mais ainda de todos nas últimas quatro horas. Isso deve ser um recorde. Qual será a porra do meu problema?

Ela sentiu vontade de ir à geladeira e tomar uma cerveja. Mas sabia que aquilo só pioraria as coisas, deixando-a propensa a pensar demais em seus problemas e poderia deixa-la de ressaca na manhã seguinte.

Ao invés disso, resolveu focar em outro lugar... o único lugar que ela sabia que realmente absorvia sua dor.

Voltou ao trabalho, agora mais obsessiva do que nunca pelo caso e por encontrar uma maneira de capturar alguém que estava se tornando um assassino realmente sádico.

Rapidamente, sua mente ficou afiada e sombria. Havia outro lugar para onde sua mente sempre viajava quando as coisas ficavam difíceis. Se não tivesse tomado três taças de vinho na madrugada, poderia ter percebido que aquilo era uma espécie de escape para ela. Mas estava tão acabada que seus pensamentos, embora frenéticos, também tornavam-se facilmente formas que faziam sentido para ela naquele momento.

Flagrou-se pensando em Howard Randall.

CAPÍTULO DEZOITO

Com o mesmo sentimento de nervosismo que sempre a acometia quando visitava Howard, Avery encontrou-se indo em direção ao Bloco B da prisão de South Bay. Os guardas que a levaram até lá deixaram claro que não estavam gostando daquela visita, mesmo sem dizer uma palavra.

Escutando apenas o barulho de seus passos, os guardas levaram Avery à mesma pequena sala que ela já havia visitado algumas vezes antes. E como nas outras visitas, Howard Randall estava sentado na mesa retangular, em posição formal e cerimonial. Ele sorriu quando ela adentrou a sala. Os guardas fecharam a porta, deixando Avery sozinha com Howard.

- Avery, não consigo nem começar a descrever quanto é bom te ver novamente.

Avery apenas assentiu e sentou-se. Howard parecia estar em má forma. Parecia mais magro do que da última vez em que ela o havia visto. Algo em sua expressão parecia oco, quase vazio. Ainda assim, doeu nela admitir que algo nele a fazia sentir-se quase à vontade. Ele podia ser psicótico e egoísta, mas era sim *familiar*.

E, dada maneira com que tinha levado sua vida ultimamente, ela resolveu se utilizar daquela familiaridade.

- Obrigado por aceitar me encontrar – Avery disse.

- Claro, imagino que você queira falar sobre esse homem deplorável que está queimando suas vítimas.

- Como você—

Ela quase perguntou “como você sabe?”, mas eles já haviam passado por aquela situação antes. Ele recebia muitas informações, mesmo dentro das paredes da prisão. Avery não sabia ao certo de onde ele conseguia as informações, mas ele havia provado mais de uma vez que não tinha problema nenhum em consegui-las. E ele tinha mais informações ainda quando se tratava de casos que ela estava liderando.

- Sim, é isso – Avery admitiu.

- Sabe, eu fico quase chateado por você não me visitar apenas para me ver ou conversar – Howard brincou, lhe oferecendo um pequeno sorriso.

- Tenho certeza que você entende que eu não tenho muito tempo livre para vir apenas conversar. – O que ela pensou, mas não disse, foi: *Se eu não*

consigo tempo nem para minha própria filha, com certeza não vou ter tempo para você.

- Sim, eu entendo – Howard disse, um pouco arrogante. – Bom, então vamos direto ao ponto, pode ser? O que você precisa de mim?

- A mentalidade de alguém que está tão ligado a incêndios... é algo que eu não consigo resolver.

- Incêndios? – Howard disse, um pouco confuso. – Por que você está achando que isso tem algo a ver com incêndios? Esse homem queima corpos, não construções.

- Porque ele está usando fogo não só como uma arma. Está usando isso quase como um símbolo.

- Exatamente – Howard disse. – E se ele está usando fogo de alguma maneira simbólica, isso não significa necessariamente que ele é um incendiário.

- Mas o fogo parece ser o aspecto mais importante desse caso. É isso ou ele tem alguma fixação estranha por ossos e cinzas. Mas você precisa de fogo para conseguir essas coisas.

- De fato. Concordo plenamente. Mas... a inclusão do fogo nos crimes dele não significa necessariamente que você está procurando por um incendiário. Isso seria como dizer que um assassino que sequestra suas vítimas e as afoga em uma banheira com certeza é algum tipo de mergulhador fracassado. – Ele riu de sua própria analogia. Uma risada seca e miserável.

Avery havia considerado aquilo antes, mas não tinha pensado muito no assunto. A questão do fogo parecia ser muito importante para *não* ser a força condutora por trás do assassinatos. Mas e se o assassino estivesse mesmo usando o fogo apenas como uma forma de terminar os crimes... uma maneira de finalizar ou eliminar evidências?

- Sério, Avery – Howard disse, cruzando os braços. – Pensei que você fosse muito mais esperta que isso. Acho que você está confiando em mim um pouco demais. Você está ficando preguiçosa?

- Não – ela disse, quase ofendida pela acusação. – Mas é raro ter uma relação assim com alguém que conhece a mente dos assassinos tão bem. Por mais estranho que possa ser, você é uma das fontes mais confiáveis que eu tenho.

- Não sei se devo considerar isso um insulto ou um elogio – Howard disse. – De qualquer maneira, acho que isso nos torna espíritos conectados de uma forma diferente, não?

Aquele pensamento a fez estremecer. Mas ela estaria perdida se demonstrasse fraqueza na frente dele.

- Então o que você quer que eu faça? – Ele perguntou. – Você quer que eu te dê várias dicas? Você está esperando que eu tenha alguma ideia que te mostre uma pista que você pode dizer que conseguiu sozinha, resolver o caso e salvar o dia?

Ela não sabia o que responder. Ele nunca fora tão confrontante. Na verdade, sempre que ela o visitava, ele parecia sentir uma satisfação quase intelectual durante as conversas sobre os casos dela. Talvez esse não foi mais o caso.

- Não – ela disse. – Pensei que você pudesse compartilhar comigo alguns pensamentos que poderiam agilizar as coisas. Só isso.

- Talvez eu pudesse – ele disse. – Mas, de verdade, qual a graça disso? Esse assassino... ele parece ter orgulho do que faz. Mais do que isso, ele é *corajoso*. Isso é realmente admirável. Sabe, talvez eu não *queira* ficar do seu lado sempre, Avery. Talvez seria bom para você ir até lá fora e fazer o trabalho duro sozinha.

Uma resposta simples veio até seus lábios, mas ela acabou não dizendo: *vá se foder*.

Ao invés disso, respondeu:

- Então você vai ficar bem deixando esse maluco seguir sequestrando e queimando essas pessoas? Ele provavelmente está queimando elas vivas, você sabe disso.

- Ah, eu tenho quase certeza disso – Howard disse. – E talvez esse seja o fator importante que você deveria estar perseguindo esse tempo todo ao invés de perder seu tempo estudando incêndios. Agora, eu agradeço sua visita, mas tenho que te pedir para seguir seu caminho.

- Você está—

- *Guarda!* – Ele gritou, a interrompendo. – Terminamos aqui.

No instante seguinte, um dos guardas que havia a escoltado entrou na sala. Ele ainda tinha o mesmo olhar de reprovação no rosto quando aproximou-se de Howard.

- Boa sorte, Detetive – Howard disse.

Avery ficou ali, parada por um momento. Howard Randall *sempre* fora cheio de surpresas. Mas ela nunca esperara por isso. Talvez ele havia cansado de brincar com os casos de Black quando ela chegava ao fundo do poço.

Filha, namorado, irmã... agora um assassino para colocar na lista, ela pensou. Ninguém quer estar ao meu lado... nem sequer Howard Randall.

Ela levantou devagar e foi em direção à saída. No caminho, pensou na dica enigmática que ele tinha dado ao fim da conversa.

...talvez esse seja o fator importante que você deveria estar perseguindo esse tempo todo...

Se o assassino estava queimando as vítimas vivas, isso levava o caso a um novo nível. Significaria que eles estavam lidando com um homem que era muito mais do que sádico. Uma coisa era alguém querer ver o mundo pegar fogo, e outra completamente diferente era alguém encontrar uma razão e se sentir alegre com a dor da queima.

Talvez ainda existam dicas para serem encontradas nos corpos, ela pensou. Pelo menos no que sobrou deles.

Com aquele pensamento em mente, saiu da prisão pensando nos dentes.

CAPÍTULO DEZENOVE

Avery voltou ao A1 meia hora depois. Ela foi diretamente para os andares de baixo, onde os peritos utilizavam a maioria do espaço. Havia piadas internas sobre como todos os cientistas e ratos de laboratório eram jogados para o porão, mas, na verdade, Avery gostava de visitar aquela parte mais calma e quieta do prédio.

Ela foi até a sala de Sandy Ableton, uma das especialistas na perícia de dentes do A1. Não teve que bater; a porta de Sandy estava aberta e o inesperado som de abertura de “Into the Great Wide Open”, de Tom Petty, pode ser escutado. Avery coçou sua cabeça e bateu na borda da porta. Sandy a olhou e sorriu, acenando para que ela entrasse.

- Avery, como vai você? – Ela perguntou.

- Bem, estava pensando que talvez você pudesse ter alguma informação útil sobre os dentes encontrados nesses corpos queimados.

- Nada novo, infelizmente – Sandy disse. – Ainda estamos fazendo alguns testes com os molares de Sarah Osborne, mas provavelmente não teremos muitas novidades. E nós analisamos tudo o que podíamos nos restos de Keisha Lawrence.

- Bem, eu estava pensando – Avery disse. – Tem alguma maneira de você saber se a vítima foi morta antes de ter sido queimada?

Sandy levantou uma sobrancelha, como se aquilo fosse algo que ainda não havia sido considerado.

- Você acha que elas podem ter sido queimadas vivas? – Perguntou.

- Acho que é uma possibilidade que nós não podemos deixar de pesquisar.

- Bem, em alguns casos nós podemos tentar descobrir baseados na condição da gengiva e da área em volta. Mas no caso de Keisha Lawrence, os dentes foram totalmente pelados da gengiva. E mesmo que tenha *algum* resto de gengiva nos dentes de Sarah Osborne, não vai ser o suficiente para te dar essa informação.

- Tudo bem – Avery disse, pensando rapidamente em novas ideias. – Tem alguma maneira de determinar a que temperatura os dentes ficaram expostos enquanto o corpo foi queimado?

- Posso te dar uma estimativa muito próxima, mas não exata. E você provavelmente vai obter a mesma resposta imprecisa através dos ossos, também.

- Uma ideia aproximada é tudo o que eu preciso.

Então, Sandy digitou alguns comandos no notebook em sua mesa. “Into de Great Wide Open” havia terminado, dando lugar a “Mary Jane’s Last Dance”.

- Dentes, como você sabe – Sandy disse, - estão entre os ossos mais fortes do corpo humano. Quando expostos a calor extremo, eles se enfraquecem, mas raramente começam a se decompor. Nós podemos imaginar a intensidade aproximada do calor baseando-se em quão fraco os dentes ficaram... assim como os outros ossos, na verdade.

Ela digitou mais algumas senhas e depois virou o notebook para que Avery pudesse vê-lo. Ela apontou para um arquivo e disse:

- Bem aqui. Entre quinhentos e cinquenta e seiscentos graus Celsius.

- E o que uma temperatura nessa altura te diz sobre o assassino? – Avery perguntou.

- Bem, isso indica que ele sabe o que está fazendo. Mais duzentos ou quatrocentos graus e estaremos falando sobre práticas de cremação. Os crematórios geralmente queimam corpos em temperaturas entre setecentos e mil graus.

- Então o fogo que esse cara está criando não é qualquer fogo feito por qualquer pessoa.

Sandy encolheu os ombros.

- Não tenho certeza. Foge do que eu consigo descobrir. Mas, sim... para chegar a temperaturas assim você precisa mais do que fluidos inflamáveis e um fósforo.

- E você sabe o que os crematórios fazem com os dentes já que eles não queimam?

- Sim, eles geralmente são triturados, como os ossos. Não tenho certeza de que tipo de máquina faz isso, mas com restos humanos cremados, é muito raro encontrar algo além de cinzas.

Avery assentiu, demonstrando ter entendido. Ela começara a pensar que o assassino poderia ter algum tipo de conexão com um crematório, mas baseado no que Sandy estava lhe dizendo, esse homem não era *tão* eficiente assim. Então ele deveria ter deixado outras conexões que eles ainda não haviam descoberto. Com certeza valeria a pena investigar crematórios, mas

Avery não estava certa de que aqueles eram os lugares mais pertinentes para começar uma busca.

- Posso te ajudar em algo mais?

Avery tentou pensar em outras perguntas que precisavam ser feitas, mas foi interrompida pelo toque de seu celular. Ela o pegou e viu o nome de Connelly. Sentiu um pequeno embrulho no estômago.

- Avery falando – ela disse.

- Black, cadê você?

- Com os peritos. O que aconteceu?

- Preciso de você aqui agora. Temos outro corpo.

CAPÍTULO VINTE

Tendo visto o estado das duas vítimas anteriores, reduzidas a apenas cinzas e ossos, Avery não estava mentalmente preparada para o que viu na cena do terceiro crime. Ela pode perceber rapidamente que havia algo diferente naquela cena quando estacionou seu carro atrás do veículo de O'Malley. O local era bem parecido com o do primeiro crime, onde os restos de Keisha Lawrence haviam sido encontrados—abandonado, em uma área distante da cidade e dentro da jurisdição do A1. A diferença era que enquanto o primeiro local ficava no meio de uma área não-desenvolvida, a nova cena ficava entre várias prédios que haviam sido fechados e abandonados muito tempo atrás.

Muitos outros carros estavam estacionados na rua, sendo um deles uma van de TV. Então aquilo já estava nesse nível—a mídia sabendo de tudo, sem dúvida estimulada pelo que começava a parecer uma rivalidade entre departamentos. Ela analisou o local e viu que havia alguma atividade em direção a um pequeno beco entre um prédio velho de tijolos e um outro menor, que parecia ter sido, no passado, uma loja de conveniência.

Ela passou por dois agentes—Finley e um outro, mais jovem, com quem nunca tinha conversado—que mantinham a imprensa longe do beco. Moveu-se entre eles e foi até a passagem. Viu O'Malley, Connelly e Ramirez em um semicírculo, todos olhando para baixo.

Também viu o Agente Duggan, do FBI. Ele quase não olhou quando ela se aproximou. Duggan aparentemente tinha entendido que ela não queria a ajuda dele. Ainda assim, ela tinha que admitir que a presença do FBI a fazia sentir-se um pouco mais à vontade. Isso mostrava que o caso que ela até agora não estava conseguindo resolver era grave o suficiente, a ponto de ter a agência de investigações envolvida.

Quando os quatro homens ouviram sua aproximação, O'Malley virou-se e a cumprimentou. Ela se aproximou vagarosamente, sem gostar da expressão no rosto de O'Malley. Olhou para o chão e sentiu-se sem ar por alguns instantes quando viu o corpo.

Ela pode apenas *desejar* que aquele corpo tivesse sido reduzido a apenas cinzas. No entanto, ele fora apenas parcialmente queimado, e aquilo era, de alguma maneira, ainda pior.

Primeiro, a forma da parte que sobrara do corpo. Da cintura para baixo, havia sobrado pouco mais do que ossos. No entanto, ainda havia carne no abdômen, costelas e abaixo do pescoço. Até a parte mais baixa do rosto havia permanecido e, pelo que Avery viu, era a parte mais terrível de todas. Tratava-se do canto de uma boca que fora queimada com uma expressão franzida. O que sobrara era claramente pele e tecido, que tinham sido gravemente carbonizados.

- Parece que ainda está saindo calor dessa coisa – O’Malley disse. Depois, ele olhou para Avery e Ramirez, com um olhar esperançoso e com uma ponta de raiva. – Se vocês dois pudessem resolver isso logo, eu agradeceria. Não podemos seguir deixando isso acontecer... especialmente com a mídia atrás de nós e *you* – ele disse, apontando um dedo na direção de Avery – nos fazendo parecer idiotas sempre.

O Agente Duggan olhou para Avery com um sorriso abusado. Todo o respeito que ele tivera por ela na primeira vez em que eles se encontraram parecia ter sumido.

- Que merda você está falando? – Avery perguntou.

- Você disse claramente que Denny Cox era inocente – O’Malley disse. – Simmons e os outros caras do B3 se apegaram em cada uma de suas palavras. E agora que Cox está limpo e liberado, nós estamos parecendo idiotas.

Talvez se você tivesse me escutado desde o começo, ela pensou, mas não chegou a falar. Ao invés disso, olhou com calma para a cena do crime, analisando cada detalhe. A primeira e mais óbvia constatação a fazer era que aquele corpo não fora nem de perto tão queimado quanto os outros.

Ou ele está ficando preguiçoso ou estava com pressa dessa vez, imaginou.

Com uma careta, agachou-se ao lado do corpo. Também era de uma mulher. Fora queimada com roupas: havia alguns pequenos pedaços de tecido queimado no cabelo e no peito. Ela olhou para o rosto da mulher. A carne ali fora totalmente queimada. Avery pode ver em volta dos dentes, no entanto, que havia alguns traços de gengiva. Pensou se aquilo seria o suficiente para Sandy e sua equipe de peritos conseguirem mais informações sobre quando a queima fora realizada.

Analizou a área procurando mais fragmentos, como havia encontrado na primeira cena, mas não encontrou nada. Também não havia pegadas visíveis.

- O que você está pensando? – Connelly perguntou.

- Estou imaginando porque ele fez um trabalho meia boca dessa vez. Se ele deixou ela assim intencionalmente apenas para nos assustar ou se ele estava com pressa. Ver o corpo assim me faz pensar que ele pode não ser tão metódico quanto nós pensamos.

- Bom raciocínio – Duggan disse. Avery pensou que ele estava falando apenas por sentir a necessidade de ser notado. – Se o assassino pode fazer um serviço meia boca assim, ele pode errar o suficiente para nos deixar um sinal, ficando mais fácil de encontra-lo.

- Boa teoria, Black – O'Malley disse. – Agora vamos ver você prova-la.

Avery seguiu analisando o local, procurando por qualquer sinal que dissesse há quanto tempo o corpo estava ali. Ela não viu marcas de alguém sendo arrastado, indicando que o assassino havia carregado o corpo e depois literalmente o jogado ali no beco. Sua mente virou-se para as esquinas. Mesmo que aquela fosse uma parte quase morta da cidade, pensou que valeria a pena checar as câmeras de trânsito por perto.

Avery quase não notou um celular tocando atrás dela e a voz de O'Malley atendendo a ligação. A voz dele estava agitada, mas ela pouco se interessou, continuando a olhar em volta do beco.

Sem sangue, sem pegadas... talvez o estilo preguiçoso dessa vez tenha deixado algumas digitais ou outra evidência. Talvez—

- Black!

Ela virou-se ao escutar seu nome. A voz era de O'Malley e, quando o viu, ela sentiu muita raiva em seus olhos. Também viu que ele ainda estava segurando seu celular. Imaginou qual teria sido o assunto daquela chamada.

Ele caminhou na direção dela, deixando os outros três homens para trás. Duggan olhava, claramente interessado. Quando O'Malley a alcançou, ele parou quase nariz a nariz. Falou com calma, porém muito furioso.

- O que é isso?

- Acabei de receber uma ligação de Peggy Stiller. Você sabe quem é ela?

- Não sei dizer.

- É uma das administradoras da prisão de South Bay. Eu a conheço de quando ela era secretária do departamento local. A última vez em que você foi vista visitando aquele louco do Howard Randall, eu liguei para ela pedindo um favor. Pedi para que ela me avisasse se você aparecesse lá de novo para falar com ele. E adivinha qual a notícia que eu acabei de receber?

- Senhor, eu—

- Por favor me corrija se eu estiver errado. Mas da última vez, eu não te disse claramente para parar de se associar ao Randall?

- Disse.

- Então você concorda que isso pode ser considerado insubordinação, certo?

Ele estava quase gritando, atraindo a atenção inclusive de Finley e do agente que estava mantendo a imprensa longe do beco. Duggan também estava escutando, prestando mais atenção do que nunca.

- Avery? – O'Malley perguntou.

- Sim, creio que sim – ela respondeu.

O'Malley estava furioso, fazendo o possível para não perder sua postura. Ele caminhou para frente e para trás, olhando para o corpo queimado e depois novamente para Avery. Aparentemente, ele percebeu que estava prestes a criar uma cena e voltou a baixar sua voz.

- Por que você foi vê-lo dessa vez?

Aquela era uma pergunta simples, mas a resposta não era nada fácil. Ela também sabia que aquela não era a resposta que O'Malley queria ouvir. Ainda assim, não havia motivo para se fazer de idiota ou tentar enganá-lo.

- Ele é uma fonte – ela disse. - Meu passado com ele o torna uma das melhores fontes a nossa disposição.

- Seu passado com ele? – O'Malley disse. – Nem *comece* a me falar sobre seu passado com ele. Quer saber, Black? Eu posso me arrepender disso mais tarde, mas agora, quero que se foda. Quero você *fora* desse caso imediatamente. Não posso aceitar esse tipo de insubordinação— especialmente quando minhas ordens foram muito claras no A1.

- Você não pode estar falando sério – Avery disse.

- Ah, estou. Você é muito boa no que faz, mas você precisa seguir as regras como todo mundo. Aliás, você não teve nenhum resultado nesse caso até agora. Vou colocar o Agente Duggan com Ramirez e trabalhar com eles para resolver isso.

- Senhor, você não pode—

Mas ele já havia virado as costas para ela. A única palavra que ele ainda disse foi “Dispensada”, antes de voltar a falar no telefone.

Ela sabia que poderia armar uma confusão e defender-se mais um pouco. Mas conhecia O'Malley o suficiente para saber quando não insistir. Então, ao invés disso, decidiu parar por ali. Daquela maneira, talvez ela pudesse falar com ele no dia seguinte, depois que as coisas se acalmassem. E ela

certamente não queria parecer uma criança chorona na frente de um agente federal.

Virou as costas para a cena do crime e voltou para seu carro. Quando passou pelos repórteres e pelos agentes que impediam a passagem, um deles pediu informações. Ela teve que se concentrar muito para não se virar e dar um tapa nele. Foi até o carro e, quando estava prestes a entrar, Ramirez apareceu correndo pelos repórteres com direção a ela.

- Então é isso? – Ramirez perguntou. – Você vai desistir assim?
- Não estou desistindo – Avery respondeu. – Estou seguindo ordens.
- Bem, se eles vão te tirar do caso, eu vou sair também – ele disse.

Ela ficou um pouco surpresa pela proposta, mesmo depois da maneira com que ela havia falado com ele na noite anterior, mas lembrou-se de que aquele era o jeito de Ramirez. Ela suspirou e balançou a cabeça.

- Não – disse. - Não Faça isso. É *sua* hora de brilhar. Veja o que você consegue fazer sem mim. Cara, você vai ter um agente federal como parceiro.

- Claro, certo... Mas O'Malley não pode simplesmente te tirar assim.
- Ele pode. Ele tem o direito de fazer isso. Eu estraguei tudo. Eu entendo.

Mas eu conheço O'Malley. Mais um dia e eu vou ligar para ele. Ele vai se acalmar e fazer a coisa certa.

Ramirez assentiu, hesitante, e recuou em direção ao beco.

- Você vai ficar bem?
- Claro que sim. Agora volte ao trabalho.

Ele sorriu quando ela entrou no carro e saiu pela rua. Vê-lo sorrir aqueceu seu coração, apesar de tudo o que acontecera no dia. Ela pensou que talvez devesse ligar para Ramirez no dia seguinte, quando as coisas se acalmassem.

Avery fez a curva, tentando pensar no que fazer no resto do dia. Obviamente ela não ia apenas sentar e não fazer nada. Continuar a trabalhar no caso, sozinha. Mas como?

A sua frente, à esquerda, viu uma pequena nuvem de fumaça no céu. Ela a seguiu e viu uma pequena chaminé, que provavelmente pertencia a uma fábrica ou moinho no leste da cidade.

Aquilo trouxe uma ideia a sua mente. Mesmo antes de desenvolvê-la completamente, procurou o número do legista. Não queria incomodar ligando para ninguém do A1. Se O'Malley descobrisse, ficaria furioso. No entanto,

levaria mais tempo até que ele descobrisse que ela havia entrado em contato com o legista.

Ela fez a ligação e ficou aliviada quando a recepcionista não perguntou seu nome. Tudo o que ela disse foi que estava ligando do A1. Depois de dois minutos, a chamada foi atendida em outra linha.

- Como posso ajuda-los? – O legista perguntou com uma voz cansada.

- Bem, como você sabe, estamos trabalhando tentando resolver esse caso recente com corpos queimados – ela disse. – Estou fazendo uma lista de lugares na cidade, além de necrotérios e crematórios, que incluem fogo em sua linha de trabalho.

- Bom, tem moinhos de papel – o legista disse, - mas o calor gerado nesses lugares não seria forte o suficiente. Tem siderúrgicas, mas existem apenas duas na cidade e uma delas tem uma segurança tão rígida que seria impossível alguém entrar e sair. E a outra foi fechada seis meses atrás. O outro lugar que pode servir é uma usina de incineração de lixo. Tem uma dessas na cidade e está sempre cheia de trabalho.

- Usina de incineração? – Avery perguntou. – Esse processo geraria calor o suficiente para queimar um corpo até virar só cinzas?

- Se o corpo fosse exposto por tempo suficiente.

- Estamos falando de temperaturas acima de 600 graus ou mais?

- Não tenho ideia, senhora. Você vai ter que falar com alguém por lá.

Desculpe, mas eu não perguntei seu nome. Qual é mesmo?

Ela encerrou a ligação e olhou novamente para a crescente nuvem de fumaça ao longe. Procurou o endereço da única usina de incineração de lixo em Boston e quando o encontrou no mapa, estudou-o cuidadosamente. À primeira vista, a usina parecia ficar exatamente no meio de um triângulo onde os corpos haviam sido descobertos.

Avery fez um retorno proibido no semáforo seguinte e começou a seguir as direções do GPS trinta segundos depois.

CAPÍTULO VINTE E UM

O cheiro da usina de incineração de lixo era horrível, mas nem perto do quanto ela esperava. Quando estacionou o carro e caminhou pelo terreno até o escritório central, já havia quase se acostumado ao odor. O lugar cheirava mais a plástico queimado do que qualquer outra coisa, com um leve toque de podre.

Avery havia ligado para agilizar as coisas e, por isso, quando chegou ao escritório, havia um senhor idoso esperando por ela. Seu nome era Ned Armstrong e ele trabalhava como diretor de expediente. Quando sorriu para ela ao vê-la entrar, ele parecia muito feliz por estar fazendo algo a mais do que seu trabalho usual.

- Obrigado por me receber – Avery disse.

- Por nada – Ned respondeu, - na verdade esse é o momento perfeito para te levar para um rápido tour por aqui se você quiser. O horário de pico da queima será em duas horas, quando a maioria dos caminhões já tiver voltado.

- Perfeito – Avery disse. – Vamos lá.

- No telefone, você disse que estava mais interessada na área onde nós queimamos os materiais, certo?

- Sim. Ou, mais diretamente, estamos querendo saber se essas instalações têm capacidade para queimar corpos sem o conhecimento dos supervisores.

- Bem, posso te garantir que nada desse tipo está acontecendo aqui – ele disse. – Venha aqui, vou te mostrar os centros de compactação e queima. Você vai entender o que eu estou dizendo.

Viciada em informação, Avery ficou feliz em saber que o centro de compactação e queima ficava nos fundos do prédio. Pelo caminho, ela pode ver a maioria das operações diárias do local. Ned pontuou algumas coisas, mas Avery pode captar o essencial de tudo por conta própria.

Eles passaram por uma grande estrutura de concreto onde os caminhões entravam e saíam. Dali, o lixo era separado e depois carregado para dentro das instalações em uma série de empilhadeiras. Havia outras salas onde materiais pesados como plásticos pesados, metais e alumínio eram limpos e reorganizados. Tudo aquilo levava então aos fundos do prédio, onde Ned finalmente a mostrou os locais de compactação e queima.

- Acho que é isso o que você quer ver – Ned disse enquanto a levava para dentro da sala.

À direita, havia três máquinas que Ned chamou de enfardadeiras. Elas eram pequenas e compridas, todas fechadas por uma grande porta de ferro. Avery e Ned assistiram a um trabalhador encher uma das enfardadeiras com materiais que não eram recicláveis, como algo que pareciam almofadas de sofá rasgadas, plásticos muito danificados, algum tipo de madeira mofada, pedaços de telas de galinheiro, além de outras coisas indecifráveis.

O funcionário empilhou todo aquele material na enfardadeira, usando uma simples ferramenta que parecia quase como uma pá com a cabeça achatada. Quando tudo estava lá dentro, ele fechou a porta de ferro e a trancou com um pino enorme. Depois, passou três grandes arames pelas enfardadeiras, usando pequenos buracos. Com os arames colocados, ele acionou uma prensa hidráulica que empurrou todo o material contra a porta trancada. Avery não pode ver o efeito da prensa, mas escutou o material rasgando e se despedaçando lá dentro.

Trinta segundos depois, a prensa se retraiu. Quando parou, o funcionário abriu a porta e apertou um botão verde em um dos lados da enfardadeira. Um barulho alto soou quando um mecanismo dentro da máquina ejetou um fardo quase perfeitamente quadrado de material, com cerca de noventa centímetros de altura e um metro e oitenta de largura—detritos que haviam acabado de ser empilhados, impressados e amarrados com arame em um pacote limpo.

- Depois nós levamos esses fardos para o centro de queima – Ned disse. – Reciclamos tudo o que podemos, mas como você pode imaginar, nem tudo que vem para cá é reciclável.

Ele a levou por uma grande porta ao lado deles, que os levou a outra sala de concreto. Havia muitos fardos similares ao que eles haviam acabados de ver no lado direito da sala. O fundo do local consistia em algo que se parecia a uma enfardadeira enorme. Mas o fato de que ela pode sentir o calor e o cheiro de plástico e outros materiais queimados lhe deram uma pista do que ela estava realmente vendo.

- É aqui que tudo é queimado? – Ela perguntou.

- Sim. De vez em quando nós recebemos um pedaço de metal ou algo que é muito grande para queimar ali. Nós colocamos de lado e o levamos para a siderúrgica, o moinho de aço. Mas nós não recebemos muito disso. Nós juntamos todos eles em remessas e mandamos. Nós recebemos materiais assim o suficiente para mandar uma remessa por ano apenas.

- E vocês já receberam algo... incomum?
- Ah, sim. Pegamos animais mortos toda hora. Gatos, cachorros, guaxinins. É nojento.
- E o que vocês fazem com eles?
- É chato, na verdade. Nós os queimamos separadamente, então esse processo pode atrasar tudo.
- Vocês já encontraram um corpo no lixo? – Avery perguntou.
- Não. Mas ano passado encontramos três dedos. Chamamos a polícia e tudo, mas nunca descobrimos nada sobre eles.

Avery olhou para duas enfardadeiras sendo colocadas em posição para serem queimadas. Não era uma cena nada chique. Parecia muito com um forno: uma grande porta aberta, similar à porta da enfardadeira. As enfardadeiras foram colocadas com uma mini empilhadeira e depois a porta foi fechada. Um funcionário puxou duas alavancas e eles puderam ouvir o fogo queimando o que havia sido colocado lá dentro.

- Qual a temperatura lá dentro?
- Quatrocentos e trinta graus. Às vezes chega a quinhentos e quarenta, mas aí depende do que está dentro da enfardadeira.
- Imagino que deva haver uma pesquisa ampla e treinamentos para que alguém seja contratado para esse trabalho – Avery disse.
- Com certeza... especialmente para a enfardadeira e para o queimador. Você tem que pensar rápido para operar essas máquinas. Se algo der errado com o queimador, por exemplo, ele tem que ser desligado e arrumado muito rapidamente. Se esse fogo durar mais do que quarenta e cinco minutos, pode começar a causar danos internos.
- Você já teve que demitir alguém que trabalhou aqui?
- Eu, pessoalmente, não. Mas tem uma história bem conhecida de sete anos atrás. Eu trabalhava na separação na época. Parece que um cara que trabalhava na enfardadeira e o cara que trabalhava no queimador tiveram um pequeno acidente com os elevadores. Foi um pouco antes do queimador ser limpo, então todos os materiais de limpeza estavam fora, sabe? Um dos elevadores derrubou um deles e um dos caras caiu ali.
- O que eram esses químicos? – Avery perguntou. – Eram perigosos?
- Os que eu me lembro eram acetona, amina e óxido. Coisas que são difíceis de pronunciar e memorizar. Ele teve algumas queimaduras no rosto e nas mãos e alguns dias depois começou a agir de um jeito estranho. Acho que sempre houve especulações de que era por causa dos químicos. Mas

ninguém nunca mexeu muito nisso. Mesmo assim, depois de um mês e pouco agindo estranho e irracional, ele foi demitido.

- Estranho como?

- Não sei – ele disse. – Pelo que escutei, ele destratava todo mundo. Começou a ficar muito interessado em limpar o queimador. Ele *amava* os químicos usados para limpar ali... começou a ficar obcecado por isso.

- Os registros dele estão no RH? – Avery perguntou.

- Com certeza. Posso busca-los se você quiser.

Ned a levou de volta para fora, mas antes de sair pela grande porta, ela olhou de volta para o queimador. Tentou pensar em uma pessoa presa em algo daquele tipo enquanto o fogo ardia em volta.

Presa... o calor aumentando... sem escape.

Com as visões de fogo e calor na cabeça, Avery não pode deixar de se arrepiar.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Avery chegou à casa de George Lutz um pouco mais de meia hora depois. Sem poder usar os recursos do A1, ela teve que ligar para Ramirez para que ele encontrasse mais informações baseado nos registros que o RH da usina de lixo havia fornecido. Tudo o que ela sabia era que Lutz havia sido demitido quatro anos antes e, desde então, trabalhara como cozinheiro na Wendy's antes de ser demitido de lá também. Testes médicos e avaliações psicológicas haviam o definido como “apto a viver em sociedade, mas incapaz de manter um trabalho estável”. Ele estava, então, vivendo com assistência do governo em uma casa de baixa renda que fora paga por seu tio.

A casa estava surpreendentemente bem cuidada. A pequena varanda parecia ter sido pintada recentemente e as janelas estavam limpas a ponto de brilharem. A grama estava cortada com simetria quase perfeita—mas foi nela que Avery viu sinais do quanto George Lutz tinha desmoronado desde o incidente na usina de lixo.

Havia muitos acessórios para o gramado ao redor da casa. Havia flamingos rosas, gnomos de jardim e cogumelos de cerâmica. E eles estavam por todos os lados. Aliás, quando saiu do carro, Avery viu um homem sentado na beira do gramado, olhando para um dos gnomos. Ele estava segurando uma pequena lata de tinta, pintando um par de suspensórios vermelhos no corpo de cerâmica do gnomo.

- Com licença – Avery disse. – Você é George Lutz?

O homem franziu a testa por um momento e terminou sua passada de tinta antes de olhar para ela. Ele tinha uma barba grossa e mal feita e cabelos emaranhados quase todos escondidos em um boné de caminhoneiro. Parecia um pouco fora do estado normal, mas de uma maneira quase infantil.

- Sou sim – ele disse. – Quem é você?

- Meu nome é Avery Black – ela respondeu. – Trabalho na polícia.

- Ah – ele disse, deixando seu pincel de lado e virando-se para ela.

Avery viu que tinha acertado. O que quer que houvesse de errado com ele o fazia parecer-se muito com uma criança. Foi esse pensamento que a fez manter sua descrição muito básica. *Trabalho na polícia* seria algo muito mais interessante para uma criança do que *Sou detetive na Divisão de Homicídios do A1 em Boston*.

- Estou encrencado? – Lutz perguntou.

- Não – ela disse. – Mas estive pesquisando algumas coisas na usina de lixo onde você trabalhou. Imaginei que você pudesse me responder algumas perguntas sobre isso.

Lutz assentiu, mas franziu a testa.

- Eu não gosto daquele lugar. Eles foram maus comigo lá.

- Como?

Avery havia lido tudo sobre o que acontecera depois do acidente.

George reclamara de dores de cabeça e faltara muitos dias. E quando ele *aparecia* no trabalho, matara a maior parte do tempo e criara um ambiente de trabalho ruim para todos aqueles com quem entrava em contato. Ele também fora pego iniciando incêndios no queimador que não tinham nada a ver com seu trabalho. Aquilo fora a gota d'água para sua demissão.

- Sim, eu sei que você teve dores de cabeça na época ou algo assim – Avery disse enquanto se aproximava dele, tentando parecer simpática. Ela olhou para os gnomos no jardim e percebeu que havia algo morbidamente cômico neles—e em toda aquela situação, na verdade.

- Eu tive – Lutz disse – mas não tenho mais. Tomo remédios para isso.

- Sei – Avery disse – Mas me diga, por favor... também ouvi falar que você se encrencou por começar pequenos incêndios no queimador. Isso é verdade?

- Sim – Lutz disse.

- Por que você estava fazendo isso?

Lutz mexeu-se desconfortável. Pegou seu pincel e pintou distraidamente.

- Eu só estava tentando entender. O fogo, digo. Não sei... é bonito. Bem, *era*.

- E não é mais?

Lutz balançou a cabeça e levantou seu braço esquerdo. Ela olhou para a mão dele e viu cicatrizes na mão e nos últimos dois dedos. Eram queimaduras feias que não haviam cicatrizado bem.

- Não – ele disse. – Agora eu tenho medo. Não gosto. Então eu só pinto. Gosto de misturar e repintar meus amigos do quintal.

- Entendi – Avery disse e, então, teve certeza de que George Lutz não era o assassino. Ele não tinha capacidade para tal. E ainda que não fosse um psicologista, ela reconheceu que o medo dele por fogo era algo real. Ele havia tremido levemente quando a mostrou suas queimaduras.

- Então você não teve mais problemas com dor de cabeças ou princípios de incêndios? – Avery perguntou.

- Não. Ainda acho que fogo é algo bonito... mas muito malvado. Estraga coisas, destrói coisas. Pense em casas em chamas ou florestas em chamas. Você sabia que às vezes quando as pessoas morrem, suas famílias os queimam? Isso é... horrível. Por que alguém faria isso?

Avery fez um som em concordância. Mas sua mente já estava em outro lugar. Ela estava pensando em urnas e crematórios... e pedaços quebrados de uma urna de cerâmica ou vidro que eles haviam encontrado junto com o corpo de Keisha Lawrence.

Quando falara com Sandy Ableton, a perito especialista em dentes, Avery pensara que valeria apenas checar os crematórios, mas não deu prioridade a eles.

Talvez eu estava errada, ela pensou. Deixei passar porque era muito óbvio. Mas depois dessa usina e de falar com esse pobre George Lutz... tudo está apontando naquela direção.

- Bem, George... obrigada por seu tempo. Vou deixa-lo com suas pinturas.

- Você quer me acompanhar? – Lutz perguntou. – Tenho que pintar esse carinha e todos os amigos dele. Eles estão ficando muito sujos.

- Obrigada pelo convite, mas não – Avery disse. - Preciso ir.

Lutz assentiu timidamente antes de voltar a sua atividade. Avery quase não notou o gesto, perdida em seus pensamentos.

As urnas, pensou. Os fragmentos de urna quebrada... não deviam ser algo importante. Será que eu deixei passar?

George Lutz ainda estava pintando os mesmos suspensórios quando Avery arrancou o carro e seguiu na direção do crematório mais próximo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

As cinzas e manchas de queimaduras foram limpas e sua câmara estava limpa novamente. Algo havia dado errado com a última e ele precisara interromper o fogo antes que o corpo estivesse totalmente queimado. Ele não tinha certeza se aquilo tivera a ver com a ventilação da câmara ou com algo que ele havia feito errado no início da incineração. Seja lá o que fosse, o resultado final fora horrível. Não estava disposto a deixar aquilo acontecer novamente.

Ele havia colocado uma camada adicional de lã mineral atrás dos painéis. Também havia colocado várias esteiras de vime, material que havia descoberto, muitos anos atrás, que era um dos materiais domésticos mais inflamáveis entre os que não seriam detectado em testes de laboratório. Por isso ele buscava distância de aceleradores líquidos. Sempre usava um pouco de propano no início, preferindo-o ao invés de gasolina porque era mais difícil de ser detectado em testes. Às vezes, usara uma lata padrão de fluido de isqueiro, algo que sempre mantinha em mãos em sua mesa.

Segurava a lata agora, olhando para a câmara. Com a câmara pronta, olhou dentro da caixa de materiais que havia preparado para o próximo corpo. Imaginou que tivera o processo perfeito até que tudo dera errado com o último corpo. Pensava que a maioria das pessoas achavam que queimar um corpo não tinha nada de mais. Apenas colocar fogo e acabar com ele.

Mas havia muito mais do que isso. Havia um processo—uma *arte* envolvida.

Olhou para dentro da caixa e checkou os materiais pela sexta vez. Havia vime extra e vários pedaços de espuma de isolamento. A espuma era um dos aceleradores domésticos mais arriscados... tanto que ele havia visto pesquisas onde pessoas que vendiam seguros para casa se referiam àquilo como “gasolina sólida” e recomendavam outros materiais para construções para que pudessem oferecer preços melhores de seguros.

Ansioso por começar, tirou uma das espumas de isolamento da caixa e a carregou até a câmara. Deitou-a no centro da câmara e foi até sua pequena mesa e pegou um único post-it e um isqueiro. Dobrou o post-it em quatro partes, molhou-os com um pouco de fluido de isqueiro e os acendeu com o isqueiro.

Carregou o post-it com cuidado até a câmara. Quando pequenas faíscas tocaram seus dedos, ele sorriu. Sim, doía, mas era uma dor prazerosa. Estava rindo sozinho quando finalmente chegou à câmara.

Cuidadosamente, colocou o post-it na câmara e rapidamente fechou a porta. Quando havia trancado, pode escutar o barulho das chamas no outro lado. Colocou suas mãos contra a porta e pensou que já podia sentir o calor, a força das chamas destruindo o que aparecesse pelo caminho.

Sorriu enquanto escutava o fogo crescendo e passou as mãos pela porta sensualmente. Esperou quinze minutos, completamente parado atrás da porta. Depois, cuidadosamente a abriu, sentindo a onda de calor o alcançar.

Como esperava, a espuma havia sido queimada e se transformado em pouco mais do que pó. Pequenos tufo da forma original permaneceram inteiros, mas ele sabia que aqueles pedaços se juntariam ao pó quando ele os varresse.

Tinha mais vinte e cinco folha de espuma, muitos pedaços de vime feito a mão e um acelerador com base de óleo que havia criado para espalhar na vítima. Havia trabalhado duro antes de começar seu serviço para criar um acelerador que fosse praticamente indetectável. Pensou, no entanto, se havia sido muito indulgente com o óleo na última vítima. Talvez fosse por isso que ela não havia queimado completamente.

Fosse qual fosse o motivo, ele falhara. E havia vivido sua vida em um constante estado de medo de falhar. Aquilo era, ele supôs, o que o fizera chegar àquele ponto.

Pegou a única vassoura do pequeno armário no lado direito do quarto e varreu os restos de espuma para fora de sua câmara. Foi meticuloso, certificando-se em não deixar nenhum sinal de cinzas por ali.

Quando a câmara estava limpa novamente, olhou para dentro e pensou por um agonizante momento como seria estar do lado de dentro enquanto o fogo alcançava sua força máxima. Olhou para o espaço vazio, imaginando como seria ser queimado.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Avery estava sentada na sala de espera do crematório Wallace Funeral Home, tentando sentir-se o menos perturbada possível pela atmosfera dos funerais. Pela natureza de seu trabalho, a realidade da morte não era algo que a incomodava. Mas desde sua infância, algo sobre a ideia de um lugar que era construído apenas para manter os mortos e seus enlutados parecera estranha. Aquele era um sentimento que ainda a incomodava, mesmo agora.

Por tudo o que havia acontecido no dia, ela estava começando a se sentir como uma turista ou criança em algum tipo de viagem mórbida. Primeiro um tour em uma usina de incineração e agora aquilo. Algumas ligações e ela havia conseguido um tempo com o dono do Wallace Funeral Home. Ela não havia falado diretamente com ele, mas a recepcionista organizara tudo.

Tudo parecia acontecer muito rápido quando a porta dos fundos do prédio se abriu. Um homem vestido em um belo terno cinza entrou na sala de espera e lhe ofereceu um sorriso incerto.

- Detetive Black? – Ele perguntou.

- Sim.

- Prazer em conhece-la. Sou Sawyer Wallace. Soube que há alguma questão profissional em que posso ajuda-la, certo?

Avery levou um momento para pensar nos detalhes do caso, tratando-os com cuidado já que não tinha certeza sobre o que ele havia visto nos jornais.

- Estou procurando um suspeito que está sequestrando suas vítimas— todas mulheres, até agora—e as queimando. Ele está queimando elas de uma maneira que me faz acreditar que ele sabe muito sobre o que está fazendo. Está queimando até os ossos na maioria dos casos. E em cada caso até agora, encontramos fragmentos do que parecem ser urnas quebradas.

A cada detalhe que saía da boca dela, Wallace parecia se arrumar mais em seu assento. Quando Avery terminou, ele estava reto como um poste e seus olhos estavam arregalados de terror.

- Isso é completamente terrível – Wallace disse.

- Sim, é mesmo. Estava pensando que você poderia me contar sobre o processo de cremação... talvez até mesmo me mostrar o processo em ação.

- Bem, eu precisaria de alguns papéis para te mostrar o processo de forma tão pessoal e de perto – Wallace disse. – Mas eu posso responder suas perguntas.

Ele continuou na cadeira no lado oposto a ela, mostrando sem precisar falar uma palavra que ela não poderia ir a nenhum lugar do prédio além da sala de espera. E, para Avery, também não havia problema. Ela estava começando a sentir-se tão perturbada quanto Wallace parecia estar.

- Bem, eu gostaria de saber sobre todas as possíveis formas que alguém pode ter de queimar um corpo com eficiência em um lugar que não seja um crematório. Estou falando sobre queima total, restando só cinzas e ossos.

- Bem – Wallace disse, tentando mostrar que as notícias que ela tinha compartilhado com ele não o tinham incomodado, - em cremações, claro, tudo é reduzido a cinzas. Ossos e dentes são reduzidos a nada mais do que pó. Então se há ossos nesses restos, o assassino não está alcançando a mesma temperatura que nós. Os ossos ficam pelo menos mais fracos e um pouco quebrados antes de nós esmagarmos. Se ele não está fazendo isso ou não tem essa opção, eu diria quase com certeza que ele não está queimando os corpos pelo mesmo tempo de uma cremação típica, ou na mesma temperatura.

- Mas hipoteticamente, isso poderia ser feito?

Wallace pensou por um momento antes de responder.

- Sim, eu suponho. Mas você precisaria de algum tipo de sala especial. Teria que ser construída muito bem e ser extremamente resistente ao fogo. E mesmo assim, teria que ser quase algum tipo de prédio industrial. Se não fosse, não teria como a estrutura durar muito.

- E os químicos? – Avery perguntou. – Há químicos envolvidos no processo de cremação? Nós sentimos um cheiro fraco nas cinzas, mas nada sólido apareceu nos testes.

- Químicos não, só gases naturais. Alguns crematórios usam um tipo especial de óleo, mas nós não fazemos isso aqui.

- Mas o processo é basicamente o mesmo em todos os crematórios?

- Sim, nos Estados Unidos. Claro que quando você vai até regiões mais ao leste, há uma variedade de práticas.

- Bem, eu diria que nós estamos procurando por alguém que tem muito interesse no processo de queima ou no início de incêndios—não um incendiário, exatamente, mas alguém que respeita o fogo e talvez até o utilize simbolicamente. Então por favor, perdoe-me por perguntar, mas eu estava pensando se há alguém no passado do crematório que possa ter sido uma preocupação. Alguém que talvez tenha sido demitido ou punido por comportamento incomum.

- Felizmente, não – Wallace disse. – Não aqui. Mas três anos atrás, houve um incidente bem problemático em um outro crematório.

Agora fora a vez de Avery se ajeitar na cadeira e tomar nota. *Lá vamos nós...*

- Que tipo de incidente? – Ela perguntou.

Wallace mexeu-se desconfortável na cadeira e olhou para Avery com dificuldade.

- Não sei se seria certo da minha parte contar sobre o negócio de outra pessoa – Wallace disse.

- Eu respeito seu pensamento, mas o tempo está correndo – Avery disse. – Qualquer coisa que você me diga pode acelerar o processo enquanto nós procuramos os funcionários do outro crematório. – O que ela não disse foi que alguém que trabalhasse para aquele crematório poderia minimizar a gravidade do evento para salvar sua pele.

Claramente desconfortável, Wallace assentiu.

- Havia um homem trabalhando no crematório Peaceful Hills que não foi apenas demitido, mas também passou algum tempo em uma clínica psiquiátrica, pelo que eu sei. Começou quando ele foi encontrado dormindo em cima de túmulos de pessoas queimadas lá. Isso já era razão mais do que suficiente para demiti-lo—e eles demitiram. Mas depois disso, também foi descoberto que ele estava fazendo vídeos secretos das cremações no iPhone dele. Depois, quando a polícia olhou no computador dele, encontrou vídeos de crimes de guerra onde pessoas eram queimadas. Coisas horríveis.

- Você sabe o nome desse homem?

Wallace ainda estava claramente desconfortável por compartilhar aquelas informações, mas quando inclinou-se para frente, Avery sabia que ele iria falar o que sabia.

- Phillip Bailey. Ele trabalhou para eles quase quatro anos antes de descobrirem seus problemas.

- Ele ainda está em tratamento? Está em alguma clínica?

- Não. Está morando na cidade. E eu só tenho certeza disso porque ele procurou emprego aqui meses atrás. Eu levei isso às autoridades e acho que ele levou só um tapa no pulso e nada mais.

- Ele procurou emprego *aqui*? – Avery perguntou. – Então você tem o endereço dele?

- Meu RH deve ter, sim.

- Isso me ajudaria muito.

Wallace suspirou e se levantou.

- Um momento – ele disse, saindo pela mesma porta pela qual havia entrado.

Quando ele saiu, Avery pegou seu telefone. Antes de iniciar a chamada, olhou as horas e viu que de alguma maneira já eram 3:10. Fora um daqueles dias onde ela se esquecera de almoçar e estava agindo cheia de adrenalina—e com um pouco de raiva por ter sido retirada do caso.

Depois, procurou o nome de Ramirez e ligou. Sabia que havia uma certa ironia em ligar para ele pedindo ajuda, dada a maneira como havia o tratado nos últimos dias—mas ambos já haviam aprendido a colocar o trabalho a frente do relacionamento, e ela percebeu que aquela era uma dessas situações.

Como se confirmando essa tese, ele atendeu ao segundo toque.

- Ei, Avery. Trabalhando muito?

- Você me conhece muito bem.

- Você provavelmente está muito à frente de onde eu estou agora. Não estou encontrando nada.

- Bem, deixe-me te contar algumas coisas então – ela disse. – Estive investigando e estou prestes a conseguir o contato do que parece ser uma boa pista. Você acha que consegue me encontrar sem que O’Malley descubra?

- Provavelmente – Ramirez disse. – Estou na minha mesa agora. Tenho certeza que ele gostaria de me ver lá fora ao invés de ficar sentado aqui. E nosso amigo agente Duggan saiu uma hora atrás, voltou para o escritório dele em Chelsea.

- O’Malley já se acalmou? – Avery perguntou.

- Um pouco. Está estressado. Esse último corpo mexeu com ele. Se a mídia tivesse visto o estado do corpo...

- Sim, eu sei. Escute, você pode me encontrar em uma hora?

- Só me diga onde.

Ela disse, indicando-o um ponto a algumas quadras de onde estava. Quando a ligação terminou, tudo parecia estar da mesma maneira de quando eles haviam dormido juntos, três noites antes. Mas ela não sabia se aquilo era bom ou ruim. *Parecia* ser algo bom, mas também havia algo de triste naquilo.

Segundos depois, Wallace reapareceu. Ele entregou um pedaço de papel e Avery viu que se tratava de uma cópia da aplicação de Phillip Bailey.

- Eu espero mesmo que você consiga pegar e parar quem quer que esteja fazendo isso. Mas se você descobrir que essa pessoa é *mesmo* Phillip Bailey, eu gostaria muito que você deixasse meu nome fora disso.

- Claro – Avery disse. – Obrigada por sua ajuda.

Wallace apertou a mão de Avery e novamente saiu pela mesma porta. Avery olhou o papel procurando por um endereço e encontrou um local que ficava a vinte minutos de carro de sua atual localização. Ela cogitou a ideia de ligar para Ramirez novamente e simplesmente pedi-lo para encontra-la naquele endereço.

Mas se ela queria ficar fora do radar, tentando ficar longe do caminho de O'Malley, precisava fazer as coisas de forma segura. Colocou o papel no bolso e voltou para seu carro. Novamente, flagrou-se pensando em fogo, em como aquela era a maneira perfeita de esconder algo—*qualquer* coisa. E, além disso, pensou em que tipo de pessoa seria depravada o suficiente para usar fogo para acabar com uma vida humana e ficou feliz por ter decidido ligar para Ramirez.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Eram 4:47 quando Avery e Ramirez chegaram à casa de Phillip Bailey. Quando Avery estacionou seu carro, Ramirez estava encerrando uma ligação com alguém do departamento de registros do A1. Quando ele desligou, olhou para a casa em sua direita e assentiu com a cabeça.

- Bem, a ficha dele com certeza bate. Esse cara é ridículo. De acordo com os registros, teve algo na história de Bailey dormindo nos túmulos que o Wallace não te contou.

- O que é?

- Ele estava quase nu quando encontraram ele. Ele estava... bem, estava *excitado*.

- Bom, se esse cara *não é* quem nós estamos procurando, pelo menos parece que vale a pena investiga-lo – Avery disse. – Especialmente se ele está tentando conseguir emprego em crematórios.

- Você tem certeza que não quer que eu chame reforço? – Ramirez perguntou. – Esse cara parece bem assustador, se você quer minha opinião.

- Não, não até nós termos certeza. Se eu estiver errada nisso, vão querer minha cabeça.

Trocando olhares cheios de emoção e ansiedade, Avery e Ramirez abriram suas portas e saíram pela rua. A casa de Bailey era modesta, com um balanço na varanda pendurado por correntes.

Eles foram até a porta da frente em silêncio, vendo que a porta estava aberta, deixando a casa protegida apenas por uma tela frágil. Quando se aproximaram, Avery escutou o leve som de uma televisão do lado de dentro. Em outro lugar, muito de leve, ela escutou outros barulhos. Parecia que alguém estava martelando algo dentro da casa.

Avery bateu na porta de tela e esperou por uma resposta, mas tudo o que ouvia era a TV, que parecia estar sintonizada em um programa de entrevistas. Cerca de dez segundos depois, o barulho do martelo soou novamente. Dessa vez, mais alto. Quase violento.

Avery bateu mais uma vez, mais alto. A porta chacoalhou, abafando o som da televisão.

- Phillip Bailey? – Ela chamou através da tela.

Quase imediatamente, o som do martelo parou.

- Eram marteladas? – Ramirez perguntou, falando baixo.

Avery encolheu os ombros e depois chamou novamente.

- Estou procurando Phillip Bailey. É a polícia.

Não houve resposta novamente. Avery pensou e imaginou se não deveria ter ficado quieta. Olhou para Ramirez e disse:

- Vá lá atrás e veja se há uma porta nos fundos ou um lugar por onde ele pode sair. Se eu não ver você em vinte segundos, vou assumir que *tem* uma saída por trás e você está por lá. Nesse momento eu vou entrar.

Ramirez assentiu, descendo as escadas, e correu pelos lados da casa. Avery voltou suas atenções para a porta e começou a contar. Enquanto isso, olhava para dentro da casa através da tela.

O lugar era uma bagunça. Uma pequena mesa de centro estava cheia de papéis e revistas. Havia um notebook em um pequeno sofá que estava cheio de mais papéis, um prato com metade de um sanduíche e muitos papéis toalha amassados. Ao longe, ela podia ver parte de um corredor, mas não mais do que isso.

Quando sua contagem chegou ao vinte, bateu uma vez mais, esperou, depois abriu a porta. Entrou e viu que a TV estava mesmo sintonizada em um programa de entrevistas. Foi até o notebook no sofá e viu o que parecia ser um currículo inacabado. Na parte de baixo da tela, na barra de tarefas, viu o ícone do Google Chrome. Clicou e viu quem usara a máquina estava visitando um site de empregos.

Ela se afastou do notebook e seguiu em direção ao corredor.

Foi aí que sentiu o cheiro.

Era horrível, como levar um tapa no rosto com a carcaça de um animal que estava apodrecendo na estrada. Era tão forte que Avery deu um passo atrás e segurou a respiração. Fazendo esforço para respirar pela boca, seguiu pelo corredor. A sua direita, encontrou uma pequena cozinha que contava com uma pia e um balcão surpreendentemente limpos. Uma tigela de frutas para decoração descansava em uma pequena mesa.

O cheiro não vinha dali. Mais importante ainda, ela percebeu que os sons de marteladas haviam parado tão logo ela entrara na casa. Se Phillip Bailey estava ali, ele aparentemente sabia que não estava mais sozinho.

Ela quase chamou novamente, mas se ele *estivesse* lá dentro, não havia sentido para ela em entregar-se. Continuou pelo corredor. Todas as portas estavam abertas, revelando um banheiro, um quarto e uma sala de estudos bagunçada. Dentro dela, outro notebook se destacava em uma mesa cheia de livros.

Seus instintos a diziam que ela encontraria respostas ali, mas agora, ela estava mais preocupada em encontrar Phillip Bailey. Deixou o escritório para trás e seguiu adiante. O corredor terminava logo em frente, mas ainda havia outra porta à esquerda. Ela estava fechada, mas uma luz brilhava através das rachaduras na base e nos lados.

Avery alcançou a maçaneta, virou-a e se surpreendeu ao encontra-la destrancada. Empurrou a porta e viu não só uma escada que levava ao porão, mas também um homem parado nos degraus.

Ele estava assustado, mas também parecia ter sido pego fazendo algo. Ela imaginou que ele estava subindo as escadas enquanto ela investigava a casa, esperando pega-la de surpresa.

- Você é Phillip Bailey? – Ela perguntou.

- Sim – ele disse. – Quem é você?

Antes de responder, ela colocou a mão em sua arma. Começou uma resposta, mas depois olhou para as mãos dele. Elas estavam cobertas por algo que era ou preto, ou vermelho escuro.

- Detetive Avery Black, Polícia de Boston – ela disse. – Homicídios.

Bailey pareceu confuso em um primeiro momento, mas depois sorriu.

- Sério?

- O que é isso em suas mãos, senhor Bailey?

Ele olhou para suas mãos como se não soubesse o que havia nelas. Enquanto as olhava, Avery percebeu que o cheiro que quase a derrubara minutos antes parecia vir do porão.

- Você acredita se eu disser que é tinta? – Ele perguntou.

- Senhor Bailey – ela disse, puxando sua arma. – Vou pedir para que você coloque as mãos para cima, vire-se e me leve até o porão.

- Nós não precisamos disso – Bailey disse.

- Ah, acho que sim. Agora, senhor Bailey – Depois, ela inclinou a cabeça para sua esquerda e gritou. – Ramirez! Venha aqui!

Com um suspiro derrotado, Bailey fez o que Avery pediu. Quando ele se virou, ela viu a substância preta ou vermelha em sua camiseta.

É sangue, ela pensou. *Não tem como não ser sangue*.

Ela seguiu Bailey pelas escadas. O cheiro ficou mais forte e ela começou a perceber que havia dois odores diferentes. O primeiro era algo muito parecido com o que exalava de animais mortos deixados à beira da estrada.

O outro era um inconfundível cheiro de fumaça e de algo que havia sido queimado.

Pegamos esse babaca, ela pensou. *Nem acredito que foi tão fácil, mas nós—*

Mas quando chegou ao porão e olhou para a macabra área de trabalho de Phillip Bailey, não teve tanta certeza.

Ela estava certa: valeria a pena investigar Phillip Bailey. Ele poderia não ser culpado das recentes mortes que eles estavam investigando, mas com certeza ele era culpado de *algo*.

Atrás dela, Ramirez desceu as escadas.

- Tudo bem por—

Mas suas palavras foram interrompidas quando seus olhos viram a mesma cena que Avery estava tentando entender. Ele então encontrou palavras, mudando a pergunta.

- Que porra é essa?

Phillip Bailey olhou-os parecendo perdido e depois voltou a olhar para suas mãos cheias de sangue.

- Merda – ele disse. – Estou encrencado?

Nenhum deles respondeu. Eles estavam muito ocupados tentando entender o que estavam vendo.

Em uma grande mesa de carvalho coberta por lona, o corpo de um grande gato estava aberto do pescoço ao estômago. Supreendentemente, havia pouco sangue, e o corte parecia limpo. Ao lado do gato, uma pequena bacia continha os órgãos do gato, também surpreendentemente limpa e bem cuidada.

No chão, contra a parede, havia muitos grandes refrigeradores. Avery caminhou em direção a eles. Atrás dela, Phillip Bailey também se moveu.

- Não – Ramirez disse, apontando sua arma para Bailey. – Não se mexa.

- O gato na mesa é de rua – Bailey disse, como se aquilo explicasse tudo. – Acho que não tinha dono. Ninguém vai sentir falta dele.

Avery quase não ouviu o que ele disse enquanto olhava o primeiro refrigerador por dentro. Teve ânsia de vômito quando viu o conteúdo. Havia outro gato dentro. Esse não havia sido destripado, mas sim queimado. Sua cabeça era pouco mais do que um crânio. Tecidos queimados, pretos, estavam expostos nas costelas. Ao lado do gato havia algo que parecia ter sido, um dia, um esquilo ou porquinho da índia. Naquele momento, no entanto, parecia mais uma bola carbonizada preta e rosada com pernas.

- Meu Deus – Avery disse, procurando seu telefone para chamar reforços.

A terrível descoberta na verdade a fez ter certeza de que Phillip Bailey não era o assassino, mas independente disso, aquele maníaco precisava ser investigado.

- Você não pode ligar – Ramirez a lembrou. – Deixe que eu faça isso.

Ela assentiu e olhou dentro do refrigerador seguinte. Lá, encontrou um cachorro de médio porte parcialmente queimado, junto com mais dois gatos. Olhou pela sala e viu uma pequena prateleira com outras lonas e folhas de plástico. Havia também uma lata de gasolina. No chão, era possível ver manchas marrons, indicando que Bailey estava dedicando-se àquilo há algum tempo.

Ela escutou Ramirez chamar reforços enquanto voltou calmamente em direção a Bailey. Fez tudo o que pode para manter sua voz baixa e calma. Apontou o cano de sua arma para as escadas.

- Vamos lá para cima.

Ele suspirou, como se aquilo fosse uma inconveniência gigante, mas fez o que ela pediu.

No andar de cima, olhou todos os quartos com Bailey em frente. Ramirez juntou-se a ela, tornando a busca um pouco mais rápida. Quando foi ao notebook na sala que supostamente servia para estudos, Avery abriu o navegador e checkou o histórico de buscas de Bailey. Ela estava buscando por alguma evidência de que Bailey tivesse procurado pela maneira correta de queimar um corpo humano, mas não encontrou nada.

O que ela encontrou mesmo foi uma coleção com cada um dos vídeos que Bailey gravou no crematório. Também viu que ele havia assistido alguns vídeos de cremação no Youtube, inclusive do Nepal, onde se queimavam corpos de amantes falecidos perto de templos religiosos. Também havia um vídeo completo do incêndio em um show dos anos 90 quando o grupo de rock Great White soltou fogos e quase todas as pessoas no local morreram queimadas.

Ela não tinha certeza de quanto tempo eles passaram investigando a casa —talvez dez minutos. Quando o primeiro carro de polícia chegou, Avery não perdeu tempo em sair. Ela mal ouviu Ramirez contar aos agentes o que acontecera quando sentou nos degraus da frente da casa de Bailey.

Depois de alguns momentos, Ramirez juntou-se a ela e os dois ouviram a comoção vinda de dentro da casa. Avery estava tentando entender o que eles haviam encontrado no porão, mas também estava esperando por O'Malley, que chegaria com o martelo apontado para ela. Ele ainda não havia chegado,

mas ela tinha certeza de que ele perderia a cabeça estivesse ali. Ela poderia facilmente ter saído do local quando Ramirez chamou reforço, mas achou que aquela seria uma saída covarde. Ela havia descoberto aquilo e Ramirez era seu parceiro. Ela ficaria ao lado dele, não para ficar com os créditos pela descoberta, mas para assumir a culpa se eles estivessem errados no fim.

Avery respirou o ar fresco do anoitecer.

- Que merda tem de errado com essas pessoas? – Ramirez perguntou.

- Essa é uma boa pergunta – Avery disse.

Um dos agentes que haviam chegado primeiro saiu pela varanda. Ele parecia um pouco pálido, mas determinado.

- O louco ainda está no porão – ele disse. – Ele não pediu um advogado ainda, mas já está detido. Você precisa de algo a mais dele?

Ramirez levou um momento para perceber que o agente estava falando com ele, não com Avery. Ele parecia estar com problemas em lembrar que Avery estava, naquele momento, fora do caso.

- Não. Podem leva-lo.

O agente concordou e voltou para dentro da casa. Avery e Ramirez permaneceram nos degraus. Avery queria muito que ele colocasse um braço em volta dela, mas ele permaneceu agindo profissionalmente.

- Você está bem? – Ele perguntou.

- Sim. Só que isso foi... inesperado.

- Vou dizer. Acho que eu nunca vou—

Um carro apareceu na rua, parando bruscamente. Os dois o reconheceram no mesmo instante. Permaneceram em silêncio quando O'Malley saiu do veículo. Ele viu ambos sentados nos degraus, olhou para Avery e balançou a cabeça, frustrado.

- Vai ser divertido – Ramirez brincou enquanto O'Malley atravessava a rua. – Você se importa se eu ficar por aqui e ver a merda bater no ventilador?

- Fique, por favor – ela disse com um sorriso, e levantou-se para ir em direção a O'Malley.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A medida que a noite chegava e a notícia da prisão de Phillip Bailey ecoava pelo A1, a sede começava a cheirar café recém passado e máquina de xerox sobrecarregada. Avery estava começando sua segunda xícara de café da noite quando os membros de uma reunião tardia e precipitada sobre a prisão entraram em na sala de conferências.

Uma sensação de caso encerrado estava começando a tomar conta da sala já que todos tinham a impressão de que, embora não houvesse prova definitiva, Phillip Bailey era o homem que eles estavam procurando. Ainda haveria algumas perguntas, com certeza, mas a severidade do que encontraram no porão de Bailey parecia estar alinhada com a maioria das coisas que eles esperavam encontrar em um assassino. Até mesmo Avery sentia-se incapaz de reviver na mente as cenas que vira ou o cheiro que sentira.

No entanto, Avery não achava que tudo se encaixava. Da mesma maneira que o jeito infantil de George Lutz não estava batendo com o que ela estava procurando em um assassino, havia alguma coisa sobre Phillip Bailey que não estava se encaixando muito bem. Havia alguma coisa sobre a forma quase alheia a que ele reagira ao ser pego que não se encaixava para ela.

Estou encrencado?

Ele fizera aquela pergunta como se tudo tivesse sido uma piada. Mas a forma como os corpos encontrados haviam sido deixado a fazia pensar que não havia nada de engraçado sobre aquele assassino. A atitude despreocupada de Bailey não parecia estar alinhada com a personalidade que ela esperava do assassino.

Em outras palavras, ela sentiu que eles haviam pego alguém que certamente não era normal, mas não acreditava que Phillip Bailey era responsável pelas mortes de Keisha Lawrence, Sarah Osborne e da terceira vítima não identificada.

Mesmo se ele tivesse começado a querer fazer isso com humanos, não havia jeito dele ter queimado corpos naquele porão. Wallace mesmo disse que alguém que estava fazendo uma coisa dessa precisaria de um quarto ou prédio para isso.

Seus pensamentos foram interrompidos quando O'Malley começou a falar do seu jeito habitual – como um pai preocupado que estava fazendo

tudo que podia para não liberar toda sua raiva e frustração sobre os filhos. Ela ficou aliviada ao ver, no entanto, que ele parecia mais feliz. Ela achava que era porque ele também tinha a impressão de que eles tinham pegado o assassino.

- Primeiro e acima de tudo – O'Malley disse – Black está de volta neste caso. Estamos prestes a acabar com isso e todo mundo deve a, ok?

Alguns murmúrios em concordância correram pela mesa. Alguns dos presentes viraram os olhos, contrariados. Mas aquilo era algo com o qual Avery havia há muito tempo se acostumado.

- Eu posso escutar vocês, acreditem – O'Malley disse, – mas em um caso como este, estou disposto a esquecer a oposição direta dela às minhas ordens, vendo como ela conseguiu trazer esse cara em um dia, enquanto nosso departamento inteiro não conseguiu. Agora... ele está sendo interrogado e nós temos uma pequena equipe de peritos vasculhando sua casa por mais provas. Há cerca de dez minutos, nós também descobrimos vários ossos espalhados enterrados em seu quintal, mas eles estão quase certos que podem ser os ossos de um cachorro grande.

- Ainda não temos evidências suficientes para apontar o uso de humanos em seus pequenos experimentos? – Avery perguntou.

- Por enquanto, não. E porra, Black... não se atreva a duvidar de mim nisso. Você acabou com este bastardo e eu coloquei você de volta nesta tarefa. Não me irrite dessa vez.

- Sim, senhor – ela disse, relutante.

O'Malley suspirou e colocou as mãos nos quadris.

- Pelo seu argumento, Black, quais são as suas preocupações?

- Minhas preocupações são que se ele *for* o nosso cara, ele não estaria queimando corpos humanos em sua casa. Abrir um gato e colocar num refrigerador é uma coisa. Mas você não pode queimar um corpo humano e colocar em um refrigerador, senhor. Se este for o nosso cara, ele tem outro local em algum lugar e eu acho que nós devemos usar nosso tempo e recursos para encontra-lo.

O'Malley assentiu de forma apreciativa.

- Eu quero uma equipe nisto agora – ele falou, olhando pela mesa – Mas a partir de agora, tudo aponta para que este seja nosso cara. Investigações mais profundas mostram que ele tentou arrumar emprego em dois outros crematórios da cidade. Ele também tentou fazer aulas na universidade da comunidade, para trabalhar com anatomia humana, mas falhou após um

semestre. Havia traços de gasolina no forro daqueles refrigeradores, o que mostra que ele não tinha problemas em manter os materiais necessários na mão. Dois mais dois é igual a quatro, pessoal. Às vezes temos sorte e tudo se encaixa. Trabalho bom pra caramba, Black. Você também, Ramirez.

Mais olhos rolaram e uma breve e simples salva de palmas relutantes encheu a sala. Avery olhou para Ramirez, que lhe deu um pequeno sorriso malicioso.

- É isso – O'Malley disse – É tarde e nós precisamos encontrar um segundo local que este babaca estava usando. Intervalo, pessoal! Vamos trabalhar.

A pequena multidão se levantou da mesa da sala de conferência e se desfez. Quando Avery tentou fazer o mesmo, Connelly parou na frente dela.

- Um segundo, Black.

Ela foi para o lado enquanto os últimos agentes saíam. Ramirez ficou para trás, permanecendo na cadeira.

- Eu preciso ir? – ele perguntou.

- Não, você é o parceiro dela. – O'Malley disse, se juntando a Connelly.
– Você deveria, provavelmente, ouvir isso também.

Ele fechou a porta e pegou uma cadeira na mesa da sala de conferências. Connelly se juntou a ele e os dois compartilharam um breve olhar que Avery não conseguiu ler. Um silêncio desconfortável tomou conta da sala, fazendo Avery sentir-se como se ela estivesse sendo julgada por alguma coisa.

- Este é o acordo, Black – O'Malley disse – Sim, você me desobedeceu de novo hoje. Mas você também conseguiu obter resultados ótimos sem ajuda de ninguém. Nós entendemos que Ramirez veio para o seu lado, o que tecnicamente coloca ele na minha lista negra, mas eu estou disposto a ignorar isto. Black... eu não sei mesmo o que fazer com você. Os resultados que você traz uma e outra vez não podem ser ignorados. E o fato que você estava no por si só hoje e trouxe mais do que nosso departamento inteiro mostra que você não se importa de estar sozinha. E Ramirez... você complementa ela bem. Você poderia receber todo o crédito por encontrar Bailey, mas você deu o crédito devido. Não há muitos homens na polícia que fariam isso.

De novo, o silêncio invadiu a sala. Avery estava começando a imaginar se eles estavam procurando por um pedido de desculpas dela. Se fosse o caso, eles ficariam muito desapontados.

Ao invés disso, O'Malley falou algo que a atormentou – algo que ela não esperava.

- Quando isso tudo tiver acabado, a última papelada for arquivada e Phillip Bailey estiver preso, nós queremos falar com você sobre uma promoção para sargento.

Ela não sabia o que dizer. As palavras literalmente não se formavam na sua boca. *Eu ouvi ele direito?*

- Black? – Connelly perguntou.

- Obrigada – ela disse – Mas... Eu acho que eu não entendi.

- Você merece isso – Connelly disse.

- Mais do que isso, eu penso que você será uma ótima sargento. – O'Malley disse – Se você pode trazer os mesmos resultados que você produz como detetive neste cargo, pode ser muito bom.

- Posso pensar nisso? – Avery perguntou, ainda atônita.

- Sim – O'Malley disse – Pense bem. Vamos começar mesmo a discutir sobre isso quando o caso Bailey estiver fechado.

- E está quase fechado – Connelly disse – Você entendeu, Black? Este é o nosso cara. A menos que alguém chegue na porta do A1 com uma confissão que diga o contrário, Phillip Bailey é o nosso assassino. Então não vá cavar mais fundo nesse buraco.

Mas e se nós precisarmos ir mais a fundo?

Era um pensamento forte, mas ela o guardou para si. Depois da conversa totalmente inesperada que acabaram de ter, parecia insensato agitar o ninho das vespas.

- De novo – O'Malley disse – bom trabalho hoje, vocês dois. Agora ambos vocês vão para casa e durmam um pouco.

Com este comentário, Avery viu um sorriso fino tocar os cantos dos lábios de Connelly. *Ele definitivamente suspeita que há alguma coisa acontecendo entre eu e Ramirez*, ela pensou. *É muito forte para guardar em segredo.*

O'Malley e Connelly saíram da sala, fechando a porta atrás deles. Ramirez deu-lhe um sorriso do outro lado da mesa e encolheu os ombros.

- Ir para casa dormir um pouco – ele falou. – Parece uma boa ideia, não?

- Talvez.

- Nós podemos ir juntos - ele disse – Talvez terminar na mesma cama.

- Eu não acho que descansaríamos muito se fizéssemos isso. – Avery disse.

Ramirez assentiu com a cabeça, como se ela tivesse acabado de falar algo sensato.

- Ainda assim... não importa. – ele disse – Eu já vi esse olhar no seu rosto antes. Você não tem certeza que o Bailey é o cara, não é?

- Há algumas dúvidas persistentes, sim.

- Então você vai trabalhar até tarde da noite, né?

Ela assentiu com a cabeça.

- Ramirez... aquela noite foi ótima. Foi mais que ótimo, na verdade. Mas eu não posso deixar que isso defina nossa relação no trabalho também. E agora, até este caso realmente acabar, eu não sei se serei capaz separar as duas coisas.

- Eu entendi – ele disse – Você faz suas coisas, Black. Eu vou voltar para meu canto, no meu prédio e ver o que eu posso fazer para ajudar nessa papelada. Se você precisar de mim, me avise.

Ela tinha a clara impressão de que esta era a forma dele lhe dar uma segunda chance – voltar para casa quando terminasse a noite.

– Eu vou. – ela disse – Obrigada, Ramirez.

Ele se levantou da cadeira e deu-lhe um leve e reconfortante aperto no ombro quando passou por ela e saiu. Avery ficou sozinha na mesa. Ela olhou para o nada, sentindo a incerteza passar por si.

Se Bailey não fosse o culpado, o assassino ainda estava lá fora. E se ele havia provado algo até agora, era que ele se movia rapidamente – quase tão rapidamente quanto o fogo que usava para matar suas vítimas.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ele olhou para fora na janela do passageiro do carro, olhando para a casa de dois andares ao lado dele. Era uma casa legal, completa com uma piscina no quintal. A vizinhança não era particularmente legal, mas aquela mulher vivia na melhor rua. Era facilmente uma das melhores casas na região.

Ele nunca chegou a conhecer a mulher, mas sabia muito sobre ela. O nome dela era Sophia Lesbrook. Ela podia viver naquela casa porque seu marido tinha trabalhado como corretor imobiliário e fora muito bem-sucedido. Seu esposo, no entanto, morrera dois meses atrás. Ele conseguiu encontrar o endereço dela ligando para as floriculturas que pegaram a maioria das encomendas da família e amigos quando o marido dela falecera e fazendo seu próprio pedido falso, o qual cancelara mais tarde.

Sophia tinha sido difícil de encontrar. Com as outras, ele estudara seus movimentos e horários. Mas Sophia não tinha saído muito depois que seu marido falecera. Ela tinha cinquenta e dois anos. Eles nunca tiveram filhos, então ela estava vivendo sozinha nesta linda casa, recebendo visitas apenas de uma irmã uma ou duas vezes por semana. Ele sabia disso porque não era a primeira vez que estacionava na frente da casa dela. De fato, ele fizera aquilo seis vezes.

Ele teria que correr alguns riscos naquela noite se quisesse pega-la. Tinha muita certeza de que não havia alarmes ou sistemas de segurança dentro da casa. Ele também sabia onde estava a chave reserva; viu a irmã dela pega-la de baixo de um dos seis vasos de flores que estavam alinhados na varanda.

Ele nunca entrara na casa de ninguém antes. De fato, até o dia em que raptou Keisha Lawrence, ele nunca havia violado a lei. Havia feito algumas coisas que sabia que as outras pessoas desaprovavam e poderia ser considerado desordenado mentalmente, mas nunca havia violado a lei.

Então, quando saiu do carro e foi para a casa de Sophia Lesbrook, havia uma nova excitação nele. Ele não tinha uma arma, nem uma faca... mas tinha um projeto por trás de seu trabalho e um par de mãos com muita força e braços torneados.

Eram duas da manhã e toda a região estava assustadoramente quieta. Por isso, parecia que todos os movimentos dele eram estrondosos. Ele subiu a

varanda e silenciosamente levantou o quarto pote de flores da direita. A chave reserva prateada brilhava ao luar como um farol.

Ele a pegou e sentiu um choque de excitação. Estava realmente indo fazer aquilo. Estava quase cruzando uma linha que nunca poderia descruzar. Agora era mais do que apenas o fogo que o levava... agora era a sensação que poderia fazer qualquer coisa que quisesse, sem ser parado.

Deslizou a chave na fechadura da porta da frente. Quando virou, sua mente se voltou estranhamente para os pensamentos sobre sua mãe. Ela poderia estar desapontada com ele. Arrombar e entrar. Sequestrar. Assassinar. Ele claramente não havia se tornado o jovem correto que ela desejava que ele fosse.

Bem, foda-se ela, ele pensou. Isso foi culpa dela. Ela fez isso pra mim. Ela me enviou para este caminho.

Parecia uma desculpa fraca, mas foi bom o suficiente para ele.

Depois que seu pai faleceu, sua mãe mantinha suas cinzas em uma urna na sala. Ele tinha doze anos quando aquilo acontecera, e olhara para aquela urna por mais de sete anos até que finalmente se mudara. Lembrava das discussões que sua mãe e sua avó frequentemente tinham. Sua avó furiosa com sua mãe, alegando que seu filho não queria ser cremado. Não era algo do seu desejo e ele tinha o direito de ser enterrado com a família ao lado da igreja. Mas a mãe dele sempre insistiu que esta era a coisa certa a se fazer. Ele olhava para aquela urna às vezes e pensava como a vida toda de alguém poderia caber ali.

Quando ele tinha vinte anos, sua mãe o fizera espalhar as cinzas. Fizeram isso em um lago onde ninguém poderia ver. Ela estava bêbada enquanto espalhavam as cinzas, murmurando sobre o quanto era isso que ele queria... essa era a melhor coisa. Neste momento, sua avó havia se mudado para outro estado e não havia discussão. E ele sentira que aquilo fora muito errado.

Parecia errado para ele na época e ainda parecia errado agora. Queimar o cadáver de alguém que não desejava tal coisa para seus restos mortais. Espalha-lo por um lugar aleatório parecia ainda pior. Ele odiou a mãe por isso por um bom tempo. Isto o fez pensar nela como uma bruxa que guardou suas cinzas por razões emocionais que ele nunca havia entendido.

Quando abriu a porta da casa de Sophia Lesbrook, ele quase esperava que sua mãe o estivesse ouvindo, onde quer que ela estivesse hoje. Ele esperava que ela estivesse sonhando e que este ato de desobediência a tirasse de seu sono.

À frente dele, a casa era sombria e assustadora. Era uma casa encantadora, a sala de estar se abrindo à direita para mostrar uma televisão de cinquenta polegadas sobre uma lareira colocada na parede. Tudo estava impecavelmente limpo e ele podia sentir o cheiro de alguma coisa que havia sido assada mais cedo no dia – bolo de canela, talvez.

Ele aventurou-se pela casa, desfrutando a emoção de estar no interior de uma casa que não o pertencia. Mas não se deixou distrair. Foi de quarto em quarto, até finalmente encontrar o quarto de Sophia lá em cima.

Ela dormia com uma máquina de ruído na mesa de cabeceira. Estava ajustada ao ruído branco, um assobio que fazia o quarto parecer estranhamente pequeno.

Ele ficou ao lado da cama e a olhou dormir por alguns segundos. Com uma leve franzida nas sobrancelhas, ele então fechou sua mão direita, puxou-a para trás, e proferiu um soco ao lado de sua cabeça.

Seus olhos se abriram quando ela saltou para a direita. Ela abriu sua boca para gritar, mas a mão dele estava pronta para cobrir-la. Ele se arrastou para a cama e montou nela. Puxou a mão direita para trás e bateu nela novamente. Desta vez, sentiu uma dor em seu pulso. Abaixo dele, o corpo dela ficou mole.

De uma maneira quase anticlimática, se retirou da cama e olhou para ela. Tirou as mantas do corpo dela e a olhou. Ela era bonita para a idade que tinha e ele se perguntava qual seria o tipo de homem que se aproveitaria do corpo inconsciente dela. Mas não era ele. Ele nunca se afundaria nessas profundezas depravadas.

Mas realmente... ele nunca pensou em invadir a casa de alguém. Quanto mais longe seria capaz de ir?

Com algum esforço, conseguiu tirá-la da cama. Carregou-a, sentindo uma ligeira elevação e a queda da respiração dela sobre ele. Levou-a pelas escadas abaixo e olhou para a sala de estar. Parou por um momento antes de partir.

Olhou para a sala de estar. Para o móvel entre a lareira e a televisão, havia algumas fotos de pessoas da família e de um homem que ele achou ser o marido de Sophia.

E no meio de tudo isso, havia uma urna... o lugar de descanso das cinzas de seu marido até que elas fossem espalhadas.

Com a morte dela, ele não acreditava que aquelas cinzas seriam espalhadas.

Deu uma última olhada para a urna e então carregou o corpo de Sophia inconsciente noite a dentro.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Avery desistiu de dormir depois da uma da manhã. Ela colocou uma garrafa de café na sala de descanso do A1 e estava na sua segunda xícara quando seus pensamentos novamente se viraram para sua estranha reunião com Howard Randall. Randall nunca fora apenas de dar informações. Ele preferia fornecer pistas de uma forma quase enigmática, fazendo com que ela refletisse sobre o que ele dizia.

É isso que ele estava fazendo quando eu o visitei? Ela pensou. *Seu humor era uma dica?*

Tudo que ela sabia era que não era do feitio dele o comportamento naquela visita. Ele geralmente gostava das visitas dela, principalmente pelo fato de alguém do calibre dela confiar em suas ideias. Então por que a súbita mudança?

Aquilo a fez se perguntar se ele havia a colocado na direção errada. Ele sugerira que ela não deveria se preocupar muito com o incêndio... que seria algo totalmente simbólico. Ela concordou com isso, mas fora difícil encontrar um suspeito baseado em nada mais do que simbolismo. Tinha que haver algo a mais... algo que ela estava deixando passar.

Avery folheou os papéis em sua mesa e pegou detalhes sobre as vítimas. Ela leu algumas vezes, na esperança de encontrar alguma conexão.

Todas mulheres até agora.

A terceira foi às pressas, o corpo não queimou. Ainda não temos a identidade.

A maneira que ele deixa os restos indica que ele quer nossa atenção, mas não tem vontade de ser pego. Ele quer se gabar sobre o que está fazendo, mas está satisfeito por fazer isso só pela atenção.

Aquilo a fez pensar novamente no que ela e a Dra. Sloane Miller havia discutido. Incendiários frequentemente revisitavam a cena de seu crime para ver a destruição. Então talvez o assassino estava voltando para as cenas do crime para ver Avery e seus colegas detetives e policiais tentando descobrir como funcionava sua loucura. Mas por quê? O que, em sua composição psicológica, o levava a fazer tal coisa?

Havia outra questão, ainda: se ele estava usando fogo de uma maneira simbólica, talvez o simbolismo não parasse no fogo. Talvez envolvesse às vítimas, também.

O que eu estou deixando passar?

Ela estava prestes a examinar as informações das vítimas novamente quando uma batida soou na porta já aberta. Ela olhou e viu Ramirez espiando. Ele parecia cansado, mas ainda tinha aquela energia juvenil quando sorriu para ela.

- Alguma novidade? – ele perguntou.

- Não. Apenas pistas que não levam a nenhum lugar e frustração. E você?

- O advogado de Phillip Bailey vai vir amanhã de manhã. Ele ainda está insistindo que nunca matou uma pessoa e que suas perversões nunca foram além dos animais.

- Então as coisas sobre eles estão paradas agora? – ela perguntou.

- Sim, até amanhã quando o advogado vier. Por que? Você ainda tem suas dúvidas?

- Eu tenho, mas ainda não sei por quê.

- Bem, dê um descanso ao seu cérebro – ele disse. Ele entrou no escritório e caminhou para trás dela, que permaneceu sentada. Ramirez começou a massagear seus ombros e Avery instantaneamente se sentiu relaxada. Ela não conseguia lembrar da última vez em que recebera uma massagem de um homem.

- Meu cérebro nunca descansa - ela disse, – e Ramirez... mesmo que o que você está fazendo seja incrível, isso é cruzar a linha da qual nós já falamos.

- Para o inferno com essa linha. Não tem mais ninguém nesse andar agora.

- Nós ainda temos trabalho para fazer – ela disse, começando a ficar irritada. De quantas maneiras diferentes ela há havia dito para ele que não queria que seu envolvimento romântico interferisse no trabalho? Ela realmente não queria ser a sacana da história, mas ele estava a deixando sem escolha.

- Você trabalhou pra caramba – Ramirez disse – Está tudo bem em tirar cinco ou dez minutos para você.

Assim que falou isso, ele aumentou a pressão nos seus ombros. Suas mãos também deslizaram um pouco mais abaixo do seu pescoço.

- Para que? – Ela perguntou, encolhendo as mãos. – Você quer que eu jogue tudo que está em minha mesa no chão para você me comer em cima? Quer uma rapidinha na minha mesa? Ou talvez no armário do zelador? Jesus, Ramirez... cresça e faça seu trabalho.

- Não, eu não quero uma rapidinha na sua mesa. – Ele falou, ofendido.
- Então o que é? – Ela perguntou. – O *que* você quer?
- Dez minutos com você onde não estejamos atolados com nosso trabalho.

- Bem, você não vai conseguir o que quer agora. Me desculpe, mas se você me fizer escolher entre o trabalho e você, você não vai ter muita chance.

- Ah – ele disse, caminhando lentamente para a porta. – É tão fácil pra você, hein?

- Sim, é.

- Então talvez eu deveria deixar você sozinha até que este caso esteja terminado... ou até você decidir que está pensando demais. Bailey é o nosso cara. Pare de pensar demais. Pare de se deixar ocupada para ignorar essa coisa que você está sentindo por mim.

- Não é o que eu estou fazendo. – ela disse.

- Eu não tenho tanta certeza disso. – Ramirez respondeu.

- O mundo não gira em torno de você. – Avery disse. – Agora, se você não se importa... feche a porta ao sair.

Ficou claro que ele quase disse algo ao sair, mas acabou se controlando. Fechou a porta com força ao deixar o local.

Avery olhou de volta para os arquivos das vítimas. Todas mulheres... mas o que mais? Havia alguma coisa que ela estava deixando passar?

Ela pensou sobre a conversa com Sloane e as ideias que ela deu sobre a mente de um incendiário. Talvez eles precisassem olhar pra ele de um ângulo diferente – a partir de uma nova perspectiva. Claro, eram quase três da manhã agora, então não havia muito a ser feito.

Sabendo que três horas de sono seriam inúteis, ela se levantou e esticou as costas. Então se sentou atrás da mesa e estudou os arquivos de Keisha Lawrence e Sarah Osborne. Esperava que a identidade da terceira vítima pudesse ajudar a amarrar algumas pontas soltas da história.

Mas até então, ela apenas tinha duas mulheres falecidas, olhando para ela desde pedaços de papel em sua mesa. Elas haviam sido reduzidas a cinzas em seus últimos dias na terra e era Avery quem deveria descobrir as histórias que elas tinham para contar.

Ela pensou na Dra. Sloane Miller novamente e imaginou se ela seria a pessoa para ajuda-la a entender o significado aquelas histórias trágicas.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Avery esperou até as seis da manhã para ligar para Sloane. Aliviou-se ao saber, pela voz da doutora, que ela parecia ter acordado já há algum tempo. Tanto que ela estava em uma cafeteria quando atendeu o telefone e, feliz, concordou em encontrar Avery assim que chegasse em seu escritório.

E assim Avery estava sentada no escritório de Sloane meia hora depois, com um café e um bolinho que a médica havia trazido para ela da cafeteria. Sloane deixou suas coisas na mesa, ligou seu notebook e finalmente se sentou.

- O que posso fazer por você? – Ela perguntou.

- Ainda estou envolvida nesse caso em que o assassino está queimando as vítimas – Avery disse. Ela estava sentada na cadeira do paciente, tomando seu mini café da manhã. Por um momento, parecera quase que estava apenas conversando com uma amiga íntima. – Estou tentando enxergar isso tudo com o olhar de alguém que pode estar usando o fogo com um significado estritamente simbólico, sem nenhum interesse em incêndios.

- Bom, essa com certeza é uma ideia interessante – Sloane disse. – Mas não sei se você vai encontrar alguém que bata com essa descrição. Acho que é possível, mas improvável.

- E por que você acha isso?

Sloane pensou por um momento, enquanto tomava um gole de seu café.

- Como nós já falamos, mesmo uma criança em um acampamento—talvez segurando um cachorro quente ou marshmallow—entende o poder que o fogo tem. Existe um respeito inerente por ele. O que um incendiário faz, basicamente, é transformar essa fascinação e respeito em um dispositivo de poder. Eles querem ver o mundo pegar fogo e não têm problema em usar fogo para isso porque ele é uma maneira de mostrar poder para eles. Faz sentido para você?

- Até agora, sim – Avery disse.

- Então vamos considerar alguém que está queimando corpos de propósito. Claro, pode ter algum simbolismo ligado a isso, tudo bem. Mas qualquer pessoa que usa o fogo como forma de destruir ou danificar algo está trabalhando com os mesmos sentimentos inerentes. Eles entendem o poder absoluto do fogo e o utilizam com alguma intenção. Pode até ser uma situação em que o assassino não percebe que tem essas tendências de

incendiário. Mas na raiz do que ele está fazendo, há um grau de pensamento que um incendiário teria, mesmo que da forma mais básica.

Então poderia ser alguém como Phillip Bailey, Avery pensou. Por trás de seus claros problemas mentais, existe um entendimento quase primitivo de como o fogo é uma maneira muito comum e básica de destruir coisas. Porra, até George Lutz entenderia isso.

- Então você acha que seria um erro desconsiderar um incendiário? – Avery perguntou.

- Eu não faria isso. Na verdade, eu procuraria conexões entre os dois. Dos seus suspeitos, tem algum que tem um passado relacionado a incêndios, mas que também tem algum tipo de conexão com fogo que poderia ser vista de uma maneira simbólica?

Um incendiário trabalharia em um crematório ou usina de lixo? Avery imaginou. E se trabalhasse, ele entenderia o que está fazendo? Teria conhecimento do interesse dele em fogo?

Avery assentiu, sabendo exatamente o que precisava procurar. Mas uma das partes daquela questão envolvia Howard Randall. Ele teria dado a ela informações erradas de propósito? Ele estaria apenas a atrapalhando, cansado de ser seu mentor sem destaque?

Simbolismo versus intenção, Avery pensou. Tenho me debruçado muito nesse pensamento. E se os dois estiverem ligados? E se nós estivermos procurando alguém que não só sabe de sua obsessão por fogo, mas também tem a cabeça de um assassino?

Não é preciso olhar para os dois individualmente se eles podem estar conectados, criando um assassino sádico.

Mas novamente, talvez Howard estava certo o tempo todo. Talvez o assassino está usando fogo como arma, mas não com a mente de um incendiário. Talvez, fogo seja só fogo.

- Te ajudei? – Sloane perguntou.

- Acho que sim. E mesmo que eu odeie ter que receber o seu café da manhã e sair correndo...

- Corra – Sloane disse, com um sorriso de entendimento. – Vá atrás desse cara, Detetive Black.

Assentindo, Avery deixou o escritório de Sloane com as engrenagens de sua mente já em funcionamento. Ela foi até seu próprio escritório no piloto automático, enquanto começava a colocar as peças no lugar em sua cabeça.

Quando chegou a sua mesa, já tinha certeza de que sabia exatamente o que estava procurando—e que dois arquivos em particular em sua mesa a ajudariam nisso.

Em suas buscas, Avery havia recebido arquivos baseados em pessoas com um histórico de incêndios e depois um conjunto completamente diferente de arquivos baseados em pessoas que haviam trabalhado em crematórios e sido demitidas por razões questionáveis. Mesmo que tivesse feito *alguns* cruzamentos, ela não havia feito nada a fundo porque estivera muito certa de que incêndios não tinham ligação com aquilo.

Ela buscou os dois arquivos que haviam se mostrado mais interessantes quando fizera o cruzamento de referências. O primeiro era de uma mulher mais velha que havia trabalhado em um crematório entre 1989 e 2006. Ela não fora demitida, mas havia se demitido por razões de saúde. Voltara por alguns anos para trabalhar como recepcionista antes de se aposentar em 2012. Havia um registro de incêndio em sua ficha, mas era algo de 1986, quando fora presa por posse de maconha e ópio. O incêndio em questão fora especulado como, talvez, um incêndio acidental iniciado nos fundos da casa de um amigo que havia queimado a casa quase toda.

O segundo arquivo, no entanto, era bem mais interessante. Contava a história de um homem chamado Roosevelt Toms. Ele fora funcionário do crematório Everett Brothers entre 2006 e 2012. Fora demitido pelo que o arquivo dizia ser “opiniões profissionais diferentes dos proprietários”. Avery olhou novamente a outra pilha e não encontrou o nome dele no cruzamento de referências. No entanto, em seu arquivo do crematório, havia uma página adicional com informações anexadas. Era um breve documento, explicando que Roosevelt fora preso em 2001 por intenção de causar danos. Mais tarde, naquele ano, uma namorada dele ligara para a polícia para denunciar tendências suicidas nele, quando Toms trancara-se no sótão de seu apartamento.

Perto do fim do arquivo, uma pequena parte chamou a atenção de Avery e a fez levantar-se de sua mesa.

Quando trancou-se no sótão, Roosevelt tinha duas coisas consigo: um isqueiro e uma pequena lata de gasolina, proveniente do cortador de grama.

Bingo, Avery pensou.

Ela juntou os arquivos e buscou o número do crematório Everett Brothers. Passou pela porta e seguiu pelo corredor em direção ao estacionamento antes mesmo do telefone começar a chamar.

CAPÍTULO TRINTA

Avery logo pode perceber que Charles Everett estava apreensivo por ter uma detetive entrando em seu local de trabalho. Avery não entendeu muito bem porque aquele prédio era bonito e não tinha o ar mórbido e saturado do Wallace Funeral. Ela tentou lembrar a si mesma que eram apenas 8:40 da manhã quando entrou no escritório dele, e aquela provavelmente não era a maneira como ele queria iniciar seu dia.

- Obrigada por me receber – Avery disse.

- Sem problemas – ele respondeu. – Mas tenho que admitir... Eu esperava passar o resto da minha vida sem ouvir o nome de Roosevelt Toms. Todo mundo aqui sempre o chamava de Rosie... ele odiava e isso o tirava do sério. Porque não tinha nada de “Rosie” nele.

- Você me falar um pouco sobre ele?

- Bom, meu irmão que contratou ele morreu há cinco anos, Deus o tenha. Mas eu vi algumas coisas que Rosie fez. Ele trabalhava duro e parecia realmente se preocupar com os corpos que chegavam aqui. Além disso, se nós estivéssemos apertados e precisássemos de alguém para trabalhar durante os funerais, ele era ótimo em consolar as pessoas. Mas sendo sincero... sempre houve algo nele que parecia errado para mim. Era uma dessas pessoas que começam a te assustar quando você passa muito tempo com elas.

- De que maneira? – Avery perguntou.

- Não sei exatamente. Ele às vezes tinha esse olhar vazio, como se estivesse pensando profundamente em algo que ele não queria que você soubesse o que era. E tinha vezes em que eu o via apenas olhando para o falecido... não de um jeito triste, mas... não sei. Quase como uma criança dos anos iniciais olha para um sapo antes de coloca-lo na dissecação. Você me entende?

Ou como um gato no porão de Phillip Bailey, Avery pensou. Era um pouco alarmante como esses tipos de pessoas estavam começando a se conectar na cabeça dela.

- E por que ele foi demitido? – Avery perguntou. – A única explicação que eu tenho é “opinião profissional diferente dos proprietários”.

- Foi a coisa mais estranha... sempre que podia, ele tentava levar nossos clientes para longe da cremação. Ele os dizia que enterrar era uma maneira mais natural para respeitar os corpos. E era muito veemente nisso.

É algo novo a se considerar, ela pensou. Alguém usando fogo como mais do que uma arma, mas quase como um castigo rancoroso—alguém que não necessariamente gosta de fogo.

- Alguma ideia do porquê ele começou a fazer isso? – Avery perguntou.
- Não. Mas se tornou chato. Ele começou a nos dar lições sobre isso. Até que um dia foi demais. E nós o demitimos.
- Ele teve algum ato hostil quando vocês comunicaram a demissão?
- De maneira nenhuma – Charles disse. – Na verdade, ele foi totalmente educado. Até ligou e se desculpou meses depois.
- Mas você disse que não havia nada “Rosie” nele.
- Disse. Mesmo naquela ligação em que quis se desculpar, ele conseguiu nos irritar. A voz dele era monótona. E ele parecia estar fazendo algo— como se estivesse escondendo algo de nós e estivesse tendo muito prazer nisso.

Talvez ele quisesse voltar, Avery pensou. Talvez algo sobre o fogo o atraia de volta... talvez ele percebeu que esse tipo de trabalho poderia ajuda-lo em qualquer plano maluco que ele estivesse criando.

- Senhor Everett, você sabe onde eu posso encontrar Roosevelt Toms? Não temos o endereço atual dele nos registros.
- O último endereço que eu tenho dele é o do apartamento onde ele morava. Mas eu sei que ele se mudou de lá logo depois de ser demitido daqui.

Avery pensou sobre as informações no arquivo. Pensou sobre o homem que Charles Everett havia descrito para ela, subindo ao sótão com um isqueiro e gasolina. Aquela cena, junto com o que ela havia acabado de escutar sobre ele, a fazia pensar que ela poderia finalmente estar no caminho certo.

- Há algo sobre parentes próximos ou contatos de emergência? – Avery perguntou.
- Sim, posso conseguir essas informações para você, mas lembre-se que elas serão de pelo menos quatro anos atrás.
- Vai ser um bom começo. Obrigado, senhor Everett.
- Por nada – ele disse e começou a digitar senhas em seu notebook. Trabalhou rapidamente, olhando para Avery enquanto digitava. Levou menos de trinta segundos para encontrar a informação que procurava. Quando as abriu na tela, imprimiu uma cópia em uma impressora velha. Pegou a única folha de papel impressa e entregou a Avery.

- Aqui está – ele disse. – Espero que seja útil. – Ele pausou por um momento com uma expressão pensativa e perguntou. – Posso te perguntar uma coisa, Detetive?

- Claro.

- Vi algo no jornal ontem à noite... uma história sobre um assassino que parecia estar queimando suas vítimas, algo próximo a uma cremação. Rosie está sendo procurado por isso?

- Lamento não poder discutir detalhes do caso com você – Avery disse.

- Ah, eu entendo – Charles disse. Mas seus olhos mostraram que a resposta padrão que ela o entregara já havia respondido a pergunta. – Desejo sorte no caso.

- Obrigada.

Ela saiu do escritório, segurando forte o papel. Quando saiu do crematório Everett Brothers, não percebeu quão sufocada havia se sentido até estar de volta ao ar livre. Mesmo que o lugar fosse arejado, limpo e em sua maioria alegre, Avery esperava nunca ter que pisar em outro crematório até que fosse seu próprio corpo deitado na maca.

CAPÍTULO TRINTA E UM

O endereço que Avery recebera era de uma mulher chamada Debbie Toms, listada como “mãe” na lista de contatos de emergência de Charles Everett. A casa ficava em um bairro de classe média da cidade. A parte da frente era rodeada por um modesto canteiro de flores, enquanto uma pequena fonte para pássaros ficava logo ao lado.

Avery bateu na porta por cinco minutos, sem resposta. Ela não tinha idades exatas para fazer as contas, mas imaginava que havia uma boa chance de que Debbie ainda não fora aposentada e estivesse trabalhando. Ela ligou para o A1 por ajuda e ouviu um pedido da recepcionista para que esperasse enquanto ela transferia a ligação.

Black ficou mais do que surpresa quando Ramirez entrou na linha. Quando escutou sua voz, ela parou por um momento, incerta sobre como proceder.

- Ei – ela finalmente disse.

- Ei, você – ele respondeu. – O que você precisa?

Ele foi direto ao ponto, deixando muito claro que não tinha interesse em falar com ela sobre qualquer coisa além do trabalho.

- Preciso de informações sobre uma mulher chamada Debbie Toms, especialmente o atual local de trabalho dela.

- É para o caso do fogo?

Ela suspirou, sem querer entrar no assunto com ele. Lembrou a si mesma que até onde Ramirez, O’Malley e Connelly sabiam, Phillip Bailey era o culpado e estava sendo mantido sob custódia.

- Você pode simplesmente me ajudar nisso, por favor? – Avery perguntou.

- Tudo bem. Alguém vai te ligar assim que possível.

- Obrigada – ela disse, mas a ligação foi encerrada antes que a palavra saísse de sua boca.

Bom, se eu não maltratei ele o suficiente antes para afasta-lo, com certeza eu dei um jeito nisso ontem à noite.

Avery voltou para seu carro e olhou para o material que tinha sobre Roosevelt “Rosie” Toms novamente. Ela sabia que não havia nada realmente útil ali, mas queria firmar as informações na mente.

Enquanto lia, seu telefone tocou. Novamente, surpreendeu-se ao escutar Ramirez no outro lado. Ela tinha certeza de que ele iria pedir para outra pessoa encontrar o endereço procurado.

- Tenho a informação para você – Ramirez disse sem nenhum tipo de cumprimento. – Debbie Toms trabalha como empacotadora em um centro de distribuição. Parece um trabalho dividido em turnos.

- Você pode me dar o endereço?

- Sim, e escute... eu te liguei de volta porque... vou pedir para O'Malley me colocar em outra coisa hoje. O Agente Duggan não está aqui porque ele está convencido de que Bailey é culpado, também. Então estou sozinho de novo. Não vou falar para O'Malley o que você está fazendo agora porque isso pode irrita-lo. Tem um possível sequestro que foi reportado hoje de manhã. Vou ver se consigo fazer algo sobre isso.

- Um sequestro?

- Sim. Uma mulher desapareceu. Sophia Lesbrook. É um caso interessante porque o marido dela morreu meses atrás. Há uma especulação de que a morte dele pode estar ligada com o sumiço dela.

- Certo, boa sorte nisso. Me avise se você precisar de—

- O que foi? – Ele perguntou.

É longe demais, Avery pensou antes de responder. Mesmo assim, imaginou que valia a pena perguntar.

- Você sabe como o marido dela morreu?

- Acidente de carro. Ficou no hospital algumas horas, mas já não tinha chances pelo que eu soube. Por que?

- Onde ele foi entererrado?

- Que tipo de pergunta é essa?

- Você pode só me responder?

- Espere aí – ele disse. – Espere. Tenho os arquivos aqui. Bem, ele não foi enterrado. Foi cremado e... ah, Avery. *É longe demais*. É mais do que longe. É quase impossível.

- Você pode investigar isso para mim? – Ela perguntou.

Ele suspirou, como se dissesse sim.

- Investigar o que?

- Keisha Lawrence e Sarah Osborne. Veja se elas tiveram pessoas amadas que morreram no último ano ou por aí. E se houve mortes, se eles foram enterrados ou cremados.

- Você está falando sério? – Ele perguntou. Mas mesmo com a pergunta, ela sabia que ele faria a pesquisa. Podia ouvir a animação em sua voz.

- Sim, estou. Você pode fazer isso por mim?

Mais uma vez, ela ouviu um suspiro pesado do outro lado.

- Falo com você assim que tiver resultados.

- Obrigada, Ramirez.

- De nada.

A ligação foi encerrada e Avery considerou o “de nada” como sendo um final conversa bem melhor do que o anterior. Em poucos segundos, como prometido, ele a enviou uma mensagem com o endereço do centro de distribuição onde Debbie Toms trabalhava. Era quase como se ele estivesse ao lado dela, a ajudando novamente.

Com as coisas começando a se tornar um quebra-cabeça mórbido em sua mente, Avery colocou o endereço no GPS. Finalmente, sentiu que estava chegando a algum lugar. Estava tão certa disso que por pouco não ligou as sirenes enquanto corria através da cidade para descobrir se seus palpites estavam certos.

O centro de distribuição era um labirinto enorme. Sem a recepcionista para leva-la pelas muitas pilhas de mercadoria sendo enviadas, Avery nunca teria conseguido encontrar Debbie Toms. Quando conseguiu, Debbie estava trabalhando em esteiras transportadoras que enviavam as mercadorias para muitas outras esteiras para depois serem divididas nos caminhões de entrega. A recepcionista falara com o supervisor de turnos, que então levara Avery até a mulher, ao fim da esteira.

Debbie Toms era uma pequena mulher que provavelmente parecia ser mais velha do que realmente era. Havia um leve mancar em sua postura e, em seu rosto, parecia que os músculos ao redor da boca haviam sido congelados em uma carranca permanente.

O supervisor fez um gesto em direção a Debbie como se dissesse “ela é toda sua agora”, e depois voltou a seu local de trabalho. Avery aproximou-se dela, sentindo-se quase triste pela mulher. Imaginou que ela tivesse entre sessenta e sessenta e cinco anos—e aquele era o tipo de trabalho que uma mulher daquela idade aceitava apenas porque tinha muito pouco dinheiro de aposentadoria para receber.

- Meu nome é Detetive Avery Black – Avery disse. – Preciso falar com você um pouco. Seu supervisor nos ofereceu o escritório dele.

Debbie Toms não disse nada em um primeiro momento. Apenas olhou para onde estava seu supervisor, que caminhava para o outro lado, e virou os olhos.

- Ok – ela finalmente disse. – Mas posso perguntar o que é isso?

- Sou da Divisão de Homicídios da Polícia de Boston. Estamos trabalhando a fundo em um caso em que o nome do seu filho apareceu.

Novamente, Debbie virou os olhos.

- Roosevelt, porra – ela disse. – Vamos, vamos logo com isso então.

Elas chegaram ao pequeno e um pouco fedido escritório do supervisor três minutos depois. Nenhuma das duas se sentou, ainda que as costas de Debbie parecessem estar gritando por um descanso.

- Você não pareceu surpresa quando eu mencionei seu filho – Avery disse.

- Não mesmo – Debbie respondeu. – Ele nunca foi um problema de verdade, que eu saiba. Mas ele é do tipo que é como uma bomba. Sabe, um dia ele simplesmente estoura. Sinto isso nele desde que ele tinha dezesseis anos e brigou na escola. Claro, eu não falo com ele faz cinco anos, então o que eu vou saber?

- Ele já foi preso até onde você sabe?

- Ele ficou duas noites preso quando tinha vinte e cinco anos, por aí, por causa da bebida e mau comportamento. E teve uma vez que os policiais estavam atrás dele por alguns crimes relacionados a incêndios. Mas não... nada sério.

Incêndio, Avery pensou. Continua aparecendo. Talvez exista uma razão para que eu não desista dessa pista.

- Desculpe a pergunta, mas por que faz tanto tempo que vocês não se falam?

- Ele se envolveu com uma garota que machucou o coração dele – Debbie disse. – A maioria dos garotos volta para casa depois disso, sabe? Mas Roosevelt foi o oposto. Ele foi viajar... quase sempre pelos Estados Unidos. Quando ele voltou e sossegou, ele não queria nada comigo. E como mãe, eu odeio dizer isso... mas eu nem dei bola. Ele tinha mudado, de alguma maneira. Estava mais *sombrio*, se isso faz algum sentido.

- Nós temos algumas coisas nos registros dele sobre possível envolvimento com incêndios, como você disse. Você se lembra dele ter

algum tipo de obseção por fogo quando era menor?

- Não que eu lembre. Ele costumava queimar coisas no quintal. Bonecos do G.I. Joes, figuras do He-Man, carrinhos, coisas assim. Mas eu achava isso normal para um garoto da idade dele.

Esses podem ser os primeiros passos para quem queima animais, Avery pensou. E talvez até corpos humanos em algum tipo de câmara de fogo escondida.

- Você por acaso sabe onde ele mora agora? – Avery perguntou.

- Não faço ideia. Sei que ele tinha um trabalho por aqui por um tempo, em um crematório. Estava morando em um apartamento aos pedaços até então. Mas não tive notícias dele desde então. Encontrei um antigo amigo dele uns meses atrás que disse que tinha certeza que ele estava morando em algum lugar do Texas.

- Entendi – Avery disse, sentindo sua pista desmoronar aos poucos. Ela estava prestes a fazer outra pergunta, algo que pudesse ligar Roosevelt Toms de volta à área de Boston, quando seu telefone tocou. Ela olhou para a tela e viu o nome de Ramirez. – Desculpe – disse para Debbie. – Tenho que atender. Só vai levar um minuto.

Debbie assentiu, sem se importar. Avery saiu da sala e colocou o dedo no ouvido para diminuir o barulho do maquinário na fábrica.

- Que bom que você ligou – Avery disse ao invés de “Alô”. – Preciso que você faça todas as buscas possíveis sobre Roosevelt Toms. Existe uma boa chance dele estar morando no Texas e ele tem um passado estranho.

- Ok, posso fazer isso – Ramirez disse. – Mas antes, deixe-me te dar notícias novas.

Seu tom de voz mostrava excitação. Ou ele estava querendo deixar as marcas da noite passada para trás ou tinha descoberto algo que mudara sua atitude.

- O que você encontrou? – Avery perguntou.

- Para começar, a identidade da terceira vítima. O nome dela é Mary Sawyer, quarenta e um anos.

- Algum familiar? – Avery perguntou.

- É aí que a coisa fica boa – Ramirez disse. – Porra, Avery, você estava certa. Nós regredimos e investigamos as outras vítimas a fundo. Keisha Lawrence perdeu a mãe cerca de cinco meses atrás, câncer de mama. Eles eram uma pequena família e Keisha cuidou dos últimos detalhes. A mãe dela foi cremada e as cinzas jogadas em algum lugar em uma praia na Carolina do

Norte. Depois temos Sarah Osborne. Estranha demais. Era muito jovem para ter que tomar a decisão de cremar alguém. Mas quando o cachorro Golden Retriever dela morreu esse ano, ela o cremou. Pelo que eu sei, as cinzas do Fido ainda estão em uma pequena urna em uma pilha de caixas que foi tirada do apartamento dela depois que ela morreu.

- Meu Deus – Avery disse. – E essa outra mulher, Mary Sawyer?

- Um irmão... morreu do coração aos cinquenta e dois anos. Foi cremado nove semanas atrás.

- E a mulher que sumiu da qual você estava falando, Sophia Lesbrook – Avery disse. – O marido dela foi cremado.

- Sim, estamos assumindo que não pode ser uma coincidência. Estamos montando uma equipe para vasculhar a casa dela agora mesmo.

- Muito bom. Enquanto isso, por favor veja se você consegue informações sobre Roosevelt Toms—talvez sob o apelido de Rosie. Se ele estiver no Texas, podemos elimina-lo. Mas se houver alguma dúvida sobre a localização, ele pode ser nosso assassino.

- E se Sophia Lesbrook é mesmo a próxima vítima – Ramirez disse – isso mostra que Phillip Bailey é inocente, porque ele está sob nossa custódia por pelo menos doze horas.

- E mais importante – Avery disse – isso prova que nosso assassino ainda está aí fora.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Sophia Lesbrook voltou a si lentamente. Era quase como acordar de um sonho muito ruim. Havia apenas dor junto com o medo. Era uma dor que começava do lado direito de sua mandíbula e parecia traçar o caminho inteiro até suas costas. Ela sentiu o gosto de sangue em sua boca e alguma coisa ali dentro parecia estranha. Inclinou a cabeça para o lado direito vagarosamente e percebeu que a metade inferior do lado direito de seu rosto estava muito inchada.

Foi quando lembrou da imagem passageira do homem em seu quarto. Ela não fazia ideia de onde ele tinha vindo e, pelo que lembrava de quando ainda estava ciente quando ele chegara, já era muito tarde.

Ela abriu os olhos rapidamente, em um movimento que pareceu aumentar ainda mais a dor em seu rosto.

Estava em uma sala que parecia um tipo de porão. Estava deitada no chão de concreto frio. Havia uma luz fraca no quarto. Ela viu através de sua visão turva que a luz estava vindo de uma pequena lâmpada em uma mesa do outro lado da sala. Um homem estava sentado na mesa, de costas para ela. Ele parecia muito concentrado em alguma coisa, mas ela não podia ver o que era.

Queria gritar, mas lutou contra o impulso. Fez o melhor que pode para olhar rapidamente para seu corpo. Seu rosto doía muito e a cada segundo que recuperava a consciência, ela começou a notar que a dor que tomava conta das suas costas também parecia estar em seu pescoço.

O gosto de sangue em sua boca era forte, mas ela não achava que o sangue vinha dali. Lembrando da imagem do homem em sua cama, logo imaginou se havia sido estuprada, mas não parecia estar prejudicada dessa forma. Com certeza, ele poderia ter feito muita coisa que não deixaria dor, mas a vaga certeza de que não havia sido estuprada era boa o suficiente para ela.

Então, o que ele quer?

Era uma boa pergunta. E não era uma pergunta da qual ela poderia ter resposta naquele momento. Ele ainda estava de costas e ela ainda não sabia o que ele estava olhando. O que ela *sabia*, no entanto, era que ele havia

começado a murmurar para si mesmo. Era uma voz aguda e urgente que a fazia imaginar se ele estava mentalmente descontrolado.

Então ela olhou para a sala em que estava. Sua cabeça estava em um canto distante, dando-lhe uma boa visão da sala. A poucos metros da sua cabeça havia uma porta grande. Havia uma fechadura estranha ao lado de fora e a forma de U a lembrava um freezer vertical do açougue que o avô dela tinha.

Na outra extremidade da sala, havia uma porta normal. Estava encostada, mas não completamente fechada. Na escuridão, do outro lado, ela podia ver o início de uma escada de madeira.

A ideia de correr e se salvar cruzou sua mente. Ele ainda estava de costas e estava preocupado. Como prova disso, ele continuava murmurando para si mesmo. Desta vez, ela escutou algumas palavras.

“ ... difícil pra cacete... e agora você matou a desgraçada... ainda posso queimar, mas e daí...?”

Ele pensa que eu estou morta, Sophia pensou. Eu poderia, realmente, pular em cima dele. Se eu mover minha bunda agora, eu posso chegar nas escadas antes dele sair da cadeira.

Mas ela também sabia que não conhecia o local além das escadas. Se ela pegasse uma direção errada, ele a alcançaria. E então talvez ele *poderia* mata-la... e de propósito desta vez.

É melhor me fingir de morta agora, Sophia pensou. Vou me fingir de morta até ter uma ideia melhor do que ele está fazendo... ou até quando eu souber que tenho vantagem sobre ele.

De repente, ele se virou na cadeira. Virou-se na direção dela, que fechou os olhos. Então, os abriu o mínimo possível. Ela mal podia ver ele ou o objeto que ele estava segurando na mão. Tinha quase certeza de que era algo como uma lata, alguma coisa que brilhava com a luz da lâmpada da mesa.

Ele estava olhando para ela, possivelmente a estudando. Ele não tinha falado alguma coisa sobre queimar? Será que estava a avaliando para alguma coisa?

Ela não sabia. Concentrou-se em respirar muito de leve, pronta para segurar completamente a respiração se ele se aproximasse para avaliá-la mais de perto.

Mas ele não o fez. Virou-se e colocou o objeto que estava segurando em cima da mesa. Começou a estudar outra coisa, colocando algo na mesa cuidadosamente. Enquanto ela o observava, ele puxou uma pequena caixa de

baixo da mesa. Empilhou mais caixas sobre a mesa. Era estranho... mas Sophia estava quase certa que era espuma ou algum tipo de isolamento usado na carpintaria colocado antes de instalar divisórias. Ela também viu uma pequena caixa no canto da mesa. Era amarela com o topo vermelho.

Aquilo é fluido de isqueiro?

O isolamento e fluido de isqueiro eram estranhos, com certeza... mas quando ela pode finalmente ver o objeto que ele colocou na mesa, seu coração quase parou e ela queria gritar novamente.

Era uma urna.

E ela tinha certeza que aquele homem não estava falando sozinho o tempo todo. Sophia tinha certeza que ele estava falando com a urna.

Meu Deus, ele é louco.

Ela começou a tremer e até sentiu um grito subindo em sua garganta. Se ela soltasse qualquer gemido, ele saberia que ela estava viva e então... bem, ela não sabia o que podia acontecer.

Então ela fechou os olhos e se fingiu de morta. A escuridão era menos assustadora que as ações estranhas dele. Mas quanto mais ela tentava, menos conseguia; precisava abrir os olhos para ver o que ele estava fazendo.

De vez em quando, seus olhos olhavam para a urna dourada na ponta da mesa. Ter ouvido o homem falar sobre algo queimar enquanto segurava uma urna era muito ruim. Mas ter uma certeza quase sobrenatural do que estava dentro da urna foi o que fez o coração de Sophia acelerar e sua mente tremer com a certeza de que ela não poderia se fingir de morta por muito tempo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Quando Avery voltou ao A1, a sala de conferências e quase toda a área de homicídios estavam movimentadas e completamente agitadas. Pessoas que pareciam confiantes e quase entediadas no dia anterior agora andavam pelas paredes cheios de excitação e energia. Assim que Connelly a viu caminhando em direção a seu próprio escritório, ele a parou no meio do corredor.

- Olhe – ele disse, sorrindo. – São coisas *assim* que tornam você alguém tão frustrante para trabalhar e ao mesmo tempo a principal candidata para se tornar sargento. Tem tanta excitação por aqui que O’Malley não está nem tão bravo com você por ter ido contra as ordens dele *de novo*.

- Qual nossa posição?

- Não sei direito. Continuamos recebendo informações dos dois lados— as vítimas tendo cremado pessoas amadas em um passado recente e também possíveis localizações de Roosevelt Toms. Temos inclusive alguns analistas do FBI nos ajudando remotamente. Duggan também está de volta ao A1. O FBI está sendo realmente generoso nessa... nos provendo recursos sem tentar tirar o caso de nós... *ainda*.

Eles caminharam enquanto conversavam, indo até a sala de conferências, onde ambos sabiam que O’Malley estaria fazendo seu melhor para controlar as coisas. Quando entraram, ela viu que O’Malley estava rabiscando algo no quadro branco da sala. Um dos agentes de dados estava digitando algo em um notebook enquanto Finley estava ocupado tentando conectar uma ligação via Skype no projetor na parede oposta ao quadro branco. Ela também viu Ramirez quando encontrou um lugar no fundo da mesa. Ele a cumprimentou com um gesto e nada mais.

Avery escutou algumas conversas aqui e ali e todos pareciam estar pensando a mesma coisa: ainda não havia respostas definitivas. O único fato positivo que ela escutou foi que Phillip Bailey fora liberado e encaminhado para um psiquiatra e já não era mais considerado suspeito.

Quando a sala estava lotada com cerca de quinze pessoas, O’Malley limpou sua garganta e chamou por ordem. Depois, olhou para o Agente Finley e perguntou.

- Tudo pronto?

- Sim, senhor. Estamos prontos.

Então, Finley projetou uma aba de Skype na tela na parede. Um homem que Avery nunca vira antes estava na tela, parecendo tão animado quanto todos na sala com ela.

- Você está online, Agente Lewis – Finley disse.

- Ok – Lewis disse. – Sou o Agente Don Lewis do FBI. Estou liderando a equipe de dados e análises, tentando encontrar Roosevelt Toms. Temos outros cinco agentes trabalhando nisso e, até agora, depois de duas horas, não encontramos nada. Temos muitas pistas que não deram em nada, e não há um endereço definitivo encontrado nos registros. É quase como se o homem desapareceu.

- Como isso é possível? – O'Malley perguntou da ponta da mesa.

- Bom, ele pode estar morto, por exemplo. Eu sei que isso acabaria com a hipótese da sua equipe, mas é uma opção a ser considerada. Também existe a chance dele estar vivendo com um nome falso. Dado seu passado, acho que é algo possível também. E se esse for o caso, nós podemos encontra-lo, mas vai ser bastante difícil. Temos uma foto dele—de uns cinco anos atrás, mas deve ajudar.

Lewis mostrou uma impressão colorida do que parecia ser uma foto de perfil do Facebook para todos na sala. Avery a olhou, gravando o rosto na memória.

- Pelo que sabemos, essa foto é de anos atrás, tirada ingenuamente por alguém que trabalhava com ele enquanto ele estava sendo investigado.

- Pode ter certeza – O'Malley disse – temos uma equipe de oficiais e detetives trabalhando nisso aqui, também. Se precisar de qualquer coisa, é só nos falar.

- Perfeito – Lewis disse. – O FBI está levando esse caso muito a sério. Se não houver nenhuma prisão nas próximas horas eu espero muito que pelo menos mais um agente apareça por aí. Acredito que o Agente Duggan está ajudando, certo?

- Sim – O'Malley disse, se limitando a uma palavra.

- Sim... bem, nos diga como podemos ajudar.

- Tudo bem – O'Malley disse. Avery sorriu porque sabia que a última coisa que O'Malley queria era outro agente do FBI no meio do A1. – Obrigado, Agente Lewis.

Depois, Finley finalizou a chamada e todos os olhos se voltaram a O'Malley.

- Bem, vocês escutaram – ele disse. – Estamos basicamente procurando um fantasma quando se trata de Roosevelt Toms. Além disso, podemos agora confirmar que as três cremações dos familiares das vítimas que estamos investigando *não* foram feitas no mesmo crematório, eliminando essa possível conexão.

- Temos algo sobre proprietários de apartamentos ou inquilinos?

- Temos detalhes de dois e todos eles nos deram um endereço no Texas que não nos levou a lugar nenhum – O'Malley disse. – Se Roosevelt Toms está mesmo lá, ele está escondendo seus passos muito bem. Odeio dizer isso, mas nesse ponto, estamos caçando um sniper. Temos que sair pelas ruas, fazer ligações que provavelmente não vão dar em nada, e torcer para ter sorte. Black, você tem algo mais a dizer?

Ela sabia que todos estavam a olhando. Era um sentimento que não a atingia, mas com o qual não conseguia se acostumar. Havia respeito na maioria dos olhos que a olhavam, e até um pouco de ansiedade e agitação. Aquilo a fez sentir que o caso dependia do que ela decidiria fazer em seguida—e Avery se sentia bem com isso.

Acho que chegou minha hora, ela pensou. Talvez esse seja algum tipo de teste de O'Malley para ver se ele está certo sobre me oferecer uma posição de sargento.

- Pode ser uma boa ideia mandar alguns carros nos lugares anteriores onde os restos foram encontrados – Avery disse. – Se ele está usando fogo como algum artifício simbólico e tem uma mente de incendiário, há uma boa chance de que ele revise as cenas dos crimes por algum tipo estranho de motivação ou nostalgia.

- Vou mandar dois carros para fazer isso agora – O'Malley disse. – Alguém mais?

O silêncio ao redor da mesa foi a única resposta. O'Malley esperou menos de dois segundos antes de bater uma palma.

- Então é isso. Cada um de vocês será notificado se algo novo aparecer. Por agora, vão lá e cacem esse babaca.

Todos saíram da sala rapidamente, como se estivessem em uma simulação de incêndio. Avery percebeu que Ramirez estava voltando, indo devagar em direção a ela. Ele parecia muito confiante e ela o admirou por isso. Parecia que ele estava mantendo a pose profissional e tentando esquecer como ela tinha o tratado quando o assunto era a relação dos dois. Ele deveria ter se esforçado muito para isso.

Ele parou perto dela. Manteve contato visual e a fez sentir uma batida no peito. *Confio nesse cara*, ela pensou. *Confio nele minha vida e tenho muita sorte por ele querer algo comigo além do trabalho.*

- O que você precisa que eu faça? – Ele perguntou.

Avery imaginou se aquele era o jeito dele de perguntar se ela precisava dele a seu lado. Ela quase disse exatamente isso, mas acabou colocando o trabalho à frente do coração—a mesma atitude que a fizera explodir com ele por duas vezes nos últimos dois dias. Mas desta vez, ela tinha certeza que ele tinha gostado.

- Sinceramente, eu não sei. Tudo o que temos para fazer agora são buscas e eu odeio desperdiçar seu talento nisso.

- Escute, me coloque onde você precisa de mim. Está tudo bem por mim.

- Pensei que você poderia investigar mais a fundo essas três cremações. Talvez tenha algo a mais sobre os familiares que as conectem—não só umas às outras, mas ao assassino também.

- Então você quer que eu fale com outros membros da família.

- Acho que pode ser uma boa ideia. Pode até—

- Detetive Black? – Alguém disse atrás dela.

Ela virou-se e viu o Agente Duggan entrando rapidamente na sala, passando pelos últimos agentes que estavam de saída. Ele estava segurando seu telefone e apontando em direção a ela.

- Agente Duggan – ela disse. – O que foi?

- Recebi esse e-mail dois minutos atrás – ele disse. – É uma pista pequena, mas é uma pista. Eu mandei alguém entrar em contato com a namorada que estava morando com Tons quando ele ameaçou se suicidar. Isso não nos levou a nada, mas conseguimos o nome e localização de um homem que foi colega de quarto dele por seis meses. Esse cara, aliás... preso em 2009 por pequenos incêndios.

- Ele ainda está por aqui? – Avery perguntou.

- Está, de acordo com suas contas de luz e internet. Mas o estranho é que existem pedaços faltando na história dele, também.

- Bom, é uma boa pista. Você pode me mandar as informações dele?

- Posso, mas acho que seria melhor se eu ficasse ao seu lado nessa.

Merda, ela pensou. Mas pensou em uma desculpa rápida, esperando que ele aceitasse. Ela não tinha muita experiência com agentes do FBI mas, pelo que sabia, eles tendiam a ter egos enormes quando era solicitado que trabalhassem com profissionais de cargos mais baixos.

- Se fosse mais do que apenas um colega de quarto de seis meses, eu concordaria – ela disse. – Mas acho que eu dou conta disso. Eu preferiria que você ficasse aqui para caso algo maior aparecer. Enfim, mas a escolha é sua.

Duggan pensou por um momento e assentiu.

- Bem pensado. Vou ficar aqui. Mas gostaria que você me ligasse se isso vier a nos trazer algo novo.

- Com certeza – Avery disse, sem intenção alguma de cumprir o pedido.

- Boa sorte por lá – Duggan disse, voltando a olhar para seu telefone. – Estou te mandando as informações agora mesmo.

- Obrigada – ela respondeu.

Ele assentiu e a cumprimentou com um gesto antes de sair da sala.

Quando ele se foi, Ramirez sorriu e balançou a cabeça.

- Você não quer um agente do FBI a sua volta? - Perguntou.

- Senhor, não!

- E um parceiro-amante-chato?

Ela se envergonhou e tentou não ficar vermelha. Então, pegou na mão dele e deu um aperto rápido.

- Eu acho mesmo que é uma boa ideia você conversar com os familiares. Não estou esperando muito dessa minha visita. Mas quando você terminar, me ligue. Vou te encaminhar essas informações para caso você não encontre nada e tenha tempo para se juntar a mim.

- Tem certeza?

- Sim – ela disse. – E escute... sobre o que eu falei ontem à noite... nossa, nas últimas *duas* noites...

- Nem comece - ele disse. – Não agora. Você estava certa ontem.

Trabalho e prazer têm que andar separados. Eu poderia explicar para você porque isso é tão difícil para mim, mas isso é pequeno e não tem importância comparado ao que estamos passando no trabalho. Então vá. Vá até lá e traga esse cara.

Se O'Malley não estivesse atrás deles olhando para o quadro branco, Avery teria o beijado naquele momento.

- É sério – ela disse. – Me ligue para contar o que você encontrar. Se não achar nada, quero você ao meu lado pelo resto dessa história.

- Certo – ele respondeu, sorrindo. Aquilo a fez perceber que ele havia a perdoado e ainda se preocupava com ela. Ele tinha deixado ela saber que amaria estar ao lado dela, não importava como.

Aquilo também a fez perceber que ele confiava plenamente nela—e que ela terminaria encontrando o assassino e o derrubando.

E daquela maneira ela saiu da sala e caminhou, quase correndo, mais determinada do que nunca a encontrar o assassino antes que ele fizesse mais uma vítima.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

A informação que Duggan a forneceu foi breve e precisa. Isso a fez perceber que, embora o envolvimento do FBI parecesse tedioso e quase invasivo, eles sabiam como ir direto ao ponto. Isso a fez pensar se ela teria sido capaz de descobrir aquilo sem a agência.

A informação que ele a enviou dizia que o companheiro de quarto de Roosevelt Toms por seis meses e duas semanas se chamava Jason Inge. Ele tinha trinta e nove anos e trabalhava como reparador de carros, especializado em lataria personalizada e design de pintura. Ele morava em uma região calma, a cerca de três quilômetros da área de Dorchester. O incêndio que Duggan mencionou eram na verdade dois: um para queimar um playground aos dezesseis anos e outro aos vinte e três anos quando ele e um amigo tentaram queimar um bar abandonado num porão, aparentemente só para se desfazer dele. Desde 2005, não havia acusações contra ele. Ele, na verdade, parecia um cidadão respeitável que doava dinheiro à polícia e Boston no fim de todo ano desde 2009.

Avery leu tudo novamente depois de estacionar em frente à casa de Jason Inge. As acusações de incêndio obviamente o tornaram um suspeito, mas o restante do material não a fazia sentir que valia a pena estar ali. Ainda assim, fez sua obrigação e saiu do carro. Eram 5:37 da tarde e ela esperava que havia dado a ele tempo o suficiente para estar para casa, considerando que seu trabalho de reparador ia das nove às cinco.

Ela subiu a calçada até a pequena casa de dois andares. Parecia bucólica, com suas persianas vermelhas, varanda impecavelmente limpa, e gramado cortado recentemente. Quando subiu os degraus da varanda, sentiu quase como se estivesse invadindo o lugar.

Não havia nenhuma campainha, apenas uma aldrava de ferro na porta da frente. Ela o levantou e bateu, três vezes. Quando ninguém atendeu depois de trinta segundos, bateu novamente. Sem resposta, imaginou que Jason Inge ainda estava trabalhando. Olhou para a estrada e viu o caminhão estacionado quase na frente da casa. Quase chamou Ramirez para pedir que ele verificasse a placa, mas percebeu que poderia checar melhor antes de incomodar alguém.

Ela saiu da varanda e caminhou de volta para a calçada. Viu que o caminhão – um Toyota pequeno – estava trancado. Não havia nada incriminador para ser encontrado em uma discreta olhada pela janela do passageiro. Voltou-se para a casa e olhou o pequeno jardim. Um trecho de grama no lado direito da casa levava a um quintal enquanto uma cerca de piquete separava o lado esquerdo do jardim do vizinho.

Caminhou para a direita e ao longo da casa. Enquanto fazia isso, tentava ouvir algum sinal de conversa, música, ou uma televisão fazendo barulho. Mas não ouviu nada além dos seus próprios passos na grama. Quando chegou na parte de trás da casa, encontrou mais do mesmo: um jardim limpo e vivo, uma pequena varanda atrás com churrasqueira, e escadas de concreto na extremidade direita que ela imaginou que levavam a um porão.

Mesmo o simples pensamento sobre um porão a lembrou de Phillip Bailey e com isso, não pode ignorar a casa simplesmente porque parecia que não havia ninguém ali. Caminhou em direção às escadas do porão e, pelo caminho, notou uma lixeira verde da cidade escondida bem ao lado do canto do pátio. Uma lata de reciclagem azul da cidade estava bem ao lado.

Com as sobranceiras franzidas, Avery rapidamente abriu a tampa da lata verde. Um saco de lixo branco estava no topo, em cima de outro saco idêntico. Havia pequenos pedaços de lixo entre os dois: correspondências indesejadas, um caixa de leite, e—

Seus olhos pararam na caixa de leite. Havia uma camada de poeira que se parecia muito mais com cinzas. O mesmo resíduo cinza também estava no saco de lixo branco no fundo da caixa. Ela foi até lá e removeu o saco superior.

A visão de pequenos ossos caindo pelo lado da lata quase a fez pular para trás. Lá, misturados com o que eram incontestavelmente cinzas, estavam os ossos de algum tipo de animal. Mas adiante ela viu a parte de trás de algum outro animal. Sua pele foi queimada até quase no osso, mas sua longa calda deixou claro que se tratava de um gato.

Ela também viu uma camiseta lá embaixo. Estava amassada e enrolada, mas podia ver que era rosa claro. Pelo que podia ver do colarinho, a camiseta era curta – e era quase certa que não se tratava de uma camiseta masculina.

Agora preocupada, ela seguiu em frente e derrubou a lata de lixo. Quando fez isso, uma nuvem de poeira subiu. Mas ela sabia, não era poeira.

Eram cinzas. Enquanto aquilo se espalhava pelas suas calças, ela deu um passo atrás. Ajoelhou-se e olhou o fundo da lata.

Havia mais cinzas no fundo—uma pilha, na verdade.

Ela olhou para a varanda dos fundos com os olhos arregalados, quase esperando que alguém estivesse lá. Mas a varanda estava vazia. Ela estava sozinha.

Olhou de volta para a lixeira, vendo todas aquelas cinzas.

A camiseta também estava fora. Avery podia claramente ver que era uma camiseta feminina. E havia sido rasgada por baixo até o colarinho.

Seu coração batia forte.

Este não era o endereço do colega de quarto dele.

Era o endereço *dele*.

Um nome falso.

E lá estava ela, sozinha.

Com uma firmeza surpreendente na mão, pegou o telefone. Buscou o número de Ramirez como que por instinto e colocou o telefone na orelha.

Ele atendeu no primeiro toque. Ouvir sua calma e confiança a aliviou um pouco.

- Ei - ele disse. – tudo bem?

- Estou na casa de Jason Inge. Ninguém está atendendo a porta, mas tem um caminhão estacionado em frente à casa. Espiei uma lixeira ao redor da casa. Tem uma série de ossos pequenos, que parecem ser de um gato parcialmente queimado, uma grande quantidade de cinzas e algo que parece uma camiseta feminina. Agora que estou mais perto, eu acho que tem cheiro de alguma coisa... butano... fluído de isqueiro ou algo assim.

- Sério?

- Sim. Eu acho que pode ser—

Um som a sua direita a interrompeu. Era um grito... um grito agudo que foi rapidamente abafado. Ela não podia ter certeza, mas achava que estava vindo da direção das escadas do porão.

- Você ainda está aí? – Ramirez perguntou.

- Sim, acho que acabei de ouvir um grito vindo de dentro. Venha aqui o mais rápido que puder. Talvez traga algum reforço.

- Ok. Por favor, se cuide.

- Você me conhece - ela disse, e desligou o telefone.

Avery puxou sua arma e lentamente começou a descer as escadas do porão.

Foi quando ouviu um grito novamente, mais alto e mais em pânico dessa vez.

O passo lento de Avery se transformou em uma corrida quando ela alcançou as escadas do porão e foi em direção às portas onde os gritos continuavam, mais urgentes a cada segundo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

A porta do porão estava trancada, o que não chegou a ser uma surpresa. Avery não se deu o trabalho de empurrar com o ombro ou tentar chuta-la; se falhasse, estaria alertando o assassino de sua presença e ela sabia que o elemento surpresa poderia ser a única vantagem que ela tinha. Rapidamente, subiu os degraus de concreto para o quintal. Então, voltou para a varanda dos fundos, certificando-se de caminhar com cuidado, mas rapidamente.

Aquela porta também estava trancada, mas havia uma janela panorâmica nela para que quem estivesse dentro pudesse olhar para o quintal. Avery colocou os braços para trás, fazendo uma forma de V com os cotovelos, e empurrou o vidro com força. O vidro quebrando e o tilintar subsequente dos estilhaços caindo no chão lá dentro não foram tão altos; provavelmente não foram ouvidos por ninguém no porão.

Avery aproximou a mão cuidadosamente da janela quebrada. Ela teve que ficar na ponta dos pés para baixar a mão o suficiente para alcançar a maçaneta. Seus dedos a encontraram e ela virou a fechadura no sentido anti-horário, com cuidado para não se cortar nos fragmentos de vidro que restaram na vidraça. Com a porta destrancada, abriu, entrou e pegou sua arma, uma Glock 0,9mm que começava a ser uma extensão dela mesma.

Estava dentro de uma pequena cozinha. Havia um pouco de louça suja na pia e a pequena mesa da cozinha estava cheia de correspondências e papéis aleatórios. Avery ignorou aquilo, avançando pela casa. Quando saiu da cozinha e entrou na sala, ouviu um outro grito vindo de sua direita, inconfundivelmente abaixo dela.

Fora da sala de estar, havia um pequeno corredor que compunha o resto da casa. Ela checkou cada sala conforme passou, já que as portas estavam todas abertas. Havia dois quartos, um banheiro e uma dispensa. Havia uma última porta no final do corredor. Aquela porta estava fechada. Quando se aproximou, ela ouviu gemidos abafados por trás dela, fracos e quase inexistentes.

Se a porta estivesse trancada, ela teria que tentar derruba-la. Poderia até tentar explodir a maçaneta e destrancar com sua Glock, se entregando caso houvesse alguém lá embaixo. Estendeu a mão e virou a maçaneta. Instantaneamente relaxou quando a maçaneta girou.

Empurrou a porta aberta e viu escadas de madeira. Deu o primeiro passo para baixo, testando a força dos degraus, para descobrir se eles iriam ranger com o seu peso. Ao constatar que eram firmes, desceu o segundo degrau.

Abaixo dela, outro som de choramingo soou. Desta vez, Avery pode ouvir outra voz. Era uma voz masculina, mas suave e sombria.

- A dor é momentânea, eu acho. – ele estava dizendo. – Será muito melhor se você apenas aceitar. Vai acabar antes que você perceba.

- Por que? – a mulher perguntou, sua voz era apenas um tremor.

- Eu não acho que você entenderia. – o homem disse.

A conversa foi seguida por um barulho quase hidráulico. A mulher chorou em voz alta com um breve grito.

Avery desceu mais dois degraus – havia mais dez. Ela viu que perto do fundo, havia um espaço aberto entre a escada, revelando a área abaixo do porão. Se o assassino visse seus pés antes dela poder avaliar a situação, ela poderia perder sua vantagem.

Respirou fundo e desceu as escadas o mais rápido que pode. Conforme descia, ela ouvia gritos da mulher e sons de luta. A mulher estava chorando agora, soltando gritos altos de horror.

Avery alcançou o final da escada e quando seus pés tocaram no concreto, tudo parecia acontecer em um frenesi acelerado, como se alguém tivesse apertado um botão de avanço rápido.

Avery levou um breve momento para entrar na cena. O completo absurdo daquilo tudo a fez hesitar por um momento.

O homem a escutou e virou para encara-la. Eles estavam em uma pequena área de um porão, com apenas uma pequena mesa de trabalho do lado direito da sala. Mas atrás do homem ela viu uma porta estranha que parecia quase que como uma porta pesada de uma geladeira ou freezer industrial. Uma mulher estava lá dentro, sendo derrubada e lutando para ficar em pé. Ao seu redor, haviam chamas subindo e descendo com uma rapidez surreal.

Avery apontou sua arma para o homem e deu três passos largos à frente. Ela deu uma boa olhada no rosto do homem. Lembrou da foto que o Agente Lewis havia mostrado no Skype.

Tenho certeza, este é Roosevelt Toms, ela pensou. Toms tem vivido com o nome falso de Jason Inge.

- Não se mexa. – Avery disse. – Deite no chão e –

Toms não a deixou terminar antes de se virar e bater a porta tipo industrial. Ela fez o mesmo som hidráulico que Avery havia escutado. Dentro, a mulher gritou, mas o som foi cortado quando a porta foi fechada. Toms então pegou uma grande prancha de madeira e trabalhou rapidamente para colocá-la entre o conjunto de alças que bloquearia a porta se a pessoa lá dentro *tentasse* escapar.

Avery correu para frente e empurrou Toms contra a parede. A parte de trás de sua cabeça atingiu com força a parede de concreto, e ele soltou um grito quando atingiu o chão. A placa que ele tentara usar para bloquear a porta caiu no chão. Avery não perdeu tempo, colocando as mãos em forma de U naquela porta pesada. Com um grunhido, ela abriu.

Uma intensa onda de calor correu por ela. Afastou-se um pouco e viu a mulher que estava lá dentro se aproximar. Ela estava gritando e se mexendo descontroladamente com um rastro de chamas atrás dela. Avery podia sentir o cheiro de roupas e cabelo queimado.

A mulher correu direto para Avery e elas caíram em um amontoado de pernas e braços. O braço direito de Avery girou embaixo dela e bateu com força no chão, deixando sua arma escorregar pelo chão e enviando um raio de dor em direção a seu ombro.

Ela rolou para longe da mulher em chamas, sentindo o fogo agora atingir suas calças. Com um empurrão que provavelmente foi muito forte, Avery mandou a mulher com força para a direita. Ela ainda estava gritando, rolando e tentando apagar as chamas. Avery, entretanto, procurou sua arma enquanto mantinha os olhos em Roosevelt Toms.

Ele estava se levantando e olhando a frente. Ao lado dele, as chamas dentro de sua pequena sala tortuosa continuavam a crescer. Elas estavam queimando furiosamente, agora saindo da porta. O barulho que o fogo fazia conforme crescia e consumia qualquer combustível que havia na sala era monstruoso.

Avery agarrou sua arma e olhou em volta da sala buscando algo que poderia ajudar a apagar as chamas que ainda estavam chamuscando na mulher no chão. Ela perguntou-se se a mulher era Sophia Lesbrook – que agora estava exalando um cheiro de carne queimada.

Não há nada aqui, Avery pensou. Nada para apagar essas chamas.

Sophia continuou a gritar e rolar, agora de uma maneira que lembrou Avery de um brinquedo de controle remoto quebrado. Pensando o mais rápido que podia, Avery arrancou a camisa de botões que usava, revelando

uma camiseta se alças finas embaixo. Os botões voaram em todas as direções, mas os ruídos que fariam quando caíssem no chão foram abafados pelo ruído do fogo dentro da pequena sala.

Ela foi até Sophia Lesbrook e jogou a camisa sobre ela, tentando o melhor que podia para diminuir as chamas. Fez isso várias vezes, quase como um ventilador. Parecia estar conseguindo diminuir as chamas um pouco, mas sentiu as próprias mãos queimando enquanto lutava contra o fogo que estava lentamente morrendo nos braços de Sophia e em sua perna direita.

Ela também continuou a olhar para Toms. Ele estava em pé agora, mas claramente atordoado com o golpe que levava na cabeça.

- Não se atreva a se mover. – Avery gritou para ele. – Fique onde está.

Ele piscou rapidamente, tentando limpar as teias de aranha em sua cabeça. Enquanto ela o observava, seu braço direito ficou quente e ela percebeu que uma chama remanescente de Sophia tinha subido em seu braço. Recuou e, então, Roosevelt Toms correu em sua direção.

Avery puxou sua Glock para cima e disparou um único tiro, enquanto Toms empurrou seus ombros em direção às costelas dela. Toms gritou de dor e Avery conseguiu empurrá-lo para o chão antes de cair novamente. Ela se aproximou dele e viu que seu tiro havia atingido no ombro direito. Ele estava no chão, tentando levantar sem usar sua mão direita.

Avery o chutou nas costelas e depois o empurrou com o pé. Quando ele estava de costas e olhando para ela, ela viu que ele tinha algo em suas mãos. Mas quando viu, já era um pouco tarde demais.

Era uma lata amarela de alguma coisa. Antes que ela pudesse descobrir o que era, ele estava espirrando algo em seu rosto. O cheiro que atingiu seu rosto era intenso e grosso.

Fluído de isqueiro...

Essa ideia passou pela mente dela enquanto tropeçava para trás. O líquido tinha entrado parcialmente em seus olhos e estava picando muito conforme ela tentava tira-lo. Ela enxugou os olhos, mas isso apenas piorou as coisas. O mundo era um borrão e ela mal podia distinguir formas ou cores.

Foi quando sentiu Toms chutar seu joelho direito. Ela sentiu o golpe, mas tinha bastante certeza que nada havia saído do lugar. Ainda assim, se ajoelhou no chão. Segurou sua arma e embora não pudesse ver nada, esperava que isso pudesse intimidar Toms.

Em vez disso, sentiu uma forte sensação de puxão em seu couro cabeludo quando ele agarrou seu cabelo. Sentiu um forte chute em seu estômago e ficou imediatamente sem ar. Ele então começou a lutar com ela pela arma. Mesmo sem poder enxergar, ela sabia que não podia deixa-lo pegar sua Glock. Se ele pegasse, a briga estaria terminada – sua vida poderia muito bem acabar, por um tiro ou sendo jogada em na fornalha improvisada dele.

Ela cambaleou, tendo em mente que ele estava com o ombro direito prejudicado pelo primeiro tiro. Então, mantendo sua pressão na mão direita e concentrando sua força ali, ela poderia ser capaz de alcançá-lo facilmente. Enquanto lutavam pela arma, ela continuou a ouvir Sophia Lesbrook gritando no chão. Também sentiu um calor intenso atrás dela e tentou lembrar a posição exata da porta na parede. Se lutasse muito perto dela, ele poderia facilmente jogá-la na fornalha.

Em vez disso, ela o sentiu empurrando-a para a esquerda, onde ela bateu contra a parede. Seus olhos estavam ardendo e seu estômago doía, mas ela não podia desistir. Lutou fortemente contra ele, sentindo a arma ainda em suas mãos conforme ele tentava pegá-la. Tentou ter uma ideia melhor de onde as mãos dele estavam na arma. Aproveitando uma chance, ela apontou para a direita, sentindo que ele estava sem forças ali.

Com um choro de desespero, Avery puxou o gatilho. Por um breve momento, sentiu ele soltar a arma. Ela abriu os olhos o máximo que pode, mas só viu borrões. Olhou diretamente para a frente e atirou. Mas o borrão continuava vindo em sua direção. Ela tentou atirar novamente, mas foi atingida na cintura. Novamente, foi arremessada contra a parede, mas dessa vez ela não deu tempo para Toms conseguir uma boa posição sobre ela. Jogou-se para trás, o empurrando com seu próprio peso para a direita, onde ele era incapaz de lutar. Ela o sentiu tentando fazê-la tropeçar e eles lutaram enquanto se moviam pela sala, com o fogo ainda em volta deles.

Após mais dois segundos de luta, pararam abruptamente. Havia atingido a pequena mesa que ela vira quando chegou na sala. Lutaram na mesa e alguma coisa caiu no chão fazendo um grande barulho. Mais uma vez, ela sentiu aquele cheiro químico que poderia ser butano ou propano.

- Você vai queimar aqui, sua puta. – Toms sussurrou.

Estúpido, ela pensou.

Quando ele falou, ela pode localizar exatamente onde ele estava. Ele quase sussurrou o comentário em sua orelha direita, o que significava que ele estava se inclinando nessa direção. Com um impulso de força, ela puxou

sua a mão (e, ao mesmo tempo a dele, já que eles continuavam a lutar pela arma) e atirou duas vezes.

Ela o sentiu soltando a arma imediatamente. Então, o ouviu batendo contra a mesa e depois no chão.

Incapaz de vê-lo, Avery não fazia ideia se ele estava morto ou não. As únicas coisas que ela tinha certeza eram que Sophia Lesbrook estava choramingando em algum lugar da sala e que o lugar estava ficando mais quente. Sem saber o que fazer, Avery cuspiu nos dedos e passou nos olhos, esperando que qualquer tipo de umidade pudesse limpar sua visão. Isso ajudou, mas não muito. A dor ainda estava lá e, embora conseguisse ver mais do que um borrão, as coisas ainda estavam indistintas.

- Sophia Lesbrook? – Ela perguntou.

- Unnh - foi a única resposta que ela recebeu.

- Você ainda está pegando fogo?

- Não. – sua voz estava trêmula e fraca, como uma criança assustada.

- O homem está morto?

Houve silêncio por um momento. Naquele silêncio, Avery sentiu o caminho ao longo da mesa que ela e Toms haviam colidido. Ela estava tentando buscar o caminho de volta para as escadas, mas estava muito desorientada devido a quase cegueira e ao calor.

- Eu acho que sim. – Sophia disse. – Mas o fogo... está fora daquela sala. Alguma coisa caiu... fora da mesa quando vocês lutaram. O fogo saiu da porta. Está aqui dentro conosco agora.

Merda, Avery pensou. Espero que o piso de concreto deixe o fogo lento o suficiente para que eu possa descobrir alguma coisa.

- Sophia, você pode andar? Quão gravemente você está ferida?

- Eu não sei... Eu – e então ela começou a chorar.

Eu preciso limpar meus olhos, Avery pensou. Se eu não sair daqui logo, serei queimada viva. Nós duas seremos.

Foi quando ela começou a sentir o cheiro de alguma coisa queimando. Alguma coisa como madeira. E o cheiro de qualquer químico que fora espirrado em seu rosto estava ainda mais forte.

- Sophia, você—

Mas a pergunta foi interrompida por um barulho muito forte que era quase como vento, acompanhado de um tremendo calor que, de tão rápido e intenso, jogou Avery no chão. Em um único momento, era como se todos os pelos do braço dela tivessem sido queimados.

Sophia Lesbrook começou a gritar novamente. Ela estava tentando falar, mas não dizia nada além de uma confusão frenética. Ainda assim, Avery tinha certeza de que sabia o que acontecera. Sophia havia falado que o fogo tinha saído da sala e acendido alguma coisa no porão. Aparentemente, aquele fogo havia encostado no mesmo produto químico que tinha sido espirrado em seu rosto – talvez algo que havia sido derramado na mesa.

Ok, ok, ela pensou, ficando em pé. Eu posso fazer isso. Eu vou cair algumas vezes, mas eu posso levar Sophia para as escadas e—

- Ele não está morto!

Era a voz de Sophia, quase histérica agora.

- Eu estava errada! Ele está—

Mas sua voz foi rapidamente cortada.

Ainda cega e agora quase tonta com tanto calor e sabendo que podia ser queimada viva a qualquer momento, Avery pegou sua arma em sua frente e deu alguns passos lentos para trás. A fumaça enchia o ar e entrava em suas narinas. Por um momento, ela pensou que aquilo podia ser uma réplica de como é o inferno.

Essa noção apenas se intensificou quando ela sentiu a primeira chama enconstar em sua perna, queimar suas calças e tocar na parte de baixo de seu corpo.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Avery tinha visto o quão rapidamente o fogo havia crescido naquela pequena fornalha improvisada. Ela imaginou se ele cresceria tão rapidamente fora da sala também, e teria então, talvez, trinta segundos para subir as escadas antes das chamas aumentarem. Ela poderia ser capaz de fazer isso mesmo estando cega... mas teria que deixar Sophia para trás.

Mais do que isso, se Toms ainda estivesse vivo, tornaria as coisas ainda mais difíceis. Sabendo que era inútil ficar no mesmo lugar – especialmente com uma chama atingindo suas calças e pernas – Avery deu um passo à frente, na direção que ela tinha certeza que Sophia estava. Felizmente, era a mesma direção que ela precisava ir para escapar do fogo que crescia atrás dela.

- Sophia, você pode vir até mim?

- Não. Ele está—

Avery começou a sentir com seus pés o corpo de Sophia enquanto ainda segurava sua Glock. Ela começou a sentir uma fumaça que parecia ficar mais espessa a cada segundo.

- Sophia, eu preciso que você vá para as escadas. Quando chegar lá, comece a me chamar. Eu não posso ver e eu—

Ela foi interrompida por um duro soco no rosto. Ouviu então um grito abafado – um choro de dor e de triunfo.

Como aquele filho da puta ainda estava vivo? Ela pensou. Sua mandíbula doía muito, mas ela tinha sido atingida de uma maneira que a fazia saber que ele não conseguira colocar toda sua força ali.

Ela se encostou na mesa e sentiu o calor intenso contra seus braços e nas costas. Ela gritou e tentou virar para a esquerda, mas outro soco a atingiu, dessa vez em seu estômago.

Virou-se, ligeiramente ofegante, e depois tossiu pela entrada repentina de fumaça. Quando se inclinou, disparou outro tiro. Quando fez isso, se aproximou sem ter ideia se havia atingido Toms ou não.

Então, foi atingida por trás. Caiu no chão e perdeu o controle de sua arma.

- Vá para as escadas, Sophia.

Era difícil respirar por causa do golpe em seu estômago e por conta da fumaça que estava enchendo a sala e seus pulmões. No entanto, ela recebeu uma benção; seus olhos estavam clareando um pouco. Ela podia agora ver Sophia Lesbrook, correndo em direção às escadas através de uma nuvem de fumaça e chamas. Atrás dela, na porta, o fogo saía da pequena sala e engolia uma pilha de papéis que havia caído da mesa, bem como a própria mesa. As chamas estavam grandes e aumentando, crescendo e atingindo o teto. Ela também viu um balde amassado e derretido entre os escombros. Perguntou-se se havia algum produto químico que causara a súbita intensidade do fogo que a derrubara.

Sentiu então algo estranho em suas costas, como se Roosevelt Toms tivesse caído sobre ela. Sentiu como se alguém estivesse derramando água sobre ela e então percebeu com horror que podia sentir o cheiro de propano ou butano ou qualquer merda que fosse aquilo de novo. Toms estava a molhando com aquilo.

- Deixe ela escapar. – Toms disse. – Eu não me importo. Você pode pegar o lugar dela.

Ela rolou com força e o empurrou. Quando o fez, inalou a fumaça muito rapidamente e começou a tossir de novo. A visão que ela acabara de recuperar ficou obscura novamente enquanto ela recuava. Engasgando na fumaça, ela se perguntava se iria se sufocar ou queimar primeiro.

Minha arma, ela pensou. Se ele pega-la antes de mim, um tiro na cabeça vai ser ainda mais rápido.

De repente, a sala se encheu de tiros.

Dois deles.

Avery ficou tensa, esperando pela dor, certa de que estava morta.

Três segundos passaram antes dela perceber que ainda estava respirando.

- Avery. – uma voz disse. Era uma voz que quase a fez começar a chorar. Ela choraria mais se a fumaça não estivesse a sufocando.

Era Ramirez.

Ela sentiu suas mãos em seus ombros.

- Você consegue levantar? – Ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça e se levantou. Balançou um pouco, mas se firmou nele.

- Eu não consigo enxergar. Ele espirrou alguma coisa em mim... algum tipo de... Ai Deus. Onde está Sophia?

- Ela está bem - Ramirez disse enquanto se dirigiam para as escadas. – Eu a mandei correr pela porta dos fundos. A sala de estar está começando a queimar. Vamos... você está cheirando fluído de isqueiro. Vamos subir antes que seja tarde demais.

Ela mal podia enxergar, e então Ramirez a guiou pelas escadas de madeira. Ela bateu as canelas algumas vez e quase caiu, mas Ramirez a segurou. Quando subiram as escadas e encontraram o corredor, Avery pode respirar pela primeira vez sem o perigo da fumaça.

Arrastou-se para a cozinha, onde a porta dos fundos estava aberta. O ar fresco foi uma benção... como água fria no deserto.

- Espera - ela disse. – Água... para os meus olhos.

Ramirez rapidamente a levou para a pia da cozinha. Quando ele a ajudou a molhar seus olhos com água, Avery percebeu que podia ouvir o barulho do lugar queimando. Madeiras estava estourando e a estrutura estava rangendo em volta deles. Lentamente, o cheiro de fumaça os encontrou na cozinha.

Enquanto Ramirez gentilmente a ajudou a limpar seus olhos, a primeira coisa que ela viu claramente era seu rosto. Sabendo que era uma grande perda de tempo, ela o abraçou e beijou. Ela quase começou a chorar, o que não era algo que fazia sempre. Ela conseguiu se segurar quando eles pararam de se beijar e correram para fora.

Avery desabou na grama do quintal, não muito longe de Sophia. Ramirez sentou-se ao lado dela na grama e ela ouviu quando ele ligou para os bombeiros para falar do incêndio e então ligou para O'Malley.

Avery tossia e se sentia fraca. Ela tinha certeza que havia desmaiado em algum ponto entre o momento em que Ramirez socorreu Sophia e quando ouvindo os primeiros barulhos de sirene de aproximando.

- Você quase morreu - Ramirez disse, olhando para ela.

- Eu sei - ela disse. – Tudo aconteceu tão rápido e eu perdi o controle.

- Eu sei. É assim que você é. Mas você está viva. Isso que é importante.

Avery assentiu e olhou para Sophia. Seus olhos estava, abertos, olhando para o céu escuro da noite. Ela estendeu e pegou a mão de Sophia.

- Como você está?

Sophia tentou falar, mas apenas chorou.

Aquele foi o único som no quintal até o primeiro de muitos caminhões de bombeiros chegarem três minutos depois.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Avery estava sentada na mesa, com O'Malley e Connelly do outro lado a olhando. Não havia acontecido muito coisa nas duas semanas que haviam passado desde que ela encontrara Roosevelt Toms em sua casa. Na verdade, a única coisa que Avery sentia de diferente era a cicatriz perdendo a cor em sua perna. Ela havia conseguido sair do inferno sem nada mais do que uma queimadura de segunda grau e um cansaço proveniente da inalação de fumaça.

Fora isso, quase tudo estava igual. E isso incluía a questão que O'Malley havia pedido que ela decidisse dezesseis dias antes.

Ela tentou se focar, excluindo as lembranças das chamas de sua cabeça.

Uma promoção, ela pensou. Eu gosto do que faço agora. Seu eu me tornar sargento, vou ter que lidar com mais assuntos políticos. Mas o respeito... o sentimento de dever cumprido...

- Avery?

Era Connelly. Sempre que ele queria ser o mais sincero possível, a chamava pelo primeiro nome. Diferente de O'Malley.

- Sim?

- A decisão é sua – ele disse. – Você não vai ser menosprezada se decidir não aceitar. E se você aceitar, isso só vai se concretizar no fim da semana que vem.

- Isso mesmo – O'Malley disse.

Avery encolheu os ombros.

- Eu não sei... Parece... tão inesperado, acho.

O'Malley suspirou e se inclinou para frente.

- Não é por conta do que aconteceu naquela casa, é?

- Como assim? – Ela perguntou.

- Você quase morreu – ele disse. – Se Ramirez tivesse chegado dez ou vinte segundos depois, você teria morrido. Eu já passei por isso. É algo que te assusta pra caralho. E você não precisa ter vergonha disso.

- Não. Não é isso.

O'Malley balançou a cabeça.

- Então... Isso é um não?

Avery deu um pequeno sorriso. Debaixo da mesa, sua cicatriz coçava.

- Essa oferta é só para agora? – Ela perguntou.

O'Malley e Connelly se olharam e encolheram os ombros juntos.

- Na verdade, provavelmente não – O'Malley disse.

- Então, por agora, é não.

Os dois homens assentiram. Ela tinha certeza de que eles já esperavam por aquilo. O'Malley bateu com os dedos na mesa e limpou sua garganta.

- Connelly, deixe-me falar com a Black a sós, pode ser?

Connelly saiu sem dizer nada e fechou a porta. Por um momento, O'Malley a olhou com muito interesse.

- Você já foi ver Sloane Miller desde que você voltou ao trabalho semana passada? – Ele perguntou.

- Não.

- Você acha que deveria?

Na verdade, ela não tinha ideia. Parecia tolo, mas ela também sabia a severidade da situação pela qual havia passado. Voltar a pensar naquilo era como estar no inferno.

- Sophia Lesbrook ainda está te mandando mensagens?

- Não recebo nada dela há três dias. Acho que ela finalmente quer deixar isso tudo para trás.

Sophia havia enviado mensagens para Avery muitas vezes por dia durante a primeira semana. Avery tinha certeza de que aquele era o jeito de Sophia de tentar racionalizar o que havia acontecido com ela. Sophia não tinha tido tanta sorte quanto Avery. Ao final de tudo, ela havia sofrido três queimaduras de terceiro grau no braço direito, uma nas costas, e uma de segunda grau no couro cabeludo. Ela havia estado mais do que agradecida nos primeiros dias e havia enviado mensagens para Avery como se elas fossem amigas da vida toda que haviam passado por um trauma juntas.

- Você está bem? – O'Malley perguntou.

- Sim – ela disse, mandando os pensamentos embora.

Mas na verdade, ela estava assustada. Ela quase morrera. E isso era algo difícil de aceitar.

Avery sentiu a cicatriz coçando debaixo da mesa. A cicatriz também a assustava.

Assim como Ramirez.

Ela havia tentado negar isso durante toda a semana, mas tinha quase certeza de que estava se apaixonando por ele. Se ela precisava de algo para ter certeza depois de todo o tempo que eles passaram juntos, fora o

sentimento de alívio e total confiança que ela sentira quando escutou ele chamar seu nome na câmara cheia de fumaça quando ela estava sem enxergar.

Ela sentia que precisava falar para ele, mas sabia que aquilo era uma má ideia. Isso mudaria não só a relação deles drasticamente (talvez até a terminaria, ela pensou), como também atrapalharia a relação profissional.

Pensando nele, ela de repente não queria mais estar na sala de conferências com O'Malley. Levantou-se e olhou para seu superior.

- Eu agradeço a oportunidade que você me deu, mas eu não estou pronta. Mas obrigada pela confiança e respeito.

- Você mereceu – O'Malley disse. – Agora saia daqui. Vou falar com você amanhã. E espero que você marque um horário com Sloane.

- Vou marcar – ela disse quando saiu pela porta, caminhando com a perna que ela começava a pensar que coçaria como forma de lembrança pelo resto de sua vida.

Algo que ela havia descoberto enquanto estava no hospital era que sua primeira reação estivera correta: o homem na casa era mesmo Roosevelt Toms. Ele estivera vivendo sob o pseudônimo de um antigo colega de quarto, Jason Inge, por cerca de onze meses—aparentemente o tempo em que ele havia começado a se preparar para os assassinatos.

Ele havia morrido com os tiros de Ramirez. Um no centro do rosto, o outro um pouco mais acima. Também havia sido atingido mais duas vezes pela arma de Avery, uma no ombro e outra na coxa. Seu corpo fora retirado dos destroços depois que os bombeiros extinguiram o fogo. Ele estava muito queimado, mas nem de perto tão queimado quanto as pessoas que havia matado.

Avery odiava o fato de que pensava em Roosevelt Toms sempre que via Ramirez agora. E aquilo estava acontecendo novamente enquanto eles estavam no apartamento dela, jantando. Ramirez havia trazido comida chinesa. Eles tinham planos para uma noite íntima mais tarde, mas ela não tinha certeza de que aquilo iria acontecer.

Sim, ele estava a assustando também. Ela não sabia se tinha energia para amar alguém naquele momento. No entanto, era muito bom estar ao lado dele.

O que eu faço?

- No que você está pensando? – Ele perguntou enquanto comiam.

- Roosevelt Toms – ela admitiu.

- Você tem que parar com isso – ele disse.

- Eu sei. Mas não consigo. Quase morri e você teve que matar ele. Digo, ele era... ele era um—

- Ele era um homem com uma história muito triste. Nós investigamos. O pai dele morreu e foi cremado quando Toms era jovem. Ele culpou sua mãe por isso, especialmente quando ela fez ele espalhar as cinzas. Posso contar essa história quantas vezes você quiser. Posso até ligar para a avó com quem eu falei e que nos deu essas informações.

Ela sorriu para ele, apreciando quão bem ele a conhecia. Ele estava contando a história que eles haviam descoberto porque sabia que isso traria lógica e a repetição das informações finalmente a faria se livrar dos pensamentos sobre Roosevelt Toms.

- Obrigada por me ajudar com isso – ela disse. – Obrigada mesmo. Eu sei que nem sempre eu te tratei da maneira que você *deveria* ser tratado.

- Avery?

- Sim?

- Eu me preocupo muito com você. E a não ser que eu escute dos seus lábios que você não quer nada comigo, eu sempre vou estar ao seu lado. Sempre que você precisar. Isso é uma promessa.

Sim, eu estou me apaixonando por ele.

Ela pegou na mão dele.

- Obrigada – disse, olhando em seus olhos. Pensou então que a noite poderia mesmo acabar na cama depois de tudo e—

O telefone dela vibrou na sala quando recebeu uma mensagem.

- Só um segundo – ela disse. Levantou-se da mesa e alcançou o telefone. Seu coração disparou quando leu o nome na tela.

Rose.

Ainda que fosse uma simples mensagem, Avery imaginou o que havia feito para merecer tamanha sorte que estava tendo desde que saíra da casa de Toms. A potencial promoção—que ela havia recusado—Ramirez a seu lado, e agora isso.

A mensagem dizia:

Percebi que é hora de te encontrar em algum lugar fora do hospital. Desculpe por ter sido tão besta. Estou sozinha e entediada e sem o Marcus hoje. Pensei se poderia te visitar para tomar vinho e assistir um filme brega.

Mesmo que tivesse a certeza de estar se apaixonando por Ramirez, ela não tinha dúvida do que escolher. Levou o celular até Ramirez e mostrou-o a mensagem. Ele riu quando terminou de ler, limpou a boca com um guardanapo e levantou-se. Começou a empacotar o resto de sua comida e disse:

- Não precisa dizer mais nada. Noite das garotas. Entendi.

- Entendeu mesmo?

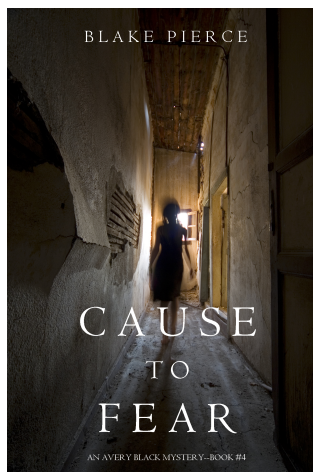
- Claro. Eu sei o quanto você quer acertar as coisas com ela. Eu sei que está te matando não ter visto ela desde que você saiu do hospital. Divirta-se.

Ele está sendo sincero, ela pensou.

Avery sorriu para ele e se aproximou. Colocou sua mão atrás do pescoço dele e o beijou com vontade. Em segundos, a força do beijo se transformou em algo mais leve, mais apaixonado. Quando o beijo terminou, eles estavam olhando um nos olhos do outro.

E ela viu que ele também estava assustado.

JÁ DISPONÍVEL PARA PRÉ-VENDA!



RAZÃO PARA TEMER
(Um mistério de Avery Black – Livro 4)

“Uma história dinâmica que prende a atenção desde o primeiro capítulo e não te solta mais.”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Do autor de suspenses número 1, Blake Pierce, a nova obra-prima do suspense psicológico: RAZÃO PARA TEMER (Um mistério de Avery Black – Livro 4).

Quando um corpo aparece flutuando sob o rio Charles, a polícia de Boston chama sua detetive de homicídios mais brilhante e controversa—Avery Black—para resolver o caso. Mas Avery não leva muito tempo para descobrir que aquilo não foi um assassinato isolado, e sim algo feito por um assassino em série.

Outros corpos começam a aparecer, todos com algo em comum: eles aparecem presos no gelo. Seria isso uma coincidência ou algum tipo de assinatura de um assassino particularmente perturbado?

Com a cobertura da mídia e sofrendo pressão de seus chefes, Avery luta para desvendar o caso inexplicável, bizarro até para sua mente brilhante. Ao

mesmo tempo, ela tenta deixar sua própria depressão de lado, enquanto sua vida pessoal para por um novo momento de baixa. Tudo isso enquanto ela tenta entrar na mente de um assassino psicótico e elusivo.

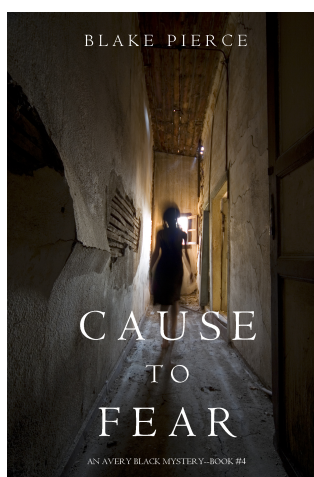
O que Avery encontrará chocará até ela própria, e a fará perceber que nada é o que parece—e a pior escuridão pode, às vezes, estar muito próxima de nós.

Uma história psicológica obscura com um suspense perturbador, RAZÃO PARA TEMER é o livro 4 de uma nova série fascinante e de uma nova personagem amada, que o farão ler páginas e páginas noite adentro.

O livro 5 da série Avery Black estará disponível em breve.

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. A história é muito interessante e vai lhe entreter durante todo o livro. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)



RAZÃO PARA TEMER
(Um mistério de Avery Black – Livro 4)

Você sabia que eu já escrevi muitas histórias de mistérios? Se você não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download do primeiro livro de cada uma delas!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro nº1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro nº2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro nº4)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro nº1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro nº2)